



**INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**OS DESIGREJADOS NO CONTEXTO
RELIGIOSO EVANGÉLICO BRASILEIRO**

ROGERIO DE SOUZA GUIMARÃES

PORTO ALEGRE, MAIO, 2021.



**INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

OS DESIGREJADOS NO CONTEXTO RELIGIOSO EVANGÉLICO BRASILEIRO

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Ciências Sociais como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Emerson Alessandro Giumbelli

ROGERIO DE SOUZA GUIMARÃES

PORTO ALEGRE, MAIO, 2021.

ROGERIO DE SOUZA GUIMARÃES

**OS DESIGREJADOS NO CONTEXTO
RELIGIOSO EVANGÉLICO BRASILEIRO**

Monografia aprovada em 27 de maio de 2021, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Prof. Dr. Emerson Alessandro Giumbelli

Departamento de Antropologia/UFRGS
(Orientador)

Prof. Dr. Vítor Aquino de Queiroz Davila Teixeira

Departamento de Antropologia/UFRGS
(Avaliador convidado)

Prof. Dr. Marcelo Tadvall Batista

Doutor PPGAS/UFRGS
(Avaliador convidado)

PORTO ALEGRE, MAIO, 2021.

RESUMO

O censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano de 2010 apresentou um número superior a nove milhões de brasileiros compondo a categoria de religião evangélica não determinada. Neste trabalho procuro interpretar em que consiste essa nova informação trazida pelo censo e de que modo, nos números e nas formas de composição desse grupo de religiosos, estão retratados os cristãos evangélicos desigrejados, que preferem vivenciar sua fé sem declarar-se pertencente a esta ou aquela denominação. Além disso, defendo que não seja apenas nessa categoria que se encontram os desigrejados no censo, mas que podemos encontrá-los também na categoria dos sem religião. A partir dessas interpretações, caracterizo esses desigrejados como sendo mais um exemplo de fracionamento pelos quais a cristandade vem passando nos últimos dois mil anos, falando sobre quem eles são, seus problemas, controvérsias, dissensões e suas semelhanças e diferenças com aqueles a que se contrapõem, os cristãos evangélicos igrejados. Apresento esse grupo de cristãos que alegam ter precisado romper com o sistema religioso evangélico a fim de se sentirem livres para praticar sua fé, tendo por base uma pesquisa de cunho etnográfico virtual que realizei lançando mão tanto de livros, sítios de internet e blogs, quanto de uma propriamente dita pesquisa de campo, que se deu com o uso do Facebook, seja acessando páginas de grupos de desigrejados, seja realizando entrevistas com pessoas usando o *in box* da rede social.

Palavras-chave: desigrejados, evangélicos, censo do IBGE de 2010, etnografia virtual.

ABSTRACT

The census carried out by the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE) in 2010 showed that more than 9 million Brazilians make up the category of undetermined evangelical religion. In the present study, I try to interpret what this new information brought by the census consists of and how it is pictured, considering the numbers and the forms of composition of this religious group, the churchless evangelical Christians who prefer to live their faith without declaring themselves belonging to any specific denomination. In addition, I argue that it is not only in this category that those without a church are found in the census, but that we can also find them in the category of people without religion. Based on these interpretations, I conceptualize these churchless as being another example of segmentation that Christendom has been going through in the last two thousand years, talking about who they are and dealing with their problems, controversies, dissensions, similarities and differences with those they oppose, the evangelical Christian churches. In this paper, I present this group of Christians who claim to have had to break up with the evangelical religious system in order to feel free to practice their faith, based both on a virtual ethnographic research that I carried out resorting to books, websites and blogs, and on a field research, held on the Facebook platform, either by accessing pages of groups of churchless, or by conducting interviews with people using the box in the social network.

Keywords: churchless, evangelicals, IBGE 2010 census, virtual ethnography.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
1. HISTÓRIA E DIFERENCIAÇÕES	16
1.1. Evangélicos: origem e fracionamentos	16
1.2. Evangélicos no Brasil e seu crescimento	24
2. OS SEM RELIGIÃO, OS EVANGÉLICOS NÃO DETERMINADOS E OS DESIGREJADOS NO CENSO DO IBGE DE 2010	34
2.1. Números e problemas do censo do IBGE de 2010	34
2.2. Os sem religião	42
2.3. Os evangélicos não determinados	45
3. DESIGREJADOS E IGREJADOS	53
3.1. Os desigrejados	53
3.2. Igrejados x desigrejados	65
4. A PESQUISA ETNOGRÁFICA VIRTUAL	72
4.1. A experiência etnográfica	72
4.2. Perfil da amostra	77
4.3. Considerações a partir das respostas	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	96

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata de antropologia da religião, sendo a religião abordada o cristianismo e, dentro dele, o segmento evangélico com seus fracionamentos, notadamente aquele que considero ser o fenômeno que vem produzindo a mais nova ruptura no seu seio, os desigrejados.

Eles são um movimento religioso que tem por pretensão vivenciar sua fé sem declarar-se pertencente a esta ou aquela denominação, e alegam ter precisado romper com o sistema religioso evangélico a fim de se sentirem livres para poder praticá-la através de um compartilhar a vida uns com os outros, fortalecendo-se mutuamente através da comunhão, de conversas, conselhos e oração, sem uma subordinação a autoridades eclesiásticas ou a ter de seguir um conjunto de regras pré-estabelecidas.

O propósito de ter me empenhado no desenvolvimento de uma pesquisa acadêmica que me tornasse possível elaborar este texto que ora apresento, consiste em buscar responder quem são os desigrejados, como constroem sua identidade e como vivem a vida de fé e comunhão fora do sistema religioso evangélico.

A fim de tentar lograr êxito nesse meu intento, acabei percorrendo um caminho que começou no segundo semestre de 2015 e se estendeu até agora.

Dois anos antes, no segundo semestre de 2013, pedi ingresso como diplomado para o bacharelado em Ciências Sociais na UFRGS, e foi ao longo do curso que passei a ter uma ideia mais real do que é a antropologia. Devo confessar que me surpreendi; e quando vi que assuntos religiosos são contemplados por ela, percebi que por ali iria meu caminho. Passei a direcionar o curso para esse viés através das disciplinas eletivas e acabei mudando minha intenção de fazer meu TCC em sociologia para fazê-lo em antropologia. De modo que se hoje tenho essa paixão pela área (embora não menospreze a sociologia) a "culpa" é dos bons professores que me mostraram os encantos da mesma.

Uma das matérias eletivas que escolhi fazer foi justamente Antropologia da Religião. E foi ali, meio que por acaso, que descobri os desigrejados. Na primeira aula, o professor combinou com a turma como seria a avaliação. Ele queria um trabalho na forma de artigo sobre um tema que tratasse de religião e antropologia. Fiquei pensando sobre o que escreveria no tal trabalho e lembrei que nas férias do meio do ano de 2015 eu havia

feito uma busca no Google, e depois no Facebook, sobre pessoas que fossem como eu, ou seja, que tivessem sido evangélicas mas que hoje vivem fora das denominações, porém procurando manter a fé e a comunhão com outros crentes. Eu havia encontrado alguma coisa sobre isso e então disse ao professor que iria fazer o trabalho sobre essa temática. Ficou tudo acertado. Mas, na ocasião em que falou sobre o trabalho da disciplina, o professor disse que teríamos de ir a campo pesquisar. Então me preocupei, porque, a princípio, não tem como ir a campo para encontrar os desigrejados, pois o "mundo que habitam" é o ciberespaço. Foi aí que ele me trouxe uma grande novidade da qual eu não fazia a menor ideia. Ele me disse que o método utilizado para se fazer pesquisa dentro da antropologia era o método etnográfico, que consiste no pesquisador ir até o grupo pesquisado e lá realizar seu trabalho, e que diante dos novos tempos, havia surgido e já alguns praticavam uma proposta de se utilizar o mesmo método (com as devidas adaptações próprias ao ambiente ciber) a fim de se efetuar uma pesquisa etnográfica de forma virtual.

Passei a procurar sobre isso e fui achando coisas que me encantaram. Agora eu não apenas tinha um tema que me interessava sobremaneira, como eu tinha a possibilidade de fazer todo o trabalho etnográfico de forma virtual, o que pra mim, pelas minhas condições de falta de tempo para me deslocar até um campo de pesquisa físico, se encaixava perfeitamente. Nesse ambiente virtual onde me era possível encontrar os desigrejados, travei meus primeiros contatos com os mesmos e com alguns materiais que haviam até então sido produzidos sobre eles. Fiz o trabalho da disciplina e o interesse sobre os desigrejados ganhou tamanha importância para mim que se transformou em tema para trabalhos de outras disciplinas do curso e num dos grandes projetos da minha vida, sobre o qual continuarei a pesquisar após a conclusão da faculdade. Foi aí que passei a pensar seriamente em mudar meu tema de TCC para nele também tratar dos desigrejados, quando chegasse o momento.

Um dia encontrei o professor daquela disciplina de Antropologia da Religião pelo campus e ele me perguntou como andavam as coisas sobre o TCC. Eu falei da minha vontade em mudar de tema para os desigrejados mas que precisaria encontrar alguém que me orientasse sobre isso. Ele se ofereceu para ser o orientador e então tudo ficou acertado. O professor orientador me deu todas as orientações, discutimos a constituição do trabalho, apresentei a ele o que eu queria fazer, ele aproveitou algumas coisas, sugeriu outras e chegamos a um denominador comum. Ele me indicou partes de livros, fiz cópias, comprei

outros livros, baixei coisas da internet e me vi pronto para começar a fazer a pesquisa a fim de escrever o TCC.

Mas aí comecei a ter diversos tipos de problemas de ordem pessoal que me levaram a ficar me atrasando com a elaboração do trabalho. Mesmo em meio a todos esses problemas consegui fazer a pesquisa de campo. Foi fantástico fazer as entrevistas. Aprendi demais. Tanto do ponto de vista de fazer pesquisa, como de conteúdo sobre os desigrejados. É impressionante como se cresce fazendo pesquisa. O orientador sempre me ajudou muito, tendo toda paciência do mundo, diante das minhas dificuldades em levar a cabo o TCC por causa dos problemas pessoais que já referi. Mas chegou certo momento em que ele chamou minha atenção para o fato de que não poderia mais continuar a me orientar porque terminaria seu vínculo com a universidade. Chateado com a situação, mas consciente de que são daquelas coisas da vida que não temos como remediar, procurei outro professor para me orientar, o qual prontamente aceitou e depois de fazermos os ajustes necessários, passou a me orientar com toda boa vontade e disposição. Tanto que credito a ele boa parte do resultado deste TCC, pois suas recomendações me abriram os olhos e me levaram a outro patamar de conhecimento sobre muita coisa que envolve uma pesquisa de cunho antropológico, especialmente tendo por tema a questão religiosa.

Falando sobre questões religiosas do nosso tempo, não tem como deixar de observar o crescimento do mundo evangélico no país, a ponto de muitos de seus líderes pensarem que podem se tornar maioria do povo brasileiro em anos futuros. Esse crescimento é tão significativo que acaba sendo causador de muitas transformações na sociedade. Dentro desse quadro, penso ser bastante pertinente se abordar um movimento religioso que se pretende desprender do sistema evangélico pátrio, questionando profundamente o que entende serem desvios da vida de fé praticados por esse segmento cristão. Uma pesquisa, dentro de uma perspectiva antropológica, que se debruce sobre a religiosidade de determinado agrupamento humano, como os desigrejados, que critica esse ambiente religioso evangélico, permite o estudo das crenças e práticas religiosas dos mesmos, revelando em que eles se contrapõem ao sistema religioso de onde provêm e que efeitos isso poderá vir a ter no futuro em relação à sociedade como um todo e à cultura evangélica em particular.

Creio na importância de um trabalho como este, que pode vir a servir de instrumento de esclarecimento não somente à academia sobre o tema, como também na

relevância social da pesquisa, pelo valor que ela pode assumir para a comunidade estudada, o que é importante em termos éticos.

Isso nos leva à questão da autoridade etnográfica. Quem decide o que deve ser pesquisado, de que forma e o que deve constar na elaboração do texto resultante dessa pesquisa? O que vale é a visão de quem faz a pesquisa e descreve o pesquisado a partir do entendimento que ele pesquisador passa a ter em contato com o pesquisado, ou a visão que vale é a do pesquisado, sendo o papel do pesquisador mostrar o fenômeno a partir do que o pesquisado fala? Ou haveria uma terceira situação, na qual o pesquisador mostra o fenômeno a partir do que o pesquisado fala, mas também coloca suas impressões a respeito do que ele, pesquisador, entendeu, enaltecendo quando está presente uma e outra? Particularmente, me inclino mais por essa última. Claro que sempre é preciso ter cuidado, vigilância epistemológica, para não beber em demasia na boca do interlocutor, assumindo o ponto de vista do nativo sem a devida problematização e/ou aviltar sobremaneira a posição, opinião e olhar do pesquisador sobre o tema pesquisado. Entendo que seja fundamental cuidar para estabelecer esse equilíbrio. E isso procurei fazer ao longo da pesquisa e da elaboração deste texto.

Essa preocupação ocupou-me o tempo inteiro, o que me levou a buscar a todo instante (penso ter conseguido), mesmo sendo um "nativo" (posto que também sou um desigrejado e, portanto, conhecedor do mundo evangélico por dentro), não deixar essa condição me atrapalhar eticamente com minhas posições a cerca dos desigrejados, cuidando sempre em estabelecer os devidos limites, distanciamentos, aproximações e equilíbrio necessários entre o "eu nativo" e o "eu antropólogo" ou "eu pesquisador".

Sempre mantive, enquanto pesquisador, uma preocupação ética comigo mesmo (o que me levou a sempre ter em mente que tinha de ter isonomia e deslocamento ao fazer a pesquisa) e com o outro (como, por exemplo, em relação à questão de não citar os nomes dos meus interlocutores e sim usar um codinome).

Penso que cuidar disso seja deveras importante pois "falar de dentro", com conhecimento de causa, como se diz, é algo muito bem-vindo, contanto que os limites sejam bem traçados, procurando não assumir diretamente a perspectiva do campo sem problematizá-la; mostrando que, do ponto de vista antropológico, ela pode ser pensada sobre tais ou tais outras formas, ou seja, trata-se de um desafio para quem se pretende pesquisador, o qual se conhecerá fazendo, na experiência real.

Devo confessar que não foi uma experiência de todo fácil manter o necessário distanciamento, o esperado não envolvimento, posto que me sentia, por muitas vezes, como num fio de navalha, devido a minha condição nativa, que por momentos me levava a me envolver demais com as discussões, por exemplo. Mas penso ter conseguido lograr êxito em minha façanha e ser um nativo também teve sua relevância, como por exemplo na elaboração das perguntas para as entrevistas, pois ser do meio me facilitou saber o que perguntar mais especificamente, sem contudo limitar com minhas perguntas o falar do meu interlocutor.

O fundamental num trabalho como esse, nas condições em que me encontrava, tratando de um tema que me diz respeito pessoalmente, é se ter em mente que nos estudos antropológicos sempre cabem diferentes visões e todas elas são importantes, pois não se trata, ao cabo, de um exercício de convencimento, mas antes, de amostragem do social.

Ao longo da pesquisa e da elaboração deste texto, entendi que se tornava necessário trazer um esclarecimento sobre uma palavra que, por ter diferentes empregos, acaba por vezes sendo usada de maneira inapropriada (mesmo sem intenção de assim se proceder), podendo causar confusão no entendimento do que se quer dizer. Essa palavra é: igreja.

Essa diferenciação de sentidos em que a palavra igreja é usada, penso ser importante deixar claro, trago a partir da maneira como eles são compreendidos dentro do mundo evangélico, constituindo-se portanto numa visão êmica sobre a palavra.

Um primeiro sentido para a palavra igreja, temos quando a mesma é empregada no sentido de se querer mencionar o nome sob o qual aquele grupo de cristãos se reúne. Nesse caso deve-se entender igreja como denominação ou confissão, que é um conjunto de crenças e práticas de fiéis unidos pela mesma fé e que celebram as mesmas doutrinas religiosas. Por exemplo: Igreja Evangélica Assembléia de Deus, Igreja Evangélica de Confissão Luterana.

Outro sentido para a palavra igreja pode ser encontrado quando ela é usada no sentido de se querer referir ao local físico onde as pessoas se reúnem a fim de realizar o culto pessoal e/ou coletivo. Nesse caso deve-se entender igreja como templo.

Um terceiro sentido para a palavra igreja, encontramos quando nos referimos ao grupo dos que creem, geralmente composto por um corpo de sacerdotes hierarquizado e uma membresia. Aqui deve-se entender igreja como comunidade.

Temos ainda outro sentido para a palavra igreja quando nos referimos a todo um sistema de preceitos dogmáticos, ritos e crenças. Dizemos então que estamos falando de igreja enquanto instituição.

Por fim temos o sentido da palavra igreja entendido como se referindo ao corpo místico de Jesus. Esse seria o conjunto formado por todos aqueles que afirmam terem passado pelo processo de conversão à pessoa de Jesus, aceitando-o como salvador de seus pecados e senhor de suas vidas (novo nascimento), independente da época e lugar em que viveram/vivem, a cor de sua pele, para que time torçam, em que partido político confiam. O ponto que une esse contingente e os considera em conjunto como igreja é sua declaração de que num dado momento de suas vidas optaram voluntariamente por seguirem o Cristo. Usa-se o termo corpo místico de Jesus entendendo-se que a igreja seja formada pelos membros desse corpo que tem Jesus como cabeça.

Para os desigrejados (praticamente quase de forma unânime), a partir da visão que defendem do que está escrito na bíblia, a palavra igreja deve ser entendida e empregada apenas no sentido de corpo místico de Jesus. Numa fala colhida em um grupo de desigrejados no qual eu fazia observação participante, vemos bem o que eles pensam sobre o que seja igreja: "Na verdade, a palavra "igreja" vem da palavra "ekklesia", cujo significado é "chamados para fora", ou seja, a Igreja são os cristãos que, por meio do novo nascimento, foram chamados para fora do império das trevas para o reino do Filho muito Amado de Deus. Ou seja, no nosso espírito regenerado pelo novo nascimento (justificação) temos comunhão com O Cristo ressurreto e exaltado nas alturas, na nossa alma (mente, emoção e vontade), temos a santificação, que é a experiência real de Cristo vivendo em nós e o nosso corpo, que por causa da nossa morte juntamente com Cristo está "morto para o pecado", se torna um "servo da justiça" para servirmos ao Senhor. Isto é SER Igreja de acordo com o ensino do Novo Testamento."

Já que falei da visão êmica sobre a palavra igreja, penso ser importante deixar consignado que sei existir outro entendimento entre os estudiosos do mundo religioso o qual diz que (pensando-se num modelo proposto por Durkheim em sua obra "As formas elementares da vida religiosa") igreja é um grupo religioso organizado e institucionalizado. Tratando-se aqui de uma sociedade cujos membros representam da mesma maneira o mundo sagrado e suas relações com o mundo profano.

Ao longo do trabalho, se não fizer menção diferente, uso a palavra igreja sempre no sentido de denominação.

Levar a cabo a pesquisa e a elaboração do presente texto constituiu-se em algo bastante prazeroso, embora tenha havido alguns percalços devido aos meus problemas de ordem pessoal a que já me referi e que fizeram o trabalho como um todo perdurar no tempo. Mas entendo que o importante foi todo o aprendizado que obtive no tocante ao tema que escolhi pesquisar e também em como proceder a pesquisa. Para realizar tudo, tive de percorrer alguns caminhos que procuro mostrar a partir dessas palavras que seguem onde trato da metodologia que utilizei.

A pesquisa se deu em duas frentes: uma de cunho bibliográfico, onde lancei mão de livros, jornal, revistas, sítios de internet, blogs e periódicos eletrônicos; e outra que consistiu em ir a campo pesquisar (no caso, esse campo era virtual), onde empreguei a técnica de observação participante e a realização de entrevistas semi-estruturadas, a fim de obter informações e dados necessários para escrever sobre os desigrejados.

Minhas observações realizei em grupos de desigrejados no Facebook, onde tive a liberdade de participar das discussões colocadas nos posts e conhecer pessoas com as mais diferentes visões sobre o que venha a ser um desigrejado e como viver a vida de fé afastado das denominações. Foi nesses grupos que encontrei aqueles que viriam ser meus interlocutores quando da realização das entrevistas usando o *in box* da rede social. Essas entrevistas se estenderam de julho a novembro de 2017 e foram muito longas, tendo a menor delas durado 2 h. e 58 minutos e a maior delas durado 5 h. e 20 minutos. Todas muito cansativas, mas extremamente produtivas. No capítulo final deste trabalho, onde trato da pesquisa etnográfica virtual, apresento pormenores acerca de como procedi para montar o perfil da minha amostra de pesquisa e como se formou o grupo dos meus entrevistados, a quem garanti, desde os primeiros contatos, que a eles seria atribuído um codinome a fim de manter seu total anonimato.

É importante deixar firmado que todo o conhecimento obtido a partir das diversas leituras, das interações com as pessoas quando das observações participantes nos grupos de desigrejados, e das respostas apresentadas pelos meus interlocutores quando da realização das entrevistas, encontra-se diluído por todo este trabalho, desde esta introdução, passando ao longo dos capítulos, até as considerações finais.

Todos os passos que dei na concretização dessa pesquisa e escrita deste texto resultaram num trabalho com a configuração que segue.

No capítulo 1 (História e diferenciações), trato da presença e crescimento dos evangélicos no país, apresentando os desigrejados como um movimento cristão oriundo

desse campo religioso e contextualizando seu surgimento como mais um dos sucessivos fracionamentos que ocorreram dentro dessa parcela da cristandade ao longo da história. Esse capítulo se divide em duas seções.

Na primeira seção (Evangélicos: origem e fracionamentos), começo falando, a partir do pensamento de Bourdieu, sobre campo religioso, passando a discorrer sobre diferentes fracionamentos ocorridos na cristandade ao longo dos séculos a partir da contestação feita à hegemonia da ICAR (Igreja Católica Apostólica Romana), pela Reforma Protestante com suas quatro tradições principais (luterana, anabatista, reformadora e anglicana), tratando dos fracionamentos dentro dos fracionamentos da Reforma Protestante (quakers, pietistas e metodistas) e do movimento evangélico que envolve os dois grandes despertamentos ocorridos nos EUA, de onde decorre o grande fluxo missionário mundo afora, incluído aí o Brasil.

Na segunda seção (Evangélicos no Brasil e seu crescimento), falo sobre a presença evangélica no Brasil, usando os três períodos da nossa história (colônia, império e república) para chegar nos dias atuais, passando pelo advento das três ondas do pentecostalismo brasileiro e pelos dados do censo do IBGE de 2010 que mostra o crescimento dos evangélicos e um significativo destaque estatístico (para o censo e estudiosos) constituído por "evangélicos não determinados", dentro dos quais considero estar parte dos desigrejados.

No capítulo 2 (Os sem religião, os evangélicos não determinados e os desigrejados no censo do IBGE de 2010), abordo os desigrejados como um movimento cristão oriundo do campo religioso evangélico, procurando contextualizar sua inserção dentro das categorias denominadas de sem religião e de evangélicos não determinados, trazidas à luz pelo censo do IBGE de 2010. Esse capítulo se divide em três seções.

Na primeira seção (Números e problemas do censo do IBGE de 2010), trato sobre os diferentes números que o censo trouxe no que diz respeito à questão religiosa, e sobre os quais se debruçaram diferentes estudiosos a fim de tentar decifrar o significado que eles continham quanto às tendências de transformação do campo religioso brasileiro, bem como para apontar problemas quanto à interpretação dos mesmos devido à metodologia empregada pela atividade censitária.

Na segunda seção (Os sem religião), falo sobre um contingente de respondentes ao censo cujo crescimento nos números chamou a atenção: os sem religião. Ao tratar da

possível constituição desse agrupamento, busco mostrar a possibilidade de que meus pesquisados, os desigrejados, possam fazer parte do mesmo.

Na terceira seção (Os evangélicos não determinados), começo falando acerca do expressivo número de recenseados que se manifestaram se dizendo evangélicos, porém sem declinar pertença a uma denominação específica, o que resultou na colocação dos mesmos, por parte dos elaboradores do censo, numa categoria intitulada evangélicos não determinados. Procuro ainda nesta seção demonstrar que dentro dessa categoria se encontram não apenas cristãos oriundos de diferentes setores evangélicos, mas também aqueles que denomino desigrejados.

No capítulo 3 (Desigrejados e igrejados), abordo os desigrejados, tratando de quem eles são, seus problemas, controvérsias, dissensões e suas semelhanças e diferenças com aqueles a que se contrapõem, os igrejados, bem como apresento algumas das razões desses não aceitarem as proposições daqueles. Esse capítulo se divide em duas seções.

Na primeira seção (Os desigrejados), falo mais profundamente sobre o que é um desigrejado, tratando desde a origem do termo, passando pelas resistências ao seu uso, explicando porque escolhi mantê-lo neste trabalho, bem como mostrando como se dá a construção da identidade desigrejada em contraponto ao posicionamento dos que a eles se opõem, os igrejados. Além disso, apresento uma relação de formas de ser desigrejado, fruto de minha construção pessoal a partir da bibliografia lida, consultas em sítios de internet, observações participantes que realizei quando interagi em grupos de desigrejados no Facebook, e das entrevistas que realizei com desigrejados, também através da rede social citada.

Na segunda seção (Igrejados x desigrejados), trato da oposição feita pelos evangélicos que permanecem nas denominações, que eu chamo de igrejados, às pessoas que constituem meu grupo de pesquisa, os desigrejados, mostrando alguns de seus argumentos e atitudes diante da situação que se fez notar com o grande estardalhaço após os dados do censo de 2010 da existência de um enorme contingente de cristãos que resolveram abrir mão de uma vida denominacional sem no entanto abrir mão da fé cristã; bem como apresento alguns motivos que os igrejados entendem possam ter levado a esse abandono denominacional.

No capítulo 4 (A pesquisa etnográfica virtual), falo sobre minha pesquisa etnográfica virtual usando a rede social Facebook, apresentando resultados da mesma a partir das observações participantes que realizei, bem como dos perfis daqueles que foram

meus interlocutores nas entrevistas realizadas, a fim de poder tratar sobre os desigrejados. Esse capítulo se divide em três seções.

Na primeira seção (A experiência etnográfica), trato sobre pesquisa etnográfica, mencionando rapidamente controvérsias quanto a que termo traduz melhor a aplicação da mesma no mundo ciber, e abordo as técnicas de observação participante e entrevistas, contando como as apliquei, apresentando as perguntas feitas aos meus interlocutores, bem como a forma como se deu a construção da minha amostra.

Na segunda seção (Perfil da amostra), apresento o perfil dos que foram meus interlocutores nas entrevistas e conto como convidei as pessoas a colaborarem comigo na realização da minha pesquisa, além de relatar o que decorreu dessa abordagem.

Na terceira seção (Considerações a partir das respostas), falo tanto acerca de questões que surgiram de respostas que me foram dadas por pessoas que optaram por não me conceder entrevista, quanto de informações extraídas das respostas que meus interlocutores me deram nas entrevistas. Apresento uma síntese dos resultados acerca de uma série de tópicos sobre relações, conflitos, diversidade na prática da vida de fé, trajetórias de vida, itinerância religiosa dos desigrejados, relações endogâmicas (entre os diferentes tipos de desigrejados), exogâmicas (entre os desigrejados e os igrejados) e sobre o significado que tem para os desigrejados ser desigrejado, bem como, em suas opiniões, de que forma toda essa experiência pode contribuir para a construção de uma nova cultura religiosa cristã.

Na parte final do trabalho, à guisa de considerações finais, reforço alguns pontos atingidos pelas análises e levanto algumas sugestões para serem pensadas, como por exemplo considerar os desigrejados como pós-evangélicos.

HISTÓRIA E DIFERENCIAÇÕES

Neste capítulo trato da presença e crescimento dos evangélicos no país, apresentando os desigrejados como um movimento cristão oriundo desse campo religioso e contextualizando seu surgimento como mais um dos sucessivos fracionamentos que ocorreram dentro dessa parcela da cristandade ao longo da história.

1.1. Evangélicos: origem e fracionamentos

A proposta aqui esboçada busca evidenciar a existência de um novo fracionamento no seio dos evangélicos. Essa divisão a que me refiro é provocada por um movimento chamado: os desigrejados.

Ao falar-se em desigrejados é preciso ter presente que o termo carrega em si algum tipo de controvérsia. Dentre as muitas possibilidades para tentar se referir corretamente à pessoa que encontra-se nessa condição, temos as expressões: dessistematizado, desinstitucionalizado e sem igreja, dentre tantas outras de menor uso. No capítulo 3 deste trabalho me deterei sobre cada uma dessas expressões, mas creio ser interessante, neste momento, já deixar claro que usarei o termo desigrejado como expressão mais apropriada, pois o mesmo permite esclarecer o uso de outra expressão também controversa: igreja; a qual já foi objeto de explicação, na introdução deste trabalho, acerca de suas diferentes aplicações.

É importante frisar que o limite desta abordagem encontra-se dentro do campo cristão evangélico brasileiro. Se o fenômeno dos desigrejados ocorre em outras vertentes cristãs, não é interesse, neste momento, se averiguar; ficando, desde já, como sugestão para novas pesquisas.

Já que mencionei estar este trabalho relacionado ao campo cristão evangélico brasileiro, penso ser apropriado pensarmos no que nos ensinou Bourdieu (2007) a respeito dessa questão: o campo.

Para ele campo é um microcosmo dotado de regras próprias, com sua história, de posições determinadas a priori, tendo uma autonomia relativa, uma vez que a ação do agente já está disposta no sentido de que ele terá a possibilidade de efetivá-la seguindo apenas na conformidade daquele caminho onde se dão as relações institucionais. Nesse espaço de poder simbólico, que é o campo, as lutas dos agentes determinam, validam e legitimam representações, fazendo com que ele, campo, constitua-se num espaço de embates e de rearranjos. Os símbolos afirmam-se, assim, na noção de prática, como os instrumentos por excelência de integração social, tornando possível a reprodução da ordem estabelecida. Essas disputas só levarão ao êxito aqueles que souberem lidar com as regras e maneiras de agir já estabelecidas e para conseguir isso o sujeito terá de deter um capital social (ou simbólico) específico a mais que os outros, pois a estrutura desse espaço está pautada numa desigualdade de distribuição deste capital social, ou seja de poder.

O campo é um espaço social com relações de poder. Dessa desigual distribuição do capital social surgem dois elementos: dominantes e dominados. A disputa é por acúmulo e maximização de capital para galgar posições dentro do campo. Mas isso só acontecerá se as condições internas e a posição ocupada dentro do campo o permitirem. Do contrário os esforços serão em vão. E aí, se o sujeito dentro do campo, não tiver as condições favoráveis para a disputa, terá a opção de se conformar ao estabelecido pelos que conseguiram essas condições ou de se retirar daquele campo e tentar a vida em outro (se não for expulso antes). Bourdieu afirma, tratando do campo religioso, que o dominante é o conjunto de pessoas que detém o capital simbólico específico desse campo, composto por regras, crenças, técnicas, conhecimentos, história e hierarquia. Ao fazer uso desse capital simbólico, o dominante busca manter-se no poder, fundamentando sua autoridade com base nesse capital simbólico e tendendo à defesa da ortodoxia e à busca pela exclusão dos que adotam o que consideram estratégias de subversão (rebeldes, no jargão evangélico), para construir a sua legitimidade própria.

Se pensarmos isso a partir do campo religioso evangélico e suas constantes disputas internas, poderemos entender, em parte, o porquê de ocorrerem tantos fracionamentos em seu seio. Tendo em conta o que o autor enfatiza sobre a existência de tensões e de lutas por poder dentro de cada campo, e relacionando isso especificamente com o campo religioso evangélico e suas disputas intestinas, pode-se notar isso na prática, por exemplo, quando novas pessoas ou novas idéias buscam legitimar sua posição em relação a um grupo ou a uma normativa dominante, que, por sua vez, tenta defender a sua posição excluindo a

concorrência e não legitimando o novo, apresentando, não raras vezes, como consequência, o fracionamento e o surgimento de um outro grupo (como o caso dos desigrejados, dentre tantos outros).

Bourdieu postula a sociedade organizada em diferentes campos (religioso, político, artístico, acadêmico, etc.), compreendendo que os mesmos não são estáticos, mas dinâmicos, historicamente transformados e que se interpenetram. Essa interpenetração pode ser observada ao longo deste trabalho quando transito pelos campos religioso e acadêmico.

Em sua obra *A Economia das Trocas Simbólicas*, ao desenvolver um capítulo intitulado "Gênese e Estrutura do Campo Religioso", Bourdieu (2007) apresenta a religião como um conjunto de práticas e representações que se revestem de caráter sagrado, abordando-a como linguagem, isto é, sistema simbólico de comunicação e de pensamento. Dessa maneira, a religião se torna uma força estruturante da sociedade, pois opera a sua ordenação ao assumir a produção de sentido e construir experiências. Ele mostra que a subjetividade da experiência religiosa consegue objetivar-se socialmente em práticas e discursos na medida em que responde a uma demanda social, ou seja, é capaz de coletivamente dar sentido à existência dos que integram um dado grupo.

Como mencionei, minha pretensão é abordar a questão dos desigrejados, que constitui-se um assunto que já vem sendo bastante discutido no campo religioso evangélico (brasileiro e mundial). No entanto, num outro campo, o acadêmico, até onde pude apurar, esse tema ainda é pouco conhecido, não existindo muitos trabalhos sobre o mesmo, sobretudo na região sul do país. Assim, busco tratar sobre os desigrejados dentro de uma perspectiva do campo acadêmico; mas como nos ensinou o mestre, os campos se tocam e efetuam trocas, de modo que para abordar do ponto de vista acadêmico forçosamente irei lançar mão de conhecimentos advindos do campo religioso sobre o tema.

Mas não há como se falar em desigrejados sem falar em evangélicos. Então vejamos, inicialmente, quem são esses.

Existe no meio evangélico um questionamento se protestante e evangélico são a mesma coisa. O intuito deste trabalho não é abordar essa questão, mas também não creio seja o caso de não dizer nada sobre ela. Mais adiante, ainda nesta seção, deste mesmo capítulo, mostrarei o que me levou a assumir o uso da palavra evangélico para me referir a esse segmento cristão, ou seja, do porquê tomo protestantes e evangélicos como sinônimos.

A cristandade sempre apresentou uma série de características muito próprias dentro do cenário religioso. O segmento evangélico, dentro da cristandade, não foge a isso. Uma das que destaco é o fracionamento a que ele é constantemente submetido, desde os tempos iniciais. Essas divisões continuaram ao longo dos séculos e hoje os desigrejados constituem-se na mais nova forte onda que está produzindo uma nova separação. Forte e de crescimento vertiginoso, como veremos no próximo capítulo.

A fim de alargar os horizontes no entendimento de que os desigrejados constituem-se na mais nova divisão, mas não algo inédito, quando pensamos em movimentos de cisão ao que esteja posto em termos de institucionalidade evangélica, entendo importante trazer algo a respeito do que chamo de fracionamento desse segmento.

A Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR) estendeu sua influência por onde se alastrava o império romano, crescendo de tal forma em poder que permaneceu e se fortaleceu ainda mais, mesmo com a dissolução do império, vindo a constituir-se, de fato, na grande sucessora desse, sobretudo no território europeu, onde, com o decorrer dos séculos, passou a influenciar nos governos das nações que por ali se constituíam.

Tanto poder acabou por alimentar a ideia de que não havia limites para a liderança da ICAR, e a fim de cada vez mais concentrar esse poder e manter cativos os fiéis, aumentando sua influência sobre os governantes, a mesma foi introduzindo na forma de ser igreja, cada vez mais ensinosa que se contraditavam ao preconizado pelos cristãos originários dos primeiros séculos. Isso acabou por gerar descontentamentos e o surgimento de movimentos contestatórios ao longo dos tempos, ora com maior destaque, ora não tão capazes de se fazerem notar. Mas a todos esses movimentos de tentativa de resistência, a ICAR foi buscando uma forma de abafar e manter sua hegemonia no meio da cristandade.

Os séculos foram passando e o distanciamento dos ensinosa apostólicos perpetrados pela ICAR só aumentavam, chegando ao ponto de começarem a surgir movimentos divergentes dentro de seu próprio interior. Uma das mais severas contestações foi feita por um monge católico agostiniano chamado Martinho Lutero, logo após o fim da idade média, no século 16, na Alemanha. Esse movimento que não se limitou a Lutero nem a Alemanha, passou à história com o nome de Reforma Protestante.

Segundo Shelley (2004), o espírito da Reforma irrompeu com surpreendente intensidade no século 16, dando origem ao protestantismo e arruinando a liderança da ICAR dentro da cristandade ocidental; sendo quatro as tradições principais que marcaram o

protestantismo nascente: luterana; anabatista (os grupos anabatistas mais destacados foram os irmãos suíços, os menonitas, os huteritas ou irmãos morávios e os amish; sendo que alguns deles continuam existindo até hoje); reformadora (advém dos ensinamentos de João Calvino, que inspirou a Reforma na Escócia, a Reforma na Holanda, a Reforma na Inglaterra e os puritanos e peregrinos da América do Norte; e que hoje é chamada de cristianismo calvinista ou reformado e inclui todos os presbiterianos, as igrejas reformadas alemã e holandesa e muitos batistas e congregacionalistas); e anglicana.

Segundo as palavras de Eckman (2005):

"O puritanismo foi um movimento complexo que, no primeiro instante, desejava a purificação da Igreja Anglicana. Os puritanos desejavam completar a Reforma na Inglaterra. Eles afirmavam que Elisabete não fora longe o suficiente em suas reformas. Congregacionais na liderança eclesiástica e calvinistas na teologia, mais tarde os puritanos seriam expulsos da Igreja Anglicana. Isso, por sua vez, provocou a imigração de muitos deles para a América do Norte" (pg. 67).

Perceba-se que já no nascedouro do protestantismo, as divergências se faziam presentes não apenas entre as quatro tradições principais, como também no âmbito das mesmas.

Passado um século desde o surgimento e consolidação dessas quatro tradições, o protestantismo no século 17 foi sacudido por novas divisões, através de novos movimentos reformistas, que surgiram na Inglaterra e Alemanha. É interessante observar que esses novos fracionamentos se dão dentro dos fracionamentos frutos da Reforma. Um deles foi os quakers, fundado na Inglaterra de tradição anglicana, por George Fox. Perseguidos, muitos quakers fugiram da Inglaterra rumo à liberdade das colônias norte-americanas. Outro movimento, conhecido como pietismo, se deu na Alemanha de tradição luterana. Esse movimento deu nova vida ao combalido cristianismo europeu (e não apenas alemão) e influenciou o desenvolvimento do cristianismo norte-americano através dos despertamentos ocorridos nos Estados Unidos no século seguinte, bem como as missões modernas que desses decorreram (Shelley, 2004).

Ainda buscando uma resposta ao esfriamento do protestantismo inglês ocorrido no século passado, em pleno século 18 surge na Inglaterra um novo e importante movimento: o metodismo. Esse movimento foi fundado por John Wesley, que era membro da Igreja Anglicana. O metodismo não ficou circunscrito à Inglaterra, onde trouxe nova vida para o cristianismo inglês, mas floresceu também na América do Norte. Shelley (2004) nos diz

que *"O avivamento metodista na Inglaterra não apenas explica a origem da denominação metodista (que atualmente conta com cerca de 20 milhões de membros em todo o mundo), mas também lança luz sobre o movimento que denominamos cristianismo evangélico"* (pg. 370). Temos pois, nesse movimento metodista, o embrião do evangelicalismo, conhecido em nosso país como evangélicos.

No século 18 o protestantismo se fazia presente, além da Europa, também nas então colônias inglesas que ainda naquele século se tornariam os Estados Unidos da América. Ali vão ocorrer dois movimentos de reavivamentos da fé cristã protestante que ficaram conhecidos como o primeiro grande despertar (é no decorrer do mesmo, que ocorre nas colônias, mas se reflete na Inglaterra com Wesley, que passa-se a se referir a um movimento evangélico, a partir do metodismo wesleyano) e o segundo grande despertar (este após a independência das colônias).

O primeiro grande despertar começa pelo ano de 1720 entre as igrejas reformadas holandesas na colônia de Nova Jersey e se espalha por diferentes igrejas de outras confissões, nas diversas colônias, pelas próximas décadas que antecedem a independência das mesmas. Esse primeiro despertar advogava a pureza moral, a necessidade da dedicação profunda a Jesus em oposição à superficialidade, o treinamento através de uma sólida preparação teológica para o avivamento de igrejas mortas (principalmente por parte dos presbiterianos) e pregações motivadoras com o uso de uma linguagem direta e de fácil entendimento que levavam ao emocionalismo. Nas colônias mais ao sul, o mesmo tipo de defesa da fé era promovida, no entanto, a partir de pregadores sem muita formação, como os das igrejas batista e metodista. Foi muito relevante o impacto desse primeiro grande despertar sobre a população e a sociedade norte-americana, estabelecendo ligações importantes com as populações nativas e com os escravos negros, que também foram alvos do trabalho missionário. A relevância da primazia do clérigo culto ceder lugar ao ministro itinerante que, muitas vezes sem qualquer educação formal, percorria as colônias pregando sobre a importância de um sério relacionamento com Deus, levando a um compromisso crescente com ideais democráticos e republicanos entre o povo, pois esses garantiam a liberdade religiosa. Eckman considera que esse movimento foi o primeiro acontecimento verdadeiramente nacional do futuro país.

A partir de 1776, com a independência das colônias e a promulgação da nova constituição, o secularismo tomou conta do país. Fazia-se necessário um novo reavivar da fé cristã, agora chamada de evangélica. E isso vem a ocorrer entre 1790 e 1810 (já no

século 19): o segundo grande despertar. Foi o mais importante reavivamento da história norte-americana. Ele se dava dentro de igrejas de diferentes confissões (presbiterianas, batistas, metodistas), com reuniões ocorrendo não apenas dentro dos templos, mas também em campo aberto e nos campi universitários. Embora o primeiro grande despertar tenha afetado muito as antigas colônias, esse segundo teve um efeito mais duradouro na vida norte-americana, pois representou uma mudança fundamental na teologia ali praticada. Os metodistas, batistas e discípulos-de-Cristo lideraram o reavivamento, deixando congregacionais, presbiterianos e anglicanos bem para trás, acabando aqueles por dominar o evangelicalismo norte-americano por décadas. Nas palavras de Eckman:

"... o despertar representou a mudança fundamental na teologia americana. Enquanto os puritanos do século 17 se concentraram na teologia centralizada em Deus que enfatizava a incapacidade do homem de salvar-se a si mesmo, o início do século 18 aceitou a teologia centralizada no homem, enfatizando o livre-arbítrio e a responsabilidade humana na salvação. Em muitos aspectos, o Segundo Despertamento foi a marcha fúnebre do calvinismo como uma das principais forças da vida religiosa americana" (pg. 108).

Como consequência deste segundo grande despertar ocorrido nos Estados Unidos da América, surgiram em anos posteriores, já no século 19, vários pregadores reavivalistas que promoviam evangelização em massa, onde as pessoas eram convidadas para as concentrações mediante o uso de folhetos e nas quais se faziam longas e emotivas orações e havia a presença de corais organizados para o louvor. A proposta de evangelização desses pregadores dava ênfase em algo que o segundo grande despertar trouxera: o fato de que cabia ao homem, mediante o livre-arbítrio, decidir-se por converter-se ou não a Deus. Fruto dos trabalhos evangelísticos desses vários pregadores, muitas pessoas foram se convertendo e sentindo forte desejo de levar a mensagem evangélica para além dos Estados Unidos da América, e assim começou o grande fluxo de missionários mundo afora, incluindo aí o Brasil.

Assim, se observarmos os diferentes fracionamentos desde os tempos da Reforma Protestante, podemos notar um certo fio condutor (uma intenção de viver o mais devotadamente possível pelo mundo por vir tenderá a fazer com que se tenha uma melhor possibilidade de mudar o mundo presente) que perpassa a todos e como que vai levando a que o seguinte carregue elementos dos anteriores mas ao mesmo tempo se diferencie dos

mesmos; de modo que pode-se afirmar que os atuais evangélicos brasileiros são, ao mesmo tempo, herdeiros daquela Reforma (por serem resultantes da sucessão de fracionamentos decorrentes da mesma), portanto protestantes, mas acabam ficando por aqui conhecidos pelo nome de evangélicos devido a serem fruto dos trabalhos de missionários evangélicos que tiveram por berço os despertamentos ocorridos nos Estados Unidos da América (lembremo-nos que no decorrer do primeiro grande despertar que ocorre nas colônias mas se reflete na Inglaterra com Wesley, se passa a referir-se a um movimento evangélico, a partir do metodismo wesleyano). É de se observar que o movimento evangélico, embora se origine com o metodismo e os dois grandes despertamentos, sofre influências profundas e positivas das ideias e práticas professadas no século 17, com os puritanos entre os calvinistas e com os pietistas entre os luteranos. O que cada movimento buscou, e que os desigrejados também propõem, foi sempre uma forma de melhor exercitar a fé cristã e de se aproximar o mais possível do que se entendia/entende em relação aos ensinamentos e práticas dos cristãos primitivos.

Deixando claro: pelo motivo dos evangélicos brasileiros serem herdeiros da Reforma e também resultantes do trabalho missionário dos evangélicos norte-americanos (em sua grande maioria), optei para fins deste trabalho considerar protestantes e evangélicos como sendo o mesmo segmento cristão. Esclareço também que mesmo tendo adotado o uso do termo evangélico, tenho conhecimento que existe outro entendimento diferente (que considero igualmente respeitável), que vê como protestantes somente aqueles membros de igrejas oriundas diretamente da Reforma Protestante (luteranos e calvinistas), e como evangélicos aqueles membros de igrejas oriundas diretamente dos dois grandes despertamentos norte-americanos.

A ideia de ter mostrado diferentes momentos de fracionamento do meio evangélico ao longo dos séculos, não foi uma tentativa de descer a detalhes da história do cristianismo, mas tão somente poder mostrar que os desigrejados ao seguirem nessa esteira de provocar divisões dentro desse meio, não estão sendo pioneiros em nada (o que não lhes diminui a importância), bem como que eles acabam sendo herdeiros também de todos esses movimentos que surgiram lá no século 16 com a Reforma Protestante e foram evoluindo até chegar no evangelicalismo (evangelical, em inglês), ou cristianismo evangélico, que se estende do século 18, com os metodistas entre os anglicanos e com os dois grandes despertamentos nos Estados Unidos da América (o segundo grande despertar se

estende ao século 19), passando pelo movimento missionário que ocorre nos séculos 19 e 20, chegando até aos dias atuais.

É importante ter em conta que esse fenômeno dos desigrejados não é algo circunscrito ao Brasil (embora este trabalho se limite a sua ocorrência por aqui), existindo antes na Europa e América do Norte. Da mesma forma que esse movimento chegou ao nosso país depois de já existir no hemisfério norte, as ideias evangélicas, das quais são herdeiros, também vieram para essas terras após seu desenvolvimento acima da linha do Equador.

1.2. Evangélicos no Brasil e seu crescimento

Para melhor falar da presença de evangélicos no Brasil, opto por seguir a clássica tripla divisão da nossa história, seguindo uma linha que vai do nosso período colonial até chegar aos dias atuais, passando pelo advento das três ondas do pentecostalismo pátrio. Sempre tendo em conta que assumi para fins deste trabalho considerar protestantes e evangélicos como sendo o mesmo segmento cristão.

Nas palavras de Souza (2011):

"... o trabalho protestante em solo Brasileiro é dividido em três momentos: Protestantismo de Invasão (isso no período da Colônia, com os Franceses e posteriormente com os Holandeses) trabalho esse realizado durante pouco tempo; Protestantismo de Imigração (após os tratados entre Portugal e Inglaterra em 1810) um trabalho realizado dentro de limites estabelecidos; e por fim, o Protestantismo de Missão (a partir de meados do século XIX) o qual finalmente veio com objetivo de propagar a fé protestante entre os brasileiros" (pg. 1128).

As considerações a seguir sobre o movimento evangélico no país usando os três períodos da nossa história são resultado de um conjugado que faço a partir da leitura das obras de Rolim (1987), Freston (1994), Matos (2011), Souza (2011), Ferreira (2013) e Campos (2015), bem como de textos lidos a partir de consulta aos sítios de internet do Centro Apologético Cristão de Pesquisas (www.cacp.org.br) e WIKIPEDIA (pt.wikipedia.org/wiki).

Os evangélicos chegaram ao Brasil no período colonial com as tentativas francesas e holandesas de se firmarem no país, porém não deixaram frutos persistentes. Em 1557, uma missão francesa enviada por calvinistas se estabeleceu numa das ilhas da baía de Guanabara, fundando a França Antártica. No mesmo ano realizaram o primeiro culto evangélico no Brasil. Devido à predominância católica, foram obrigados a defender sua fé ante as autoridades elaborando a Confissão de Fé de Guanabara, assinando com isso sua sentença de morte e pondo fim ao movimento. Por volta de 1630, durante o domínio holandês em Pernambuco, a Igreja Reformada Holandesa instalou-se no Brasil. Foram fundadas 22 igrejas evangélicas no nordeste, sendo que a maior era a do Recife, que contava inclusive com fiéis ingleses e franceses, além da presença constante, dentre seus membros mais ilustres, do conde Maurício de Nassau. Essa igreja batizou índios, lutou por sua libertação e pretendia traduzir a bíblia para o tupi e ordenar pastores indígenas. Porém tal não ocorreu devido à revolta dos portugueses e brasileiros contra os invasores. Quando não houve mais condições de manter Recife, o nordeste foi devolvido a Portugal, terminando assim a missão cristã reformada.

Durante o período imperial (considerando-se como parte desse o período joanino), a partir da abertura dos portos às nações amigas e a vinda dos primeiros imigrantes e missionários, a presença de evangélicos se consolidou no país. De acordo com Matos (2011), *"O primeiro capelão anglicano, Robert C. Crane, chegou em 1816. A primeira capela anglicana foi inaugurada no Rio de Janeiro em 26 de maio de 1822"* (pg. 8). Seguiu-se a implantação de igrejas por imigração, voltadas exclusivamente para imigrantes. Em 1824, alemães trouxeram a Igreja Luterana. A primeira comunidade luterana foi a de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, organizada naquele ano por Friedrich Osvald Sauerbronn, o primeiro pastor luterano no Brasil. No mesmo ano, chegou à cidade de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, o pastor luterano Johann Georg Ehlers, com a terceira leva de imigrantes. Ainda sobre luteranos no Brasil, é interessante anotar que, segundo Ferreira (2013), em 1900 (já no período republicano), um novo elemento foi introduzido quando luteranos norte-americanos iniciaram suas atividades missionárias em São Pedro do Sul, no Rio Grande do Sul, estendendo o ministério luterano aos brasileiros. É Matos, de novo, que nos informa que até o final da segunda guerra mundial as igrejas luteranas (de origem alemã) permaneceram culturalmente isoladas da sociedade brasileira.

Em 1835, o reverendo Fountain Elliot Pitts foi enviado à cidade do Rio de Janeiro, pela Igreja Metodista Episcopal, dos Estados Unidos, com a missão de avaliar as

possibilidades do estabelecimento de uma missão metodista em terras brasileiras. Mais tarde, em 1836 e 1837, foram enviados os reverendos Justin Spaulding e Daniel Parish Kidder, com suas respectivas famílias, para compor a missão. Mas a igreja mesmo só foi organizada em 1878, na cidade do Rio de Janeiro.

Em 1855, o missionário autônomo escocês Robert Reid Kalley veio para o Brasil e fundou, em 1858, na cidade do Rio de Janeiro, a Igreja Evangélica (que mais tarde, em 1863, mudou de nome para Igreja Evangélica Fluminense), que é, conforme nos diz Campos (2015), considerada a primeira igreja evangélica brasileira e núcleo das Igrejas Evangélicas Congregacionais em nosso país, constituindo-se no primeiro trabalho missionário evangélico permanente em terras brasileiras. Diante desse dado, eu diria que foi assim que efetivamente começou no país o trabalho religioso que alguns chamam de evangélicos de missão.

Em 1862, o reverendo Ashbel Green Simonton, enviado a partir dos Estados Unidos, fundou, na cidade do Rio de Janeiro, a Igreja Presbiteriana. Em 1865, o ex-padre José Manoel da Conceição converteu-se ao evangelicalismo, tornando-se presbiteriano e sendo o primeiro brasileiro a ser ordenado pastor evangélico.

Em 1871, trazida por missionários norte-americanos, em Santa Bárbara d'Oeste, São Paulo, a primeira Igreja Batista foi estabelecida no país. O primeiro membro e pastor batista brasileiro foi o ex-padre Antônio Teixeira de Albuquerque, que já estivera ligado aos metodistas.

Em 1885, chegou ao Brasil por intermédio de publicações alemãs enviadas para Brusque, em Santa Catarina, tendo o porto de Itajaí, no mesmo estado, como porta de entrada, a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Nessa época surgiram os primeiros conversos dessa igreja. Em 1893 (já no período republicano), Alberto B. Stauffer chegou em solo pátrio como missionário adventista e introduziu a colportagem (distribuição de literatura evangélica de porta em porta) no país. Em 1896, em Gaspar Alto, Santa Catarina, inaugurou-se o primeiro templo adventista. Também em 1896, em Curitiba, no Paraná, foi fundada a primeira escola adventista no país.

Mas, como no período imperial, apesar de haver garantia de liberdade de culto, o Estado reconhecia o catolicismo como religião oficial, o evangelicalismo, mesmo com a vinda de todas essas igrejas, encontrou dificuldades para se enraizar na sociedade brasileira do século 19.

Com o advento da república, e a separação entre Estado e igreja, intensificou-se a presença de evangélicos no país. Em 1922, pelas mãos do casal de missionários suíços David Miche e sua esposa Stelle Miche, chegou ao Brasil o Exército de Salvação, igreja reformada de origem inglesa que teve sua primeira instalação somente em 1928, em Santos, São Paulo. Em 1936, através do trabalho evangelístico do missionário japonês Massayoshi "Daniel" Nishizumi, que para o Brasil viera em 1928, estabeleceu-se, na cidade de São Paulo, a Igreja Metodista Livre, desenvolvendo seu trabalho entre japoneses que para cá haviam imigrado. Além do incremento das atividades missionárias estrangeiras, ocorreu a nacionalização do que se costuma chamar de igrejas históricas, tradicionais ou de missão (Igreja Episcopal, Igreja Luterana, Igreja Congregacional, Igreja Presbiteriana, Igreja Batista e Igreja Metodista) e a propagação do pentecostalismo, que Rolim (1987) nos ensina ser um movimento evangélico surgido em 1906 numa velha igreja metodista de Azusa Street, em Los Angeles, nos Estados Unidos, frequentada majoritariamente por crentes negros, que se caracteriza pelo falar em línguas estranhas (glossolalia), como dom do Espírito Santo.

Passando a falar sobre igrejas pentecostais no Brasil, considero importante, levando em conta o que diversos autores nos trazem, prestar atenção à classificação que Freston (1994) faz do pentecostalismo brasileiro a partir de três sucessivas ondas. E nisso não estou sozinho, como pode-se depreender das palavras de Bitun (2011) quando ao falar sobre as mesmas nos diz que *"Esta divisão, segundo o critério de ondas, facilita a visualização do campo pentecostal, dando maior clareza à evolução do pentecostalismo brasileiro durante sua implantação em território nacional, ao mesmo tempo em que permite enxergar, de uma maneira bem distinta, as características que cada onda apresenta em seu surgimento"* (pg. 58).

A primeira onda se estende de 1910 aos anos 50 do século passado, com a organização das igrejas Congregação Cristã no Brasil e Assembléia de Deus.

A Congregação Cristã no Brasil foi fundada pelo italiano Luigi Francescon, que fora membro da Igreja Presbiteriana Italiana tendo aderido ao pentecostalismo em 1907. Em 1910 visitou o Brasil e iniciou as primeiras igrejas em Santo Antonio da Platina, no Paraná e na cidade de São Paulo, entre imigrantes italianos.

A Assembléia de Deus, que acabou tornando-se a maior igreja evangélica do país, foi fundada por dois missionários suecos, Daniel Berg e Gunnar Vingren, e estabeleceu-se inicialmente em Belém, no Pará, em 1911. Batistas de origem, eles abraçaram o

pentecostalismo em 1909, tendo se conhecido numa conferência pentecostal em Chicago, nos Estados Unidos. Sentindo-se chamados a trabalhar no Brasil, para cá vieram e tiveram seus primeiros adeptos dentre membros de uma igreja batista com a qual colaboraram ao chegarem em terras brasileiras. Em 1932, alguns ministros brasileiros da Igreja Assembléia de Deus, em razão de divergências sobre interpretação bíblica, devolveram voluntariamente suas credenciais de obreiros e organizaram em Mossoró, no Rio Grande do Norte, a Igreja de Cristo no Brasil. Segundo Tadvald (2015) "*... a Assembléia de Deus se firma como a maior e mais sólida igreja do protestantismo brasileiro, que atingiu no último decênio um crescimento de 46%, atualmente contando com a expressiva marca de 12,3 milhões de fiéis*" (pg. 155).

A partir dos anos 1950, surgiu a segunda onda do pentecostalismo brasileiro com a influência de movimentos de cura divina, expulsão de demônios, uso de tendas de circo para realizar grandes concentrações de fé e programas de rádio para anunciar as boas novas de salvação e milagres, que geraram diferentes igrejas.

A primeira delas, fundada em 1951, pelos missionários Harold Edwin Williams e Jesus Hermírio Vaquez Ramos, foi a Igreja do Evangelho Quadrangular (inicialmente usava o nome Igreja Evangélica do Brasil), em São João da Boa Vista, São Paulo. Diferente das duas pioneiras do pentecostalismo pátrio, a Igreja do Evangelho Quadrangular era uma igreja pentecostal que já existia nos Estados Unidos, onde fora fundada pela evangelista Aimee Semple McPherson. Em 1953, essa igreja deu início a uma Cruzada Nacional de Evangelização, com o uso de tendas de circo, onde Raymond Boatright, seu principal evangelista, anunciava as boas novas de salvação, curas e milagres. Essa igreja leva esse nome, Quadrangular, porque enfatiza quatro aspectos do ministério de Jesus: Ele salva, cura, batiza com o Espírito Santo e voltará para buscar Sua igreja. Um aspecto que merece destaque é o fato das mulheres poderem exercer o ministério pastoral.

Uma segunda igreja, fundada em 1956, pelo missionário brasileiro Manoel de Mello, que inicialmente foi evangelista da Assembléia de Deus e depois pastor da Quadrangular, foi a Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo, na cidade de São Paulo. Naquele ano, o missionário separou-se da Cruzada Nacional de Evangelização, promovida pela igreja da qual fora pastor, organizando, também com o uso de tendas e o programa de rádio A Voz do Brasil Para Cristo, a campanha O Brasil para Cristo, da qual surgiu a sua igreja.

Uma terceira igreja, fundada em 1960, pelo missionário canadense Robert McAlister, que veio para a cidade do Rio de Janeiro onde começou suas pregações através de programa de rádio, foi a Igreja Cristã de Nova Vida. Essa igreja teve um importante papel no desenvolvimento de igrejas da terceira onda, sobre a qual falarei a seguir.

Uma quarta igreja, fundada em 1962, pelo missionário brasileiro David Miranda, foi a Igreja Pentecostal Deus é Amor, na cidade de São Paulo. Procedente do Paraná, o missionário converteu-se, na cidade de São Paulo, numa pequena igreja pentecostal chamada Igreja Cristã Pentecostal Maravilhas de Jesus, de onde saiu por divergir em relação à introdução de algumas modernidades no seio dos fiéis, como poder ter televisão em casa, fundando a sua igreja. Um dos grandes diferenciais dessa igreja foi o uso intenso do rádio para propagar sua mensagem de fé através do programa A Voz da Libertação.

Ainda nessa segunda onda, segmentos de várias igrejas históricas, tradicionais ou de missão aderiram ao movimento pentecostal e formaram novas igrejas agora pentecostais, como por exemplo: várias igrejas Batista, a Igreja Presbiteriana Renovada e a Igreja Cristã Maranata.

A partir da década de 1970, surgiu a terceira onda do pentecostalismo pátrio, com o advento do movimento neopentecostal, cujas igrejas mais secularizadas, com padrões morais menos rígidos (costumes, no jargão evangélico), davam ênfase à teologia da prosperidade e utilizavam, inicialmente, o rádio, e mais tarde massivamente a televisão, para propagar sua mensagem de fé.

A primeira delas, fundada em 1977, pelo bispo Edir Macedo, foi a Igreja Universal do Reino de Deus, na cidade do Rio de Janeiro. Ele foi membro de uma igreja pentecostal da segunda onda, a Igreja Cristã de Nova Vida, e com 33 anos de idade deixou essa igreja para fundar a sua própria, lançando mão de programas de rádio a fim de propagar sua mensagem de fé. Com o passar do tempo e o aumento de sua igreja, passou a usar também a televisão para esse fim, chegando ao ponto de adquirir sua própria emissora, a Rede Record de Televisão.

Uma segunda igreja, fundada em 1980, pelo missionário Romildo Ribeiro Soares, foi a Igreja Internacional da Graça de Deus, na cidade do Rio de Janeiro. Da mesma forma que seu cunhado Edir Macedo, R. R. Soares, como é conhecido o fundador dessa igreja, foi membro da Igreja Cristã de Nova Vida e, junto com ele, fundou a Igreja Universal do Reino de Deus, de onde saiu para fundar a sua própria. Como a igreja que fundara com seu

cunhado, sua igreja também passou a usar a televisão para transmitir sua mensagem de fé, possuindo também seu canal de televisão, o RIT (Rede Internacional de Televisão).

Uma terceira igreja, fundada em 1985, pelo apóstolo Miguel Ângelo, foi a Igreja Evangélica Cristo Vive, na cidade do Rio de Janeiro. Da mesma forma que Edir Macedo e R. R. Soares, foi membro da Igreja Cristã de Nova Vida, tendo de lá saído após os dois primeiros para também fundar a sua própria. Como as duas igrejas anteriores, a sua também passou a usar a televisão para propagar sua mensagem de fé, porém através de um canal de tv web.

Uma quarta igreja, fundada em 1986, pelo apóstolo Estevam Hernandes e sua esposa bispa Sônia Hernandes, foi a Igreja Apostólica Renascer em Cristo, na cidade de São Paulo. Essa igreja passou a utilizar programas de rádio e televisão para transmitir sua mensagem de fé, possuindo também seu canal de televisão, o Rede Gospel. É uma igreja que ficou conhecida no país pelo fato do jovem jogador de futebol KaKá ter sido membro da mesma e também pelo escândalo com seus fundadores envolvendo dólares não declarados ao chegarem em uma viagem aos Estados Unidos da América.

Uma quinta igreja, fundada em 1992, pelo bispo Robson Rodovalho, foi a igreja Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, em Brasília. A exemplo da igreja anterior, passou a utilizar programas de rádio e televisão para propagar sua mensagem de fé, possuindo também seu canal de televisão, o Rede Gênesis.

Essas duas últimas igrejas focaram mais nas classes média e alta, trazendo um discurso ainda mais liberal quanto aos costumes.

Uma sexta igreja, fundada em 1998, pelo apóstolo Valdemiro Santiago, foi a Igreja Mundial do Poder de Deus, em Sorocaba, São Paulo. Trata-se de mais uma igreja criada por uma dissidência com a Igreja Universal do Reino de Deus, haja visto que seu fundador fora bispo dessa por 18 anos. Também passou a utilizar programas de rádio e televisão para transmitir sua mensagem de fé, mas sem possuir seu próprio canal de televisão, lançando mão da compra de espaços em canais de televisão aberta.

Uma sétima igreja, fundada em 2000, pelo apóstolo Rinaldo Pereira, conhecido como apóstolo Rina, foi a igreja Bola de Neve Church, na cidade de São Paulo. Essa igreja focou mais num público alternativo e jovem, embora não exclusivamente esse. Também passou a usar programas de rádio e televisão para propagar sua mensagem de fé, mas sem possuir nem emissora de rádio nem seu próprio canal de televisão, lançando mão da compra de espaços em canais de televisão aberta, numa rádioweb e num canal de tv web.

Uma oitava igreja, fundada em 2006, pelo apóstolo Agenor Duque, foi a Igreja Apostólica Plenitude do Trono de Deus, na cidade de São Paulo. Ele foi pastor da Igreja Universal do Reino de Deus, de onde saiu para ser pastor na Igreja Mundial do Poder de Deus, de onde egressou para criar a sua própria. Também passou a utilizar programas de rádio e televisão para transmitir sua mensagem de fé, mas sem possuir seu próprio canal de televisão, lançando mão da compra de espaços em canais de televisão aberta.

Essas igrejas que mencionei são as de maior projeção no segmento evangélico neopentecostal, sendo bastante conhecidas em função do uso massivo que fazem dos meios de comunicação, sobretudo rádio, televisão e, mais recentemente, internet e redes sociais, o que lhes garante grande visibilidade. Mas, por certo, existe um número incalculável de pequenas igrejas do mesmo setor que ainda não alcançaram um grau de exposição pública como as mencionadas.

A ideia de ter falado sobre o movimento evangélico no país usando os três períodos da nossa história não foi uma tentativa de descer a detalhes da história do evangelicalismo em solo pátrio (até porque muito mais se teria para falar), mas tão somente poder mostrar como entre os evangélicos brasileiros (sobretudo entre os pentecostais, principalmente a partir da segunda onda) viceja a questão do fracionamento; prática que os desigrejados acabam por dar continuidade, como herdeiros que são de todos esses movimentos que por aqui surgiram desde a colonização, evoluindo até chegar no neopentecostalismo dos dias atuais.

A fragmentação dos evangélicos, ao se acentuar ao longo do tempo, teve o efeito positivo de lhes permitir se multiplicar e crescer; mas também teve o efeito negativo que lhes impede que se unam. Por um lado temos seu crescimento numérico e por outro temos sua desunião. Eles se dividem e crescem, para logo ali, crescidos, se dividirem mais uma vez.

Mafra (2013) nos fala da capacidade dos evangélicos de criar malhas institucionais sem centros ou com múltiplos centros, com ênfase na subjetividade e na capacidade de autogestão onde, com pouca experiência de ancoragem e imersos em um campo social por vezes excessivamente tensionado em função da concorrência denominacional, têm muita dificuldade de fundar, propositiva e alternativamente, "ilhas de ordem" que garantiriam a unidade ou pelo menos uma coesão por mais tempo.

Outro autor, Fernandes (1988), diz que no meio evangélico "*... os crentes são reunidos por uma "denominação" comum, um nome para um conjunto coerente de crenças*

e práticas. Quando se quebra o vínculo hierárquico, que separa e relaciona o sagrado e o profano, a unidade territorial é fragmentada em uma série de confissões (denominações) religiosas" (pg. 97).

Mas é fato que, mesmo em meio a todo esse fracionamento, os evangélicos cresceram a olhos vistos, se multiplicando por todo o país, causando muitas transformações na sociedade, ao ponto de que qualquer pessoa, nos dias de hoje, que pare para pensar em seu círculo familiar, de amigos ou colegas de trabalho/estudo, perceberá que ali existe a presença de um evangélico.

Isso ocorre devido à expansão do número de conversos a esse segmento religioso cristão, abordada por diferentes estudiosos da questão religiosa em terras brasileiras, e confirmada por dados oficiais como os do censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Se atentarmos para os números, veremos que segundo o censo de 1980, os católicos eram 89,2% e os evangélicos apenas 6,6% da população brasileira, enquanto no último censo de 2010, os católicos caíram para 64,6% e os evangélicos subiram para 22,2%. Os dados do censo se revestem de suma importância para as análises acerca do fenômeno religioso brasileiro, posto que, conforme nos diz Mafra, "*[esses] números têm sido usados por políticos para construir alianças eleitorais; têm sido usados por religiosos para conseguir espaço na esfera pública; servem como evidência de importância social de igrejas e grupos religiosos; tendem a orientar políticas sociais e culturais*" (pg. 13).

Tadvald, outro desses estudiosos, ao interpretar dados do censo do IBGE de 2010, nos fala que a ICAR continua sendo hegemônica em todos os aspectos da vida nacional, e que essa estrutura cristã enraizada historicamente no país pelo catolicismo acaba sendo repercutida, direta ou indiretamente, pelo crescimento evangélico no país; ou seja, o autor reconhece que os evangélicos (notadamente os pentecostais) crescem por aqui. Ele também apresenta dados de vários censos onde aparece o vertiginoso crescimento que os evangélicos tiveram nos últimos 70 anos (do censo de 1940 para o de 2010): 2,6% em 1940; 3,4% em 1950; 4% em 1960; 5,8% em 1970; 6,6% em 1980; 9% em 1991; 15,4% em 2000 e 22,2% em 2010, da população recenseada. Esse aumento do número de evangélicos resta assumido quando ele, mostrando os números de censos a partir de 1940 referentes a católicos e evangélicos, afirma: "*Se, por um lado, observa-se historicamente este decréscimo no número de católicos, por outro se percebeu que tal refluxo católico aumentou consideravelmente os percentuais do campo protestante, especialmente das igrejas pentecostais, a partir das décadas de 1970-80*" (pg. 148).

Mencionando Mafra mais uma vez, trago dela suas colocações acerca dos dados censitários de 2010 ao dizer, sobre o crescimento dos evangélicos, que *"No censo de 2010, observamos a consolidação de uma tendência que vem se delineando desde a década de 1980: redução do percentual de pessoas da religião católica (caiu para 64,6%), aumento de pessoas que se declaram evangélicas (subiu para 22,2%)"* (pg. 16). A autora também menciona a composição desse universo evangélico quando diz que *"... na última década os evangélicos voltaram a se expandir, em um salto de 26 milhões de seguidores para 42 milhões (atingindo 22,2% da população). Esse conjunto está distribuído em 4% de evangélicos de missão, 13,3% de evangélicos pentecostais e 8% de evangélicos não determinados (com 9,2 milhões de respondentes)"* (pg. 18/19).

Já Giumbelli (2013) menciona que o contraste entre descenso católico e crescimento evangélico marca a tônica da divulgação dos dados do IBGE e que várias matérias, em jornais e revistas, repercutem e ampliam a notícia do crescimento evangélico, que dissemina-se, trazendo consigo a imagem de uma expansão em muitos campos da sociedade brasileira.

Para finalizar minha amostra de estudiosos do assunto, menciono Mariano (2013), que ao interpretar dados do censo do IBGE de 2010, fala que *"os evangélicos cresceram cinco vezes a mais do que a população brasileira: 61,4% contra 12,3%. Com isso, ampliaram seu rebanho em 16 milhões de adeptos, saltando de 26,2 para 42,3 milhões"* (pg. 124). Um dado interessante que ele nos traz, como já referira Mafra, é o da existência, nesse contingente de evangélicos, de 9,2 milhões de evangélicos não determinados (4,8% da população brasileira), sobre os quais tratarei no capítulo que segue.

OS SEM RELIGIÃO, OS EVANGÉLICOS NÃO DETERMINADOS E OS DESIGREJADOS NO CENSO DO IBGE DE 2010

Neste capítulo apresento os desigrejados como um movimento cristão oriundo do campo religioso evangélico, procurando contextualizar sua inserção dentro das categorias denominadas de sem religião e de evangélicos não determinados, trazidas à luz pelo censo do IBGE de 2010.

2.1. Números e problemas do censo do IBGE de 2010

O censo demográfico que o IBGE costuma realizar a cada década, busca levantar dados que permitam conhecer um pouco melhor a composição da sociedade brasileira no tocante a vários de seus aspectos. O religioso é um deles.

Infelizmente o censo que deveria ter sido realizado no ano de 2020 acabou sendo adiado para este ano, sob a justificativa de que estávamos em meio a uma pandemia (Covid-19). Chegando 2021, alegando falta de recursos financeiros, o atual governo de plantão adiou mais uma vez a realização do censo, relegando sua realização para o ano de 2022; o que tem levado muitos a duvidarem se então teremos mesmo a realização do censo.

Para fins deste trabalho, o censo utilizado é o mais recente, o de 2010. Ele foi mais um de tantos, e trouxe a lume um número superior a nove milhões de brasileiros compondo a categoria de religião evangélica não determinada.

Compreendendo que se trata de um contingente que representa 21,80% dos evangélicos no Brasil, mais até do que os pertencentes às chamadas denominações de missão, tradicionais ou históricas (18,18% dos evangélicos no país), perdendo apenas para as pentecostais (60,01% dos evangélicos pátrios), se nos apresenta a questão acerca da

identidade desses indivíduos que, a despeito da vinculação denominacional, mantêm a autodefinição como evangélicos.

Vários estudiosos que se debruçam sobre o mundo das religiões no Brasil buscaram interpretar em que consistia essa nova informação trazida pelo censo, e o que faço nesta parte deste trabalho é procurar estabelecer um diálogo com alguns deles, buscando apresentar minha visão de que, nos números do censo e nas formas de composição desse grupo de religiosos que prefere vivenciar sua fé sem declarar-se pertencente a esta ou aquela denominação, estão retratados os desigrejados como um dos constituintes desse conjunto de evangélicos não determinados.

Para levar adiante essa minha intenção, procuro abordar aqueles pontos que considero importantes para uma melhor compreensão dessa questão e por isso discorrerei sobre números e problemas do censo 2010, a categoria dos sem religião e a categoria dos evangélicos não determinados.

Mas antes me permito dizer algo, ainda que muito rapidamente, sobre os desigrejados.

Como todo grupo humano, eles também têm seus problemas, controvérsias e dissensões. Um desses problemas, segundo compreendo a partir dos textos lidos para elaborar este trabalho, está no entusiasmo com que muitos desigrejados entenderam serem eles a totalidade dos evangélicos não determinados do censo de 2010. Afora isso, me chamou a atenção o fato de que nessa conclusão que elaboraram, eles não levaram em conta a possibilidade de que desigrejados pudessem estar, também, na categoria dos sem religião, cujo crescimento o censo demonstrou.

Corrêa (2014) menciona informações do IBGE, pensando exclusivamente nos evangélicos não determinados, para falar do crescimento dos desigrejados e nos diz que

"A enorme quantidade de dissidentes da Igreja Institucional não é especulação e nem mesmo previsão de uma estatística. Este crescimento é fato em nosso país, sua evidência aparece nos órgãos de pesquisa mais fidedignos como o IBGE, que aponta que os evangélicos "independentes" cresceram mais de cinco vezes em uma década: eram menos de 1,7 milhões em 2000 e passaram para 9,2 milhões em 2010. A proporção foi um salto de 1% da população brasileira para 4,8%, um crescimento assustador num curto período de 10 anos. Esse percentual representa aproximadamente 4 milhões de cristãos que, em muitos casos, resolveram manter uma distância segura da igreja organizada." (pg. 14).

As palavras do autor refletem a empolgação com que muitos desigrejados passaram a entender os números trazidos pelo censo, mas eu questiono se toda essa euforia não retrataria menos uma realidade e mais um super dimensionamento do número de desigrejados, decorrente de uma análise talvez precipitada dos números trazidos pelo IBGE no tocante aos evangélicos não determinados, sem o devido conhecimento da metodologia empregada e os problemas dela decorrentes.

Diante disso, resta-me então tentar indicar onde, no meu entendimento, podemos encontrar realmente os desigrejados nos dados do censo.

O censo 2010, até agora, é o maior levantamento populacional realizado no país (190.732.694 habitantes, conforme o IBGE). Mas é importante ter claro que ele não trata especificamente de religião. O instituto não foi às ruas fazer um levantamento apenas sobre a religiosidade dos brasileiros. Ele fez o recenseamento costumeiro, que faz a cada dez anos, dentro do qual uma única pergunta tratou da questão religiosa: "Qual a sua religião ou culto?".

Mafra (2013) e Mariano (2013) nos falam acerca dos números que o censo levantou em relação ao aspecto religioso.

Esses números confirmam as tendências de transformação do campo religioso brasileiro, caracterizando-se, principalmente, pelo aumento da queda numérica do catolicismo e pela expansão dos evangélicos e dos sem religião. Excetuando-se essas três categorias, todas as outras religiões constituem apenas 5% dos brasileiros. Os católicos caíram para 64,6%, os evangélicos subiram para 22,2%, os sem religião aumentaram para 8%, enquanto aqueles que foram classificados como de outras religiosidades alcançaram 2,7% e os que se declararam espíritas, 2%; sendo todos os percentuais em relação à população nacional. A distribuição dos dados do censo 2010 referentes às indicações de pertencimento religioso desembocou em várias categorias. Sem dúvida prosperou a diversificação da pertença religiosa no Brasil, mas se manteve seu caráter esmagadoramente cristão.

Os evangélicos ampliaram seu rebanho para 42.275.440 pessoas (22,16%), distribuídos em 9.218.129 evangélicos não determinados (4,83%), 7.686.827 evangélicos de missão, tradicionais ou históricos (4,03%) e 25.370.484 evangélicos pentecostais (13,30%); sendo todos os percentuais em relação à população brasileira.

Como já mencionado no capítulo anterior, Mafra admite a importância e relevância dos dados do censo para as análises acerca do fenômeno religioso brasileiro, inclusive

tecendo elogios ao trabalho de pesquisa que o instituto realiza, valorizando a longevidade dos números sobre religião nos censos brasileiros, e reconhecendo que desde o século 19

"... os profissionais do IBGE desenvolveram uma metodologia de ponta e de qualidade internacional ... o IBGE permite que o respondente indique de forma livre o nome da religião ou culto de que faz parte. Isto, em um levantamento censitário ... envolve um trabalho monumental, pois o número de declarações sempre será mais amplo e surpreendente que o esperado. ... essa metodologia que privilegia a expressão livre do respondente ... vai na contramão de uma tendência dos institutos de estatística dos países do norte, que é de contenção da resposta dentro de um limite previamente estabelecido" (p. 15/16).

Mas ela não deixa de reconhecer os problemas.

Observando-se os números dos evangélicos, chamou a atenção que os evangélicos não determinados somaram um número de declarações superior às declarações de evangélicos de missão. Isso foi inusitado, e fez pairar dúvidas sobre os números apresentados.

Mafra aponta que pesquisadores vêm criticando a falta de densidade na construção dos números do IBGE, e que por essa falta de consistência na composição dos números os especialistas são obrigados a buscar fontes subsidiárias e assimétricas (outras pesquisas sérias e consistentes, em metanarrativas teoricamente estabelecidas) para completar a informação indicada pelos números do censo.

Segundo ela, para desenvolver suas habilidades analíticas, os especialistas de religião deveriam ter uma quantidade maior de números brutos de origem censitária para trabalhar, pois diante da importância social, política e cultural dos números do censo sobre as religiões no país, não há por que dar continuidade a essa precariedade na produção das informações censitárias (pg. 17).

Na intenção de colaborar para o fim dessa situação, Mafra sugere que sejam introduzidas outras duas perguntas no censo:

"Primeiro, a rerepresentação da questão sobre religião ou culto do respondente com um leque fechado de alternativas, incluindo na grade, como uma alternativa legítima, o duplo pertencimento. Dessa forma, dúvidas sobre a consistência da resposta de "múltiplos pertencimentos", de "evangélica não determinada", de "sem religião" diminuiriam substancialmente ou, com mais subsídios, ficariam "sob controle". Segundo, incluir uma questão sobre frequência da participação em reuniões, eventos ou rituais da religião ou culto. Com isso teríamos alguma

indicação da prática religiosa, indo além da autodeclaração da religião de pertencimento" (pg. 18).

Mas não é só ela que trata de questões relativas ao censo.

Mariz (2013) é outra estudiosa sobre as questões ligadas à religião no país, que nos traz luzes sobre o censo 2010.

Ela fala que os dados sobre o perfil social e os percentuais das diferentes religiões no Brasil, que o censo nos entrega, tem levado a interpretações distintas e por vezes conflitantes; e que é preciso entender melhor o que está por trás dessas divergências de interpretações, bem como pensar sobre os problemas que ocorreram na interpretação dos dados.

Segundo a autora, *"Embora no senso comum se diga "os números não mentem", sabemos que o que eles dizem depende da forma como foram obtidos. Os números dependem da metodologia utilizada para a coleta dos dados e também dos critérios adotados para criação das categorias que serão a base da análise estatística" (pg. 39).*

Para ela, as narrativas construídas variarão à medida que se conheça os problemas que foram enfrentados na coleta de dados, como foram treinados os recenseadores, como as categorias que agrupam os dados foram definidas e o que querem dizer.

Mariz usa, para ilustrar o que afirma, o exemplo da questão referente às controversas sobre o campo evangélico que surgiram devido a ignorância sobre o que realmente tratam os dados do censo 2010. Os evangélicos que não declararam sua denominação superaram os que declararam ser de igrejas históricas. Aí, alguns estudiosos do assunto interpretaram mal a categoria dos evangélicos não determinados, considerando-a excludente em relação às demais, e elaboraram várias análises que concluíram pela queda proporcional do crescimento pentecostal e a queda absoluta de várias igrejas evangélicas históricas.

Por isso sua insistência de que conhecer mais sobre a metodologia empregada no censo é fundamental para que os dados sejam adequadamente entendidos e sofra-se menos com problemas de interpretação.

Um dos aspectos da metodologia empregada no censo que ela aborda é sobre a pergunta feita aos recenseados. Ela diz que o

"... IBGE não adota uma grade já predefinida de opção religiosa para o recenseado escolher. O recenseador é instruído para registrar a forma como o

recenseado definirá a religião ou culto a que pertence. Essa metodologia sem dúvida tem vantagens e benefícios em termos de obtenção de novos dados em um campo dinâmico como o religioso brasileiro [pois permite se ver coisas que talvez ficassem de fora de uma grade pré-estabelecida] ... mas é uma forma de fazer pesquisa que exige amplo trabalho posterior à coleta de dados. [E] também pode gerar alguns problemas" (pg. 40/41).

Mariz nos faz saber que essa forma de se realizar a pergunta de forma aberta para coletar os dados, enquanto metodologia, tem sido relativamente pouco divulgada, mas que não se tem como negar o valor que essa metodologia enseja; embora faça uma advertência: *"Graças a esse tipo de metodologia, é possível identificar e contabilizar novas religiões. No entanto, se não se pergunta a qual igreja ou denominação se pertence, o censo não consegue captar a dinâmica do campo evangélico e o surgimento constante de novas igrejas. Mas se de fato o recenseador não pode perguntar qual a igreja, essa vantagem [da questão aberta] se perde" (pg. 44).*

Outro aspecto da metodologia que ela trata é sobre o instrumento de coleta de dados que foi usado.

O recenseador ia a campo com um aparelho eletrônico cujo software já estava configurado para registrar as manifestações dos respondentes a partir de opções de preenchimento automático. Com isso, o simples digitar de primeiras letras por aquele que fazia a pergunta já abria um conjunto de alternativas que pudessem ser compatíveis com a resposta do recenseado. A autora reconhece que o instrumento possui uma tecnologia bem avançada, mas ela questiona se esse avanço pode ter afetado de alguma forma a produção dos dados, justamente em face desse preenchimento automático, de maneira que acabasse sendo registradas respostas que não correspondessem exatamente ao que o respondente quisesse dizer e assim promovesse distorções que aumentasse os riscos de problemas na hora de se estabelecer as categorias, por exemplo. Dependendo da situação, poder-se-ia criar categorias que se sobrepusessem e, com isso, se afetasse as conclusões dos estudiosos, pois isso problematiza muito a análise da quantidade de membros de cada igreja.

Ainda tratando da questão metodológica, Mariz faz alguns questionamentos sobre o papel do recenseador.

Ela diz que o recenseador foi instruído para fazer a pergunta e não dar mais esclarecimentos, a não solicitar mais detalhes ou informações diante de qualquer resposta do recenseado. E questiona se todos fizeram isso mesmo. Palavras dela:

"Será que os recenseadores se contiveram e perguntaram apenas a questão como proposta pelo censo? Será que o novo instrumento eletrônico para coleta, que permitiu mais rapidez, não afetou de alguma forma essa coleta?" (pg. 43). "Teriam todos os recenseadores em 2010 obedecido as normas ou teriam alguns tido a tentação de perguntar algo mais enquanto outros se davam por satisfeitos com uma primeira resposta simples?" (pg. 54).

Depois de todas essas importantes considerações que busquei trazer sobre o entendimento de Mariz a respeito do censo 2010, não poderia deixar de falar sobre o que ela acha em relação à proposta de Mafra sobre introduzir outros questionamentos em relação à religião no próximo censo.

Para ela, Mafra tem razão ao reivindicar que se invista mais no conhecimento da religião, colocando-se mais perguntas, pois se uma única questão do censo sobre religião já tem tido grande importância para a academia, para os grupos religiosos, para a mídia e a sociedade em geral, por certo quanto mais opções houver, melhor. A metodologia do IBGE precisa ser bastante sofisticada e adotada justamente para dar conta desse processo de fragmentação do campo religioso e do surgimento de novas igrejas e grupos de fé.

No entanto, ela sugere, sem que isso implique em limitação no número de perguntas, ou contrariedade, que ao invés de se perguntar "Qual a sua religião ou culto?", poderia ser proposta a pergunta "Qual sua religião, culto e igreja?", pois ela entende que quando o recenseado declarasse sua denominação, essa passaria a estar no banco do IBGE e seria contabilizada como outras igrejas (pg. 44 e 52).

Como exemplo de como isso ajudaria nas análises, Mariz usa novamente a categoria dos evangélicos não determinados, que para ela pode incluir evangélicos de qualquer denominação e não é excludente em relação às demais categorias de evangélicos. Ela diz: *"Então como saber quem seriam esses evangélicos que não declaram sua igreja? Não podemos saber ao certo sem novas perguntas e sem novas pesquisas"* (pg. 51).

Outro autor que aborda os problemas do censo e critica a maneira como se dá a coleta dos dados é Giumbelli (2013).

Segundo o que ele nos diz,

"... a forma com a qual os dados são registrados no Censo deve respeitar as respostas espontâneas dos recenseados. Isso permite um registro bastante rico acerca das opções apresentadas pelas pessoas. Mas o procedimento não está imune a falhas [e cita duas situações como exemplo:] ... [a] reclassificação de católicos brasileiros como católicos romanos, [e outra] envolvendo os luteranos. [No caso desses, as] ... máquinas usadas para registrar as respostas ao censo

estavam configuradas com a opção de preenchimento automático ... nenhum referia-se à Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil [no país existe duas igrejas Luteranas: a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, que veio com os imigrantes alemães na primeira metade do século 19, e a Igreja Evangélica Luterana do Brasil, que veio com missionários luteranos estadunidenses no fim do século 19 começo do 20]. [Isso mostra que] ... a capacitação dos recenseadores e as tecnologias utilizadas no recenseamento afetam, em alguma medida, a produção dos dados" (pg. 60).

O autor também trata da questão relativa à pergunta feita sobre religião. Para ele,

"... a pergunta do censo brasileiro privilegia a dimensão da identidade [pois] o respondente assume como "sua" [determinada religião; mas] deixa de fora a dimensão da prática e mesmo os modos de compreensão das identificações, envolvendo trajetórias e crenças específicas. O privilégio à identidade implica em um viés que favorece o cristianismo, uma vez que evangélicos e, sobretudo, católicos, podem "ser sem participar", em contraste com a frequência a centros espíritas e casas afro-religiosas, nas quais é comum "participar sem ser"" (pg. 60).

Em razão disso, ele concorda com Mafra acerca da importância de termos outras perguntas que nos dêem acesso a novas dimensões do envolvimento das pessoas com a religião.

Mariano é outro estudioso que também tece críticas ao censo 2010.

Para ele, o IBGE enfrenta sérias dificuldades com as categorias dos evangélicos não determinados e sem vínculo institucional (ele menciona que a primeira, no censo de 2010, teria substituído a segunda, do censo de 2000). Isso ocorreria não só em razão das limitações de informações sobre religião que o censo coleta e divulga, mas também pela diversificação e complexificação do campo religioso brasileiro. Por isso ele diz que *"Não é à toa que viceja todo tipo de incerteza e ceticismo a respeito da correção e do significado dos dados sobre a filiação religiosa dos evangélicos não determinados; dados que, se equivocados, podem ter afetado a performance e o tamanho do conjunto dos evangélicos de missão e dos pentecostais, bem como de várias denominações, incluindo as que declinaram em números absolutos"* (pg. 130).

Mariano considera que diante da precariedade dos dados acerca dos evangélicos não determinados e outros conhecidos limites que o censo apresenta na coleta de dados sobre religião no país, não pode deixar de concordar com as ponderações que Mafra faz a respeito da necessidade de se reivindicar ao IBGE a inclusão de novas questões sobre religião no censo, entre as quais a que solicita resposta a partir de uma lista ou grade

fechada de alternativas religiosas contendo opções também de dupla pertença e uma sobre a frequência regular a cultos religiosos.

Ele vai além da simples concordância com ela e faz uma sugestão de acréscimo ao seu pedido:

"Sugiro ainda que se acrescente uma questão aberta sobre a filiação institucional (igreja), já que não sei se a adoção da lista fechada poderá conter o nome de várias igrejas evangélicas ou se será capaz de resolver o problema da indeterminação da filiação denominacional, especialmente no caso do elevado número de respondentes que se identificam genericamente como cristãos, evangélicos, protestantes, pentecostais e neopentecostais. Ao coletar e prover tais informações adicionais, o Censo, além de superar parte de suas limitações atuais, poderá contribuir bem mais para os estudos e para a compreensão das filiações e das atividades básicas dos frequentadores das diferentes organizações religiosas no país" (pg. 131).

Deve ficar claro que todas essas questões levantadas pelos autores referenciados, com as quais concordo integralmente, não significam que, de alguma forma, se queira invalidar os dados obtidos pelo censo, os quais, tudo indica, refletem algum aspecto importante da realidade; mas sim evitar extrapolações indevidas e permitir que os dados sejam mais bem avaliados e interpretados, bem como possam esses questionamentos, quem sabe, contribuir para mudanças em alguns aspectos na forma de se fazer o próximo censo.

2.2. Os sem religião

Ao longo das colocações acima sobre o censo 2010 e seus problemas, foi muito referenciada a categoria dos evangélicos não determinados, pois um dos objetivos deste capítulo é mostrar que os desigrejados são um dos constituintes desse agrupamento de evangélicos; diferentemente do que entenderam muitos desigrejados que seriam eles a totalidade desses evangélicos não determinados.

Mas embora haja esse objetivo referenciado, entendo pertinente, ainda que rapidamente, mencionar um outro contingente que também chamou a atenção entre os números do censo: os sem religião; pois, no meu entender, talvez em menor quantidade,

pode também ter, entre os seus, pessoas desigrejadas. Demonstrar isso consiste meu outro objetivo deste capítulo.

Mafra nos fala que cresceram no último censo os que se declararam como sem religião. Eles atingiram um total de 15.335.511 pessoas (8,04%), sendo 615.096 identificando-se como ateus (0,32%), 124.436 manifestando-se como agnósticos (0,07%) e 14.595.979 declarando-se simplesmente como sem religião (7,65%); sendo todos os percentuais em relação à população brasileira. Ela diz que boa parte desse contingente é composto por jovens masculinos, urbanos, com baixa escolaridade, presentes na base da pirâmide social e de cor parda (pg. 20/21).

A autora faz uma construção inteligente quando diz que

"... os "sem religião - sem religião" não se sintonizam com a postura do "sem religião - ateu" (aquele que não crê em Deus ou deuses) nem com a postura do "sem religião - agnóstico" (aquele que assume a impossibilidade de se produzir conhecimento sobre os problemas metafísicos ou religiosos). Os "sem religião - sem religião" diriam respeito ao jovem que, ainda que professando alguma crença em um ser ou energia superior, não pratica atividades de culto e louvor de modo sistemático" (pg. 21).

Dessa sua colocação, depreende-se que, para ela, os sem religião do censo não são ateus e agnósticos (até porque a pessoa que fosse ateu e agnóstico podia espontaneamente se declarar como sendo, ao responder o questionamento do recenseador).

Ela menciona Mariz, dizendo:

"Foi Cecília Mariz quem lançou uma hipótese bem interessante para o caso: ela sugeriu que esta declaração de "sem religião" tem a ver com um novo sentido de "religião" que tende a se estabelecer no país em função de uma influência mais alargada dos evangélicos (Mariz, 2012). Esses jovens, pondera ela, que estão na base da pirâmide (como boa parte dos pentecostais), que são de cor parda (como boa parte dos crentes), que têm baixa escolaridade (como a maioria dos pentecostais), muito provavelmente são considerados "desviados" no meio em que habitam. Desviado é a categoria nativa pentecostal para falar de alguém que conheceu a doutrina evangélica e depois se afastou da igreja. Como boa parte dos jovens das periferias tem sido criada aos cuidados de uma mulher evangélica, eles tendem a aprender com suas mães/avós/tias que "ter religião" é sinônimo de "frequentar uma igreja". Como esses jovens não frequentavam uma igreja na época da aplicação do Censo, eles se autodeclararam "sem religião"" (pg. 21).

A hipótese de Mariz, mencionada por Mafra, de que os sem religião do censo seriam evangélicos desviados, em razão dos mesmos terem assumido um novo sentido do

que seja ter religião (ter religião é ir na igreja; quem não vai mais na igreja, não tem mais religião), me remete ao fato de que os desigrejados também não vão mais na igreja.

Então, conjugando esse fato de que os desigrejados também não vão mais na igreja, com o que Mafra fala, citando Mariz, a respeito dos evangélicos que se desviaram serem os sem religião do censo (e seriam porque não tem mais religião pois deixaram de ir na igreja), penso ser razoável admitir que entre esses que afirmaram não ter religião, estejam, também, além dos desviados, pessoas que são desigrejadas.

É importante ter bem claro que ser desviado é totalmente diferente de ser desigrejado. O que ambos têm em comum é o fato de não frequentarem mais uma igreja. Mas o desviado não vai mais porque abandonou a vida de fé e comunhão, ao passo que o desigrejado não vai mais porque embora tenha rompido com e abandonado a denominação, continua determinado a manter a vida de fé e comunhão.

Ainda falando sobre os sem religião do censo, Giumbelli (2013) levanta um questionamento acerca da pertinência de se pensar as categorias ateus e agnósticos como pertencentes a esse contingente, pois fica a dúvida se deveria-se vê-los como parte do universo religioso ou como recusa a essa participação (pg. 68).

Já Mariz, além da hipótese referente aos desviados que Mafra menciona, no que diz respeito à relação entre sem religião, ateus e agnósticos, fala ainda não querer argumentar que aqueles sejam, em grande parte, esses; mas que certamente os percentuais de ateus e agnósticos podem estar subestimados no censo. São suas palavras:

"O mesmo tipo de problema também reaparece na categoria sem religião. Os ateus e agnósticos contabilizados são apenas os que assim se definiram. Mas podemos supor que muitos não declararam isso porque a pergunta era "qual sua religião e/ou culto" e ateísmo ou agnosticismo não são religiões nem cultos. Alguns podem ter querido marcar posição, mas muitos podem ter evitado aprofundar o tema e responder apenas o que foi perguntado" (pg. 53).

Admitindo-se a possibilidade de se ver ateus e agnósticos como parte do universo religioso, como o faz Mariz, e considerando sua colocação de que para ela (embora não afirme que eles sejam sem religião) suas quantidades no censo estão subestimadas; temos suficientes razões para se pensar que essas categorias estejam sim, contabilizadas, também, entre os sem religião.

Isso posto, se considerarmos aceitável a ideia de que ateus e agnósticos (que podiam espontaneamente se declarar como tais, ao responderem o questionamento do

recenseador) sejam contados, também, entre os sem religião, entendo que se possa considerar que alguns desigrejados também possam estar entre os que responderam não ter religião, pois entre os desigrejados (uns mais outros menos) existem algumas concepções que se tornaram correntes em suas falas. Uma delas é a de que eles romperam e abandonaram suas denominações (por "n" razões, como veremos no próximo capítulo); outra é a de que, ao fazerem esse rompimento e abandono, deixaram de ser religiosos para se verem apenas como seguidores de Jesus. Assim, pode que, quando confrontados com a pergunta sobre qual seria sua religião, tenham respondido ser sem religião.

Em suma, se é admissível que estejam dentro dos sem religião, desviados, ateus e agnósticos, pelas razões defendidas pelas autoras citadas (e eu entendo que isso seja bastante provável), penso que, também seja razoável supor que haja desigrejados inseridos entre os que se declararam no censo 2010 como não tendo religião, em função dos argumentos acima expressos de que os mesmos deixaram de frequentar uma igreja (como o fizeram os desviados) e de que, uns mais outros menos, não mais se consideram religiosos (como o fazem os ateus e agnósticos).

2.3. Os evangélicos não determinados

Entendo que não seja somente (talvez nem predominantemente) entre os sem religião que se encontram os desigrejados nos números do censo, porque embora todo desigrejado tenha deixado de frequentar uma igreja, nem todos deixaram de se considerar religiosos. Creio que eles estão (provavelmente em franca maioria) presentes, também, entre os que foram categorizados como evangélicos não determinados, porque muitos desigrejados ainda se consideram evangélicos.

Dentre os vários dados que o censo do IBGE de 2010 trouxe a respeito do universo religioso brasileiro, o expressivo número de evangélicos não determinados chamou muito a atenção daqueles que se debruçam sobre o assunto. Para além do já mencionado crescimento do segmento cristão evangélico, estava-se diante de um crescimento sem precedentes de um setor desse segmento que até então passava quase que despercebido. Isso ensejou análises, publicações e vem gerando expectativas acerca do que se apresentará quando surgirem os números do novo censo.

Reafirmando o que já foi mencionado, no censo de 2010 essa categoria chega a 9.218.129 pessoas, correspondendo a 4,83% da população brasileira e a 21,80% do total de evangélicos.

Mariz e Mariano abordam uma questão interessante a respeito dos evangélicos que não declararam pertencer a alguma denominação nos censos de 2000 e 2010.

Eles nos dizem que no censo de 2000 havia dentro da categoria mais ampla referente à religião evangélica uma subcategoria chamada de "sem vínculo institucional", dividida entre evangélicos e evangélicos de origem pentecostal; e que havia ainda as subcategorias outras religiões evangélicas e outros evangélicos. Mas durante o processo de análise dos dados do censo de 2010, os técnicos e assessores do IBGE concluíram que nomear essa subcategoria como "sem vínculo institucional" estava errado, pois em suas respostas os entrevistados, que aí estavam contabilizados, tinham dito apenas que sua religião era evangélica e nada mencionavam sobre ter ou não vínculo institucional, nem ter ou não participação em alguma igreja. Por isso, no censo de 2010, a categoria passou a ser chamada de evangélica não determinada. Outra coisa que foi notada é que as subcategorias outras religiões evangélicas e outros evangélicos desaparecem no último censo. De todo modo, segundo esses autores, o censo de 2000 permitia conhecer ao menos a procedência religiosa de parte dos evangélicos sem vínculo institucional, ao identificar a origem pentecostal de milhares deles, o que não aconteceu no censo de 2010.

Nas palavras de Mariano: *"Já no Censo 2010, a categoria evangélica não determinada, composta por 9.218.129 de brasileiros, não fornece informação alguma sobre a procedência religiosa desses religiosos, se pentecostal ou protestante, e os coloca todos num limbo institucional"* (pg. 130).

Isso ocorreu porque, como já se viu, o censo de 2010 não perguntou qual era a igreja do recenseado, impossibilitando saber se o respondente que afirmava ser evangélico dispunha ou não de vínculo institucional com alguma denominação.

Falando sobre a grandiosidade do número de evangélicos não determinados trazidos pelo censo, Giumbelli afirma que

"Trata-se de um número expressivo, maior do que a soma de todos os adeptos declarados de igrejas evangélicas de missão e bastante superior ao seu correspondente no censo anterior [sendo] duas as principais leituras sobre esse dado. A primeira tenta explicar o número aceitando que se trata de uma medida correta; e o que esse dado mede é explicado por um processo de desinstitucionalização, ou seja, o número capta com alguma exatidão um

contingente de evangélicos que não pertence a denominações específicas ou cujo pertencimento é atenuado por trânsitos e desafiliações mais ou menos constantes. A segunda leitura atribui o dado a um problema do instrumento de mensuração. Nesse caso, uma outra pergunta – por exemplo, "evangélico de qual denominação?" – diminuiria significativamente o número de evangélicos não determinados" (pg. 69/70).

Entendo que ambas leituras que o autor menciona são muito felizes. A primeira porque referencia justamente o que chamo de desigrejado (um contingente de evangélicos que não pertence a denominações específicas). Em relação à segunda, concordo que uma outra pergunta diminuiria o número de evangélicos não determinados, pois em ela sendo respondida, se saberia a denominação à qual pertencia o respondente; mas embora diminuiria, não acabaria; e entendo que não acabaria porque nesse número apareceriam bem identificados, também, os que se declaravam evangélicos sem pertencer a nenhuma denominação, ou seja, aqueles que chamo de desigrejados.

Ele reforça seu entendimento de que se houvesse uma segunda pergunta, como complemento da que foi usada, uma parcela das respostas indicaria alguma denominação e outra parcela (provavelmente menor que a primeira) confirmaria a flutuação institucional (os transeuntes). Não discordando de sua linha de raciocínio, para mim, além dessa flutuação institucional, também apareceriam aqueles que de fato são desigrejados. Mas tal não ocorreu nesse censo justamente por causa da sobreposição das categorias que acabou acontecendo devido à falta da segunda pergunta.

O autor intrigado com a existência desse número tão grande de evangélicos não determinados, se questiona: *"... o que levou tantos evangélicos a não apontarem uma denominação específica para sua identificação? [Pois] pelo que sabemos através de diversas pesquisas sobre o universo evangélico, não faz sentido a existência de um contingente tão grande de pessoas que não seriam capazes de apontar um pertencimento denominacional, mesmo sob um vínculo atenuado ou intermitente" (pg. 70).*

O que defendo é que a resposta a sua indagação poderia ser pensada em termos de que esse contingente de pessoas que não tem, de fato, mais pertencimento denominacional mas busca continuar exercendo a fé e a comunhão, existe realmente. Ele está em parte subsumido dentro das diferentes parcelas constituintes dos números de evangélicos não determinados como sendo os desigrejados, que não pertencem mesmo mais a nenhuma denominação e por isso não poderiam apontar uma como dela sendo participante.

Para ele, a razão porque o número de evangélicos não determinados é enorme deve-se ao fato de que os respondentes acreditavam que bastava se identificarem como evangélicos, o que mostra a naturalização dessa categoria na sociedade brasileira, ou seja, ser evangélico é algo que já é comum, compreensível por todos. Nas palavras de Giumbelli:

"Em 2010, mais do que em décadas anteriores, milhões de pessoas encontraram plausibilidade em responder à pergunta "qual é sua religião?" dizendo apenas evangélico, mesmo que pertencessem a alguma denominação específica. Se antes, em se tratando de identificação, apontar uma igreja era praticamente imprescindível, agora, para muitos, passa a ser suficiente recorrer ao genérico da identidade" (pg. 71).

Abordando essa questão de pertencimento ou não a uma denominação, por parte dos evangélicos não determinados do censo, Mariano (2013) questiona a facticidade da informação contida nessa categoria classificatória ao dizer que possivelmente parte dos que foram assim classificados frequenta ou está filiado a alguma igreja evangélica. Ele entende que o perfil de escolaridade e de renda dos evangélicos não determinados constitui forte indício de que esse grupo é composto por pessoas oriundas tanto de igrejas históricas quanto de pentecostais. Ele diz que

"É provável que tal desvinculação institucional tenha se acentuado entre indivíduos mais beneficiados pela elevação da renda e pela profusão de oportunidades criadas no mercado de trabalho formal ... e mesmo no ensino superior ... nos últimos anos. Pois ... o empoderamento social e econômico pode diminuir o apelo evangelístico dessa religião e sua capacidade de reter parte dos adeptos que se empoderaram" (pg. 129).

Contudo, isso não permite afirmar seguramente que uma parte deles seja filiada a tais igrejas. Segundo ele, há um espaço para dúvidas. Apesar disso, porém, avalia que essa categoria realmente vem crescendo numa proporção bem superior a de décadas passadas.

Outro estudioso do assunto, Tadvald (2015), nos diz que foi percebido, dentro do pentecostalismo pátrio, o crescimento de um novo tipo de evangélico mais independente e com menor fidelidade denominacional, bem como o crescimento significativo de fiéis que se dizem apenas evangélicos sem vinculação direta a nenhuma igreja.

Já Mafra (2013), na página 20 de seu artigo, apresenta três possibilidades de quem possam ser os evangélicos não determinados. Para ela, podem ser:

1- frequentadores esporádicos da Igreja Universal do Reino de Deus (e até mesmo de todo o campo evangélico), pois, como compõem a sua religião a partir de uma circulação entre várias igrejas (trânsito religioso), podem perfeitamente se identificar como evangélicos não determinados. Importante observar que Mariz (2013), na página 52 de seu trabalho, corrobora a colocação de Mafra no tocante ao trânsito religioso, ao levantar a hipótese de que, entre esses que não declararam sua denominação, estão alguns que participam de mais de uma igreja, cujos fiéis vão a mais de uma, circulando entre elas; e que, talvez por isso, possam ter preferido dizer que são evangélicos apenas;

2- evangélicos pentecostais de segunda e terceira geração que parecem buscar experiências religiosas mais plurais dentro de um espectro considerado cristão;

3- evangélicos pentecostais que vivenciam uma mobilidade social ascendente e que parecem buscar alternativas às vidas congregacionais de vínculo forte.

Tanto Mariano, quanto Tadvald e Mafra mencionam, como componentes desse contingente de evangélicos não determinados, os pentecostais. A diferença entre esses três autores é que Mariano não menciona, como os demais, apenas os pentecostais como fazendo parte desse segmento.

Penso que a interpretação de Mariano seja mais abrangente e mais próximo de uma possível realidade, pois no meu entender dentro do número de respondentes do censo que não declararam sua filiação a alguma denominação não devem estar somente pessoas oriundas dos pentecostais, havendo também as de outros setores evangélicos, além daqueles que nomino de desigrejados; e essa compreensão tiro da afirmação de Mariz, quando essa diz que

"... entre esses podem estar muitos evangélicos praticantes ligados a qualquer igreja, ... e pode haver os sem igreja também ... não temos informações sobre isso no censo. ... não se pode supor que essa categoria exclua evangélicos que têm denominação. São assim categorias que se sobrepõem e não excludentes. Em pesquisas quantitativas, o recomendado é a elaboração de categorias excludentes, para que as análises estatísticas possam ser coerentes. Como foi adotada no quesito religião essa questão aberta e que não pode ser complementada com pedidos de esclarecimentos, se torna quase impossível construir tais categorias excludentes" (pg. 48).

Buscando encontrar as razões para o crescimento desses evangélicos que não indicaram pertença a uma denominação, estudiosos, além de Giumbelli já abordado, nos apresentam alguns argumentos interessantes. Destaco o que nos ensina Mariano em seu artigo.

Para ele *"... a filiação religiosa [vem se tornando um] franco processo de deixar de ser majoritariamente percebida e tratada como herança familiar e como tradição religiosa ... para se tornar matéria de livre escolha individual, opção consciente e voluntária, ... encarada como questão de preferência ou opinião pessoal e como experiência privada e subjetiva"* (pg. 121).

Pensando-se em termos de evangélicos, essa ideia também faz sentido pois esses se tornaram um grupo religioso cada vez mais dotado de legitimidade social, religiosa e acomodados ao mundo e, segundo o autor, em função dessa acomodação, o controle mútuo e comunitário dos adeptos da religião evangélica perde força, e esses mesmos adeptos ampliam sua autonomia diante dos grupos religiosos e das autoridades desses. Tudo isso ocorre em razão do avanço da afirmação da liberdade individual como valor e como prática legítima, e pelo fato de que a liberdade e o pluralismo religiosos tendem a fazer com que a religião seja encarada mais e mais como uma questão de livre escolha ou preferência pessoal.

Com o aumento da crise de transmissão das tradições religiosas, a tendência de individualização e subjetivação das crenças, e a fragilização das pertenças e identidades religiosas, ocorre o avanço conjunto da mobilidade religiosa. Tais fenômenos não são necessariamente prejudiciais à religiosidade em si mesma, mas são, com certeza, às instituições religiosas tradicionais e às suas pretensões de dominação religiosa e sociocultural.

Mariano afirma que

"... a massiva difusão do individualismo, responsável ... pelo paulatino desmanche dos coletivos sociais; a busca de autonomia pessoal em relação a poderes hierocráticos e à tentativa de imposição institucional de moralidades tradicionalistas e de costumes sectários; a avaliação ... como sendo excessivos os custos de tais laços e compromissos religiosos, bem como ... a fragilidade de parte dos vínculos sociais e religiosos formados em e por igrejas cujas estratégias de recrutamento residem prioritariamente no uso do tele-evangelismo e na oferta de serviços mágicos para atrair as massas [e,] além disso, a banalização e o recrudescimento do trânsito religioso ... tendem a contribuir para fragilizar os laços e os compromissos religiosos, já que entreabrem a porta para novas

defecções e para a adoção de opções religiosas individualistas, subjetivistas e idiossincráticas de tipo instrumental ou self-service" (pg. 128/129).

Voltando a Mafra, a autora, na página 17 de seu artigo, nos deixa com uma pergunta interessante sobre se o aumento das declarações de religião evangélica não determinada permite que se diga que as pessoas passaram a viver o religioso em um sentido mais alargado, ou seja, com um vínculo congregacional frouxo. Penso que se a resposta for sim, isso conduz a se pensar em algo próximo do que chamo de desigrejados. Digo próximo e não exatamente, porque os desigrejados não possuem esse tal vínculo frouxo com a institucionalidade, posto que, na verdade, eles não tem vínculo algum com nenhuma instituição religiosa.

Como se viu, alguns pensam que o inchaço da categoria evangélico não determinado do último censo bem pode ser indicativo de uma não fidelização do frequentador em uma determinada denominação compondo sua religião a partir de uma circulação entre várias igrejas, e que isso poderia perfeitamente levá-lo a se identificar como evangélico não determinado. Não considero que isso seja absurdo. Por certo existe esse componente. Mas, baseado nas afirmações de meus entrevistados e de minhas observações em grupos de desigrejados no Facebook dos quais participei para fazer a pesquisa para este trabalho, ousou dizer que parte da razão desse inchaço deva-se ao fato das pessoas realmente estarem deixando suas denominações para se assumirem como desigrejados e não tomarem mais parte em nenhuma delas.

Tendo procurado defender a ideia de que no interior dos evangélicos não determinados do censo 2010 encontram-se, também, aqueles que chamo de desigrejados, penso ser pertinente, ao encerrar esta seção, trazer uma colocação de Mariano onde ele faz a própria definição de desigrejado, descrevendo um sem usar esse termo: *"O crescimento do número de evangélicos não determinados, friso, se deve também à expansão da desvinculação desses religiosos de suas igrejas, situação em que o crente (nascido ou não em família evangélica) mantém a identidade e parte das crenças e práticas religiosas, mas opta por fazê-lo fora de qualquer instituição"* (pg. 128).

Por fim, entendo seja pertinente deixar claro que, ainda que tenha adotado os dados que o censo do IBGE de 2010 nomeia de evangélicos não determinados como sendo um conjunto que abarca diferentes formas de manifestação da fé evangélica, na qual situo o que chamo de desigrejados, minha posição pessoal é de que, em razão de todos os

argumentos já apresentados ao longo do texto, pairam dúvidas quanto a esses dados realmente refletirem a quantidade de desigrejados brasileiros.

É certo que podemos pensar os desigrejados como sendo mais um exemplo de fracionamento pelos quais a cristandade vem passando nos últimos dois mil anos. Não nego que talvez haja outros, posto que a dinâmica das divisões tende a seguir no ritmo frenético dos tempos atuais, mas para fins deste trabalho me dedico somente a esse dos desigrejados; sobre os quais, diga-se de passagem, tem-se notícias de que já há também fracionamentos. Mas acerca disso falarei no próximo capítulo onde tratarei sobre a identidade dos desigrejados e suas diferentes expressões.

Todas as colocações que fiz neste capítulo tem por base o censo do IBGE de 2010, porque é o último censo que tivemos no país. Como mencionei, deveremos ter um novo censo em 2022. Entre um censo e outro o lapso temporal ficou além do costumeiro e algumas estimativas mais atuais com números referentes ao mundo religioso brasileiro vem sendo divulgadas. Mas atentemos: trata-se de estimativas e não de novos dados censitários. Uma dessas é a feita pelo Instituto Datafolha¹ que realizou uma pesquisa em 2019 na qual estima que 31% da população nacional se declara evangélica, enquanto que 50% permanece católica. Penso que essas estimativas sirvam para nos deixar em alerta quanto a uma possível variação dos números, mas para termos uma real certeza se houve ou não mudanças nos mesmos, convém aguardarmos o próximo censo.

¹ <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/cara-tipica-do-evangelico-brasileiro-e-feminina-e-negra-aponta-datafolha.shtml>

DESIGREJADOS E IGREJADOS

Neste capítulo falo sobre os desigrejados, tratando de quem eles são, seus problemas, controvérsias, dissensões e suas semelhanças e diferenças com aqueles a que se contrapõem, os igrejados, bem como apresento algumas das razões desses não aceitarem as proposições daqueles.

3.1. Os desigrejados

Ao longo desta escrita venho dando pinceladas aqui e ali acerca dos desigrejados, razão maior de tudo que busco trazer à luz com este trabalho. Penso que é chegado o momento de aprofundar um pouco mais o que vem a ser esse segmento cristão do qual tanto falo.

Como já afirmei antes, os desigrejados configuram-se herdeiros de todos esses movimentos evangélicos que por aqui surgiram e que cresceram a ponto de muitos de seus líderes pensarem que podem se tornar maioria do povo brasileiro em anos vindouros.

Os desigrejados, antes de tomarem fôlego no Brasil, já existiam na Europa e América do Norte e podem ser identificados como um fenômeno da pós-modernidade, se o analisarmos a partir dos postulados de Bauman (2007), quando esse fala da liquidez da vida, do tempo, das relações, de tudo que um dia já foi tido como garantido, nobre, elevado, consolidado. O movimento dos desigrejados encaixa-se dentro da ideia pós-moderna, uma vez que traz um discurso e uma prática questionadora do próprio sistema religioso evangélico.

Ao longo da minha pesquisa (através da bibliografia lida, consultas em sítios de internet, observações participantes que realizei quando interagi em grupos de desigrejados no Facebook, e das entrevistas que realizei com desigrejados, também através da rede social citada) busquei encontrar o "ponto inicial" dos desigrejados, ou seja, a menção mais antiga sobre os mesmos, a fim de que a partir dali pudesse "desenrolar o novelo" sobre eles. Foi então, a partir de uma das várias buscas que fiz na internet, consultando através

do Google, que encontrei a mesma (o que não quer dizer que não possa haver outra(s) anterior(es); apenas estou afirmando que a mais antiga que encontrei foi essa).

Essa primeira menção à figura do desigrejado em terras brasileiras foi feita pelo reverendo presbiteriano Augustus Nicodemus Lopes, quando se colocou a escrever um artigo intitulado "Os Desigrejados", que publicou, em abril de 2010, no blog Tempora-Mores (tempora-mores.blogspot.com.br). Aí ele teria cunhado o nome desigrejado para designar aqueles evangélicos que, em suas palavras: *"... além de não mais frequentarem a igreja, tomaram esta bandeira e passaram a defender abertamente o fracasso total da igreja organizada, a necessidade de um cristianismo sem igreja e a necessidade de sairmos da igreja para podermos encontrar Deus"* (LOPES, 2010). Esse artigo do reverendo Lopes foi o primeiro material elaborado sobre os desigrejados que encontrei.

Naquele mesmo ano em que ele escreveu o artigo sobre os desigrejados, foi realizado o censo pelo IBGE. Com a divulgação dos dados do censo e com uma interpretação talvez precipitada de seus números, em função do provável desconhecimento acerca da metodologia empregada no mesmo, somada ao que Lopes havia escrito em seu artigo, tomou vulto a figura do desigrejado. Isso não significa que ele não existisse antes. Existia de fato, mas não com esse nome, seja porque ninguém criara esse termo, seja porque o dado estatístico acerca dele nunca chamara a atenção.

A partir daí vasto material foi sendo produzido para tentar entender o novo fenômeno religioso. Dentre eles pode-se mencionar um artigo publicado no mesmo ano pela revista cristã Cristianismo Hoje, intitulado "Decepcionados com a Igreja"; uma reportagem de capa feita também no mesmo ano pela revista Época, com evangélicos insatisfeitos com os modelos tradicionais de igrejas, intitulada "A Nova Reforma Protestante"; uma matéria publicada em 2011 pelo jornal Folha de São Paulo, intitulada "Cresce o número de evangélicos sem ligação com igrejas"; uma reportagem de capa feita também em 2011 pela revista Isto É, intitulada "O Novo Retrato da Fé no Brasil"; livros diversos sobre o assunto que foram publicados por editoras cristãs; e diferentes sítios de internet, blogs e páginas de grupos em redes sociais como o Facebook.

Tendo em conta a importância que os evangélicos assumiram dentro da sociedade, entendo ser deveras importante, num momento como esse em que o censo nos mostrou um número elevado de evangélicos que não declinaram sua filiação a uma denominação, abordar um movimento como os desigrejados, que questiona profundamente o que entende

serem desvios da vida de fé praticados pelo que chamam de sistema religioso evangélico brasileiro.

Mas antes de falar mais sobre os desigrejados, penso que seja importante mencionar o que quero dizer quando falo que eles constituem-se em um movimento religioso.

Buscando satisfazer suas próprias necessidades, o ser humano foi atribuindo poderes e características a seres transcendentais de modo a agradá-los, reverenciá-los e invocar proteção e auxílio. Dessa maneira foram sendo criados rituais, símbolos e doutrinas, que no decorrer do tempo constituíram as religiões. Variando conforme os lugares e as culturas, ocasionalmente alguns desses rituais, símbolos e doutrinas passam a ser contestados, aperfeiçoados ou mesmo inovados. Até que essas "novidades" se consolidem, venham a constituir um novo corpo religioso ortodoxo e assim sejam reconhecidas pelos do mundo das religiões, recebem o nome de movimento religioso. Com a religião cristã não é diferente. Se pensarmos na multiplicidade de religiões existentes na ocasião em que surgiram, os cristãos foram um movimento religioso. De igual sorte o foram os evangélicos. E agora temos os desigrejados. Uma nova religião, ou um segmento de uma que já exista, pela contrariedade que apresenta em relação ao que já esteja consolidado e aceito, não é reconhecido como tal, logo que surge. Até que se façam notar os resultados apresentados e haja um acomodamento das forças inovadoras, tal situação será tida pelos que já estão estabelecidos, tão somente como um movimento; que poderá permanecer como tal, se consolidar, ou até mesmo deixar de existir.

Tavares (2016) nos apresenta uma ideia sobre o que seja um movimento religioso quando diz que:

"Este termo, novo movimento religioso, ou movimento religioso contemporâneo, é aplicado para as novas religiões ou novas denominações religiosas que surgiram em todo o mundo ao longo dos últimos séculos. Podemos elencar alguns traços comuns para identificar os novos movimentos religiosos: são, por definição, novos. Nasceram nos últimos séculos; oferecem respostas religiosas inovadoras para as condições do mundo moderno, apesar do fato de que a maioria dos movimentos tem fortes raízes nas tradições antigas; são, na maioria das vezes, apontados como contracultura, isto é, eles são percebidos (por outros e por si) para ser alternativas para novas formas de se viver na atualidade; apresentam-se como alternativas para as religiões oficiais e para a cultura dominante; são chamados de religiosos porque oferecem uma visão do mundo religioso ou sagrado; oferecem os meios para alcançar objetivos, tais como o conhecimento transcendental, iluminação espiritual, a autorrealização" (pg. 11).

Considerando o que o autor citado nos diz acerca dos movimentos religiosos, entendo estar correto em me referir aos desigrejados como um movimento religioso cristão, posto que o mesmo: é recente (pouco mais de uma década, se pensarmos em termos de Brasil); propõem respostas religiosas inovadoras para as condições do mundo moderno (sobretudo em relação à forma de viver a vida de fé cristã e a comunhão com outros que professam a mesma fé), sem romper total e irremediavelmente com as raízes de tradição evangélica; não deixam de ser, a seu modo, uma espécie de contracultura (ao que chamam de sistema religioso evangélico e sua cultura), isto é, são percebidos (por outros e por si) como apresentando uma alternativa para novas formas de se viver a vida cristã; se mantêm religiosos (embora muitos deles não aceitam esse rótulo) porque oferecem uma visão do mundo religioso ou sagrado; e porque pretendem oferecer os meios para alcançar objetivos ligados ao conhecimento transcendental, iluminação espiritual e autorrealização.

A intenção deste trabalho não é fazer uma tipificação dos desigrejados, mas trazer à luz que os mesmos existem, bem como algumas de suas características. Vejamos então algumas distinções sobre os mesmos, dentro do universo evangélico.

Quando se fala sobre desigrejados se faz necessário esclarecer alguns pontos que dizem respeito a posturas que evangélicos assumem quanto à pertença ou não a uma igreja (no sentido de denominação), que acaba, algumas vezes, sendo confundido com ser desigrejado. Embora essas posturas possam ser vistas pelos de fora do meio evangélico como posturas apenas, ou geralmente, assumidas institucionalmente, se faz necessário (como desigrejado que sou e, portanto, conhecedor do mundo evangélico por dentro) esclarecer que sim, essas mesmas posturas podem e são assumidas por algumas pessoas membros de igrejas evangélicas.

Essas posturas a que me refiro são chamadas, dentro do meio evangélico, de uma forma muito própria, constituindo-se, portanto, em expressões êmicas, que reproduzo neste trabalho por entender que elas abrangem de forma compreensível aquele aspecto da experiência evangélica que pretendem retratar. Essas expressões são: denominacionalismo, adenominacionalismo e interdenominacionalismo; onde os prefixos a, na segunda expressão, indica negação, e inter, na terceira expressão, indica entre duas ou mais.

O primeiro ponto que quero destacar é que ser desigrejado não se trata tão somente de não ter vinculação com nenhuma denominação. Apenas isso não é assumir uma postura de desigrejado. O nome dessa postura é adenominacionalismo, ou não denominacionalismo (não ter vínculo com uma denominação). Assumir uma postura adenominacional, ou não

denominacional, dentro do mundo evangélico, é uma decisão tomada pelo sujeito no sentido de não pertencer a nenhuma denominação, sendo livre de qualquer vinculação para frequentar todas as denominações existentes. Ele vai onde quer, sem assumir compromisso com nenhuma delas. O desigrejado (na quase totalidade deles) não tem intenção alguma de, além de não ter vinculação com nenhuma denominação, sequer frequentá-las.

Tão pouco ser desigrejado se trata de, tendo o sujeito vinculação com uma determinada denominação (sendo, portanto, denominacional e não desigrejado), poder circular por outras diferentes denominações, sem que se torne adepto dessas outras que não a sua. Isso não é assumir uma postura de desigrejado. O nome dessa postura é interdenominacionalismo. Assumir uma postura interdenominacional, dentro do mundo evangélico, é uma decisão tomada pelo sujeito no sentido de, pertencendo a uma denominação, ser livre para frequentar todas as denominações existentes sem abandonar a sua.

Essa postura interdenominacional não deve ser confundida com a postura de trânsito ou nomadismo religioso, pois como foi dito, o sujeito que assume a postura interdenominacional, embora vá em diferentes denominações, mantém-se ligado a sua, à qual pertence; enquanto que o praticante do trânsito ou nomadismo religioso é aquele sujeito que se desliga da sua denominação, ou com ela não tem um vínculo rígido e, como o próprio nome diz, transita por outras com ânimo de lá se fixar ou não. Bitun (2011) chama esse sujeito que se desliga da sua denominação de mochileiro da fé:

"Este indivíduo, que se movimenta de uma religião a outra, é chamado nesta obra como mochileiro da fé. Trata-se de uma metáfora à figura daquele homem/mulher que coloca a mochila nas costas e sai errante à procura de algo ou alguma coisa que supra sua busca, seu desejo, seja ele qual for. Sua busca segue sem nenhum critério aparente, seja de credo ou denominação, a não ser o de satisfazer sua própria necessidade" (pg. 22/23).

Outro esclarecimento a ser feito é que ser desigrejado nada tem a ver com ser atraído pelo fenômeno da música e da cultura gospel que conforma milhões de evangélicos, independente de suas filiações denominacionais. Afirmando isso pois uma das críticas que os desigrejados fazem ao sistema religioso evangélico prende-se também a toda essa cultura gospel, devido, em suas palavras, a comercializações exageradas, shows

que mais parecem espetáculos mundanos e venda disso e daquilo, que lembra muito aqueles tempos da Idade Média com a negociação de indulgências feitas pela ICAR, que acabou sendo um dos motivos que levou à Reforma Protestante.

Tão pouco há de se confundir a profusão de pequenas denominações que atualmente disputam fiéis com as grandes denominações com a questão dos desigrejados, pois se são pequenas denominações, não deixam de ser denominações. E se são denominações, desigrejado passa longe.

Meus interlocutores, em minha pesquisa etnográfica virtual efetuada em grupos de desigrejados no Facebook, deixaram claro que a razão do desigrejamento tem a ver com a forma como o sistema religioso evangélico concebe o que é ser igreja, nisso incluído o exagero da cultura gospel e a existência das denominações, independente de seu tamanho.

É preciso ter claro que desigrejar-se não é simplesmente deixar uma denominação e continuar vivendo a cultura gospel fora da denominação. Desigrejar-se é construir uma nova cultura religiosa cristã. E aí reside uma enorme ameaça ao sistema religioso evangélico; que reage, como veremos na próxima seção.

Mas antes de chegarmos na próxima seção, penso ser importante dizer mais algumas coisas sobre os desigrejados, sem querer tentar passar a ideia de que tudo são flores nesse movimento.

Conforme já mencionei, uma análise talvez precipitada dos números trazidos pelo IBGE no tocante aos evangélicos não determinados (sem o devido conhecimento da metodologia empregada e os problemas dela decorrentes) pode ter levado a um super dimensionamento do número de desigrejados. Isso, em conjunto com a profusão do uso da moderna tecnologia das redes sociais (onde tudo se dá de uma forma muito rápida e por vezes apressada, superficial e sem muitos critérios de reflexão), pode ter promovido uma condução para fora das denominações de milhares de pessoas que talvez hoje possam estar numa condição religiosa pior do que consideravam estar quando pertenciam a uma denominação; com alguns talvez até se considerando desviados, quando na verdade podem apenas estar mal informados do que seja de fato ser um desigrejado.

Devo deixar claro que isso que acabo de dizer não é um julgamento que faço a respeito das pessoas que deixaram suas denominações impulsionadas por discursos proferidos em grupos de Facebook, mas tão somente uma constatação a partir das minhas observações participantes nesses mesmos grupos da citada rede social, bem como análise daquilo que muitos diziam serem os motivos para terem se desigrejado; o que muitas vezes

refletia, na verdade, mais dor por feridas ainda abertas devido a experiências traumatizantes vividas dentro das denominações, do que propriamente convicção da necessidade de se desigrejar por questões relacionadas a entendimento de preceitos bíblicos e/ou questões eclesiais.

Repetindo: desigrejar-se não é só sair da denominação, e tão pouco sair por razões de contrariedades ególatras, ou por razões como as que Mariano aponta, e que se encaixam perfeitamente no perfil de muitos desigrejados. Para ele,

"... indivíduos ... sem vínculos pessoais com outros adeptos ... dificulta sua socialização e permanência, especialmente numa denominação que não investe grandes esforços na acolhida de tipo comunitário. ... soluções mágicas para problemas tópicos ... gera laços frágeis e relações de clientela, que, a despeito de sua utilidade esporádica, apresentam problemas a longo prazo. As clientelas ... não encontram maiores estímulos para firmar compromissos duradouros com a denominação, seja pela fragilidade dos laços comunitários, seja pela carência de ... socialização religiosa" (pg. 135/136).

Por isso é importante que as pessoas não tenham como motivo para se desigrejar apenas suas dores (embora essas também tenham sua relevância), mas que tenham claro em suas mentes que, como novamente nos diz Mariano, *"... a ausência de vínculo institucional com uma religião, em geral, tende a resultar na redução da exposição dos indivíduos a autoridades e grupos religiosos e, com isso, na diminuição da influência de tais grupos em seus valores, comportamentos e crenças [e com isso eles possam realmente virem a ser mais livres para o exercício de sua religiosidade]" (pg. 123).*

O ambiente desigrejado não é uniforme, existindo algumas controvérsias. Uma delas diz respeito ao próprio uso da palavra desigrejado. Essa palavra não é muito bem recebida por todos eles, uma vez que boa parte não se identifica com o que a mesma exprime num primeiro momento. O que é aceito por todos, é que desigrejado significa sem igreja ou fora da igreja. Como no entendimento desses que não aceitam serem chamados de desigrejados, eles mesmos são a igreja, eles defendem que não tem como eles deixarem de ser ou estar fora da igreja, pois estariam deixando de ser eles próprios ou estarem fora deles mesmos. Porém isso não significa que eles não se identifiquem como um desigrejado (esse entendido como o sujeito que abandonou o sistema religioso evangélico, mas não abandonou a vida de fé e comunhão). Para esses desigrejados, o termo a ser usado corretamente para se referir a eles seria outro, como dessistematizado (porque abandonou o sistema religioso evangélico), ou desinstitucionalizado (porque abandonou a igreja

institucional), ou sem igreja (porque abandonou a denominação), ou destemplado (porque abandonou a prática de cultuar em templos). Pela variedade de nomes pelos quais os desigrejados defendem deveriam ser chamados, se percebe a diversidade existente entre os mesmos, pois a forma como dizem teriam de ser chamados bem traduz as diferenças entre uma série de entendimentos que têm sobre as coisas ligadas a vida de fé.

Para fins deste trabalho, em relação ao uso do termo, escolhi desigrejado pois considero que o mesmo abre as portas para esclarecer o uso de outro termo que também tem aplicações controversas: igreja, conforme já tratei na introdução. Outro motivo porque prefiro usar o termo desigrejado prende-se ao fato de que ao usá-lo estou assumindo a alcunha colocada em nós (como já referi, também sou um desigrejado) pelo reverendo Augusto Nicodemus Lopes (mencionado no início deste capítulo), de forma, no meu entender, pejorativa. Nisso estou agindo como os chamados coxinhas e mortadelas que assumiram seus apelidos em termos políticos, da mesma forma que fizeram os trabalhadores sem terra ligados ao MST, que quando surgiram foram apelidados pela imprensa da época como sem terras e acabaram se apropriando do apelido para reforçar sua identidade enquanto grupo.

Vale ressaltar que nada de novo há nisso, de novos movimentos religiosos acabarem sendo apelidados por aqueles que a eles se oponham no sentido de deles fazerem troça. Basta lembrar que o mesmo foi feito outrora contra os primeiros seguidores de Jesus (no tempo do Novo Testamento) que foram pela primeira vez chamados de cristãos na cidade de Antioquia, no sentido de deboche; o que também ocorreu ao longo da história com os anabatistas, quakers, pietistas e metodistas.

Não posso deixar de salientar um ponto de similitude identitária entre esses últimos (anabatistas, quakers, pietistas e metodistas) e os desigrejados: além deles terem também recebido seus apelidos pelos seus opositores de outras confissões cristãs, em ambos os casos nem todas as crenças professadas pelos grupos gozavam/gozam de unanimidade entre seus membros, havendo fracionamentos entre os mesmos.

Falando em fracionamentos, é preciso dizer que, embora eles existam no meio dos desigrejados, também existem algumas quase unanimidades no que diz respeito à forma desses se posicionarem em relação a alguns fatores relacionados à vida de fé fora das denominações. Partindo do que deparei das conversas que tive ao longo da pesquisa etnográfica virtual com as pessoas nos grupos de desigrejados e do que me disseram meus entrevistados, ficou-me claro que dentre essas quase unanimidades, pode-se citar a questão

do dízimo, do templo e do uso do dinheiro arrecadado com ofertas. A maioria dos desigrejados com quem tratei durante minha pesquisa é contra a entrega de dízimo em dinheiro às lideranças, pois defendem que o dízimo de que trata a bíblia não é em dinheiro, mas em bens resultantes das colheitas agrícolas em que o povo hebreu trabalhava. Também apresentam grande ojeriza a se reunirem em templos a fim de praticar seu culto (pessoal e/ou coletivo), pois advogam que o Deus a que servem, conforme suas interpretações da bíblia, não habita em templos edificadas por mãos humanas. Em relação ao dinheiro que porventura venha a ser arrecadado com ofertas junto à comunidade dos irmãos de fé (porque tem bem presente que a vida tem seu componente material e gira em torno do uso do dinheiro), a defesa é que esse dinheiro deva ser usado para auxiliar outros irmãos que possam estar em dificuldades, ou para ajudar pessoas (mesmo não pertencentes à irmandade) que necessitem (mediante aquisição de roupas, alimentos, remédios, etc).

Concordâncias de lado, não podemos deixar passar a existência das dissensões entre os desigrejados. É importante frisar que existem diferentes apropriações, formas e jeitos de alguém ser um desigrejado. Pessoas diversas entendem de maneiras variadas os diferentes assuntos que permeiam o movimento desigrejado. Então é preciso ter isso no horizonte. Há diversidade, tensões e disputas, inclusive sobre o que é ou não legítimo em termos de práticas e estilos de desigrejamento. E isso leva a algo muito próprio no meio evangélico: o fracionamento.

Há divergências inclusive na forma de enxergarem os igrejados (aqueles irmãos de fé que permanecem nas denominações): para alguns desigrejados, desigrejado mesmo são aqueles que os chamam de desigrejados (os igrejados), pois eles (os que os chamam de desigrejados), na opinião dos desigrejados, contrariam a bíblia e assim se encontram fora da igreja, constituindo-se, na verdade, nos verdadeiros desigrejados. Há, no entanto, outros desigrejados que não veem os igrejados dessa maneira e buscam ter com esses um bom convívio.

Outros aspectos que contribuem para dissensões entre muitos desigrejados são determinados entendimentos interpretativos da bíblia que alguns abraçaram ao deixar o sistema religioso evangélico. Um deles é o de um aprofundamento da judaização da vida cristã, mediante a adoção do uso de palavras em hebraico para designar a divindade e até mesmo o uso dos nomes dos personagens bíblicos no idioma original e não mais em português, bem como tentativas de usar simbologias próprias do povo hebreu (algumas denominações também fazem isso, mas não de forma tão incisiva a ponto de dizerem que

quem não se alinha a eles, não está cumprindo com o que diz a Palavra). Outras práticas (talvez fosse melhor dizer não prática) adotadas por alguns desigrejados e que causam divergências entre eles, é a de não mais se realizar o ritual da santa ceia, ou o do batismo nas águas; além do ressurgimento de ideias como o preterismo (que afirma que Jesus não voltará porque já teria voltado no ano 70 da nossa era); e do reavivamento dos debates entre o calvinismo e o arminianismo (que são antigas e profundas divisões existentes dentro do mundo evangélico e que não foram superadas dentro do movimento dos desigrejados); afora tantas outras divisões.

Devo dizer que, na minha percepção, o papel das redes sociais é fundamental para o surgimento e alimentação dessas dissensões entre os desigrejados, pois parece haver como que uma disputa para ver quem é o mais bíblico e as redes funcionam como um grande disseminador de tudo que pareça a mais recente descoberta, a mais nova revelação.

Só a título de curiosidade (porque entendo não ser o foco deste trabalho), como ao longo da minha pesquisa e mesmo depois dela, vivenciamos tempos turbulentos na política pátria, pude perceber que, também entre os desigrejados, esse é mais um ponto de discórdia. Claro que, num primeiro momento, os posicionamentos políticos aguerridos de alguns desigrejados em relação à política (sobretudo na defesa do obscurantismo presente no governo central do país) não guardam relação com a vida de fé dos mesmos. Mas não posso deixar de dizer que se constituiu para mim um ponto de questionamento de como esses desigrejados puderam ter o discernimento em relação aos problemas que alegam ter encontrado no sistema religioso evangélico e não têm se dado conta também dos problemas advindos de suas posições políticas de defesa do atual governo. Mas opto por deixar isso para, quem sabe, futuras pesquisas.

Esses sujeitos de quem venho falando, os desigrejados, constituem um movimento cristão que ataca frontalmente a existência da igreja institucional, propondo o uso massivo da internet, através das redes sociais, para mobilizar as pessoas, e o uso de uma pregação que conduza a uma vida de fé mais orgânica. Essa teologia orgânica que os desigrejados tanto defendem pode ser compreendida a partir da proposta de organicidade da igreja como a preconizada por Frank Viola (2011):

"Por Igreja orgânica, quero dizer uma igreja que nasceu da vida espiritual, em vez de construída por instituições humanas e mantida coesa por programas religiosos. A vida da igreja orgânica é uma experiência de profundas raízes, marcada pela comunidade face a face, onde todos os membros trabalham, tem reuniões abertas à

participação (em oposição aos cultos com o pastor diante dos bancos), liderança não hierárquica, e a centralidade e supremacia de Jesus Cristo como Líder Funcional e Cabeça da reunião" (pg. 19).

A religião é um dos grandes construtores da identidade coletiva, porque cria uma narrativa para os povos, no caso aqui, para os desigrejados. Essa identidade dos desigrejados é construída no contraponto ao outro, ou seja, na negação diante do sistema religioso evangélico de onde alegam ter saído.

Brandão (1988), falando como as identidades religiosas são construídas, menciona algo que bem pode ser aplicado aos desigrejados, quando nos diz que o

"Campo religioso é onde se estabelecem, ao mesmo tempo, o lugar legítimo da própria crença e os sinais diferenciadores da identidade de seus filiados. Para responder "o que é que você é?" o evangélico e, especialmente, o pentecostal delimitam os domínios absolutamente opostos entre o sagrado e o profano e diferenciam o universo religioso ... com uma força de detalhes ... que ... ajuda a compreender a construção das relações de identidade" (pg. 33/34).

O mesmo autor diz que

"A identidade evangélica é a afirmação de um modo de ser dominado pela religião. Uma pessoa "crente" é, antes de tudo, a pessoa de um crente, e todos os outros qualificadores de sua identidade são secundários, ou são reescritos a partir da maneira como o sujeito submete todas as dimensões de sua ação social e da representação que faz de si, aos termos e símbolos de sua identidade militantemente religiosa. Uma identidade que toma a religião como o critério determinante de sua diferença" (pg. 36/37).

Isso ocorre porque ao se tornar evangélico, o sujeito passa por um processo de conversão e não de simples adesão a uma religião. Na página 106 de seu trabalho, o mesmo autor diz que: *"Os protestantes propõem uma mudança paradigmática de vida que é identificada com a conversão."*

É importante termos em conta que uma identidade religiosa existe sob a forma de uma construção cultural através da qual a religião se vê a si mesma como forma peculiar e acabada de cultura. Identidade são estratégias simbólicas de lidar com o poder através da diferença e, como tais, só dizem alguma coisa à compreensão da cultura na medida em que se explica como elas próprias são historicamente construídas e como participam do universo de símbolos e significados que traça a história da cultura de que são parte.

O movimento dos desigrejados acaba assumindo um papel que não era o que inicialmente pretendia. Ele intentava ser um movimento que congregasse cristãos que tivessem saído das denominações para viver uma vida de fé semelhante a que viveram os cristãos primitivos. Mas não foi isso que aconteceu. Ele acabou virando, na verdade, um grande guarda-chuva sob o qual se abrigam as mais diferentes formas de entendimento a respeito do que seja viver a vida de fé, bem como as diversas maneiras de interpretar e ter em conta a veracidade da bíblia e de como ela é ou contém, ou não é ou não contém a Palavra de Deus.

Essas diferentes formas, antes deslocadas dentro das diferentes denominações por apresentarem maneiras de entendimento diverso do pensamento hegemônico dentro das mesmas, encontram abrigo seguro dentro de um movimento que afirma estar o sistema religioso evangélico, de onde saíram, corrompido com todos, ou quase todos, seus ensinamentos e formas de servir à divindade e ao próximo.

Como vimos, há várias formas de ser desigrejado; da mesma maneira que há diferentes formas de ser igrejado. Passemos então a ver alguns pontos que aproximam e afastam essas duas categorias de cristãos evangélicos.

Ao longo deste trabalho firmei posição de que protestante e evangélico são a mesma coisa, e também procurei demonstrar que, ao se pensar sobre esse movimento dos desigrejados, podemos entender que existem os evangélicos que seguem uma dada denominação, a quem passei a chamar de igrejados, e os evangélicos que não seguem nenhuma denominação, a quem chamo de desigrejados.

Os desigrejados guardam com os igrejados muitos pontos de concordância e práticas. Citando apenas algumas, podemos pensar em aspectos relacionados à questão de como o homem é justificado diante de Deus tão somente pela fé; à questão da bíblia como única fonte de doutrina; à questão da centralidade na pessoa de Jesus como único intermediador entre o homem e Deus; à questão de como o homem obtém a salvação somente pela graça de Deus; à questão de que somente Deus é digno de receber glorificação; afora o uso de cânticos e instrumentos musicais para o louvor a Deus, bem como se valer de diversos mecanismos sociais disponíveis (mídias e redes sociais, por exemplo) para evangelizar e propagar suas ideias.

Mas não são só pontos de concordância e práticas que existem entre os desigrejados e os igrejados. Existem divergências; e bem profundas.

Como exemplos de coisas que os desigrejados defendem ou praticam que os diferencia dos igrejados, dentre outras, podemos citar a não mais submissão a uma liderança carismática (existem líderes, mas eles não devem/podem dominar sobre os demais); não mais uso de lugares construídos para o fim específico de cultuar coletivamente (templos); desnecessidade de regularidade de reuniões com dias e horários pré-estabelecidos e cerimônias sempre com o mesmo ritual (existe uma maior informalidade); não mais ter de seguir um conjunto de regras pré-estabelecidas por um homem ou um conjunto deles (confissões de fé, credos, doutrinas, dogmas e liturgias); e não arrecadação de dízimos e ofertas como obrigatoriedade (as contribuições quando solicitadas são para atender uma demanda específica e não necessariamente o são na forma de dinheiro, embora possam também ser).

Já que mencionei mídias e redes sociais, que fazem parte de todo um aparato tecnológico moderno, entendo significativo se destacar a importância da tecnologia para os novos movimentos religiosos e como isso favorece aos desigrejados a partir do uso da moderna tecnologia de comunicação. Os evangélicos historicamente souberam e sabem se apropriar e valer-se da tecnologia para evangelizar e propagar suas ideias, fortalecendo-se como grupo. Exemplo disso temos por ocasião da própria Reforma Protestante, no século 16, quando Lutero se valeu da tecnologia desenvolvida antes por Gutemberg (impressão) para disseminar a ideia protestante. Depois tivemos, mais contemporaneamente, o uso do rádio e da televisão. Nos dias atuais, os desigrejados contam com a internet e através dela conseguiram se contatar, crescer e divulgar suas ideias anti-sistêmicas, usando com toda força redes sociais como Facebook e Whatsapp.

Diante de tal quadro, entendo não estar exagerando ao afirmar que os desigrejados abriram a caixa de Pandora da cristandade, porque liberaram tudo o que estava represado no sistema religioso evangélico pela hegemonia das denominações. Ao se contrapor a essa hegemonia, os desigrejados não apenas atacam, como também são contra-atacados.

3.2. Igrejados x desigrejados

Um aspecto importante a ser observado quando se pensa nos desigrejados reside na oposição que lhes é feita pelos igrejados.

Um dos poucos autores que trata sobre os desigrejados é o pastor da Igreja Evangélica Congregacional, Idauro Campos, com quem muito aprendi para fins deste trabalho, mas de quem divirjo em alguns pontos.

O pastor mencionado, em sua obra (Campos, 2015), vê os desigrejados como evangélicos e argumenta que eles, na verdade, não atacam a questão eclesiástica e sim apenas pontos que julgam estar manchando a essência do que seja ser igreja. Quando Campos se refere à questão eclesiástica ele está querendo dizer que os desigrejados não abordam aspectos relacionados à vida da igreja, às relações entre clero e membresia. No entanto, pelo que aprendi nesta minha pesquisa sobre os desigrejados, o autor se equivoca quanto a isso, pois sua colocação não leva em conta que para os desigrejados a igreja é um corpo vivo e não uma instituição, e que os oficiais da igreja (clero) não são títulos ou cargos, mas sim dons que devem ser exercidos com amor e em prol do serviço a todos e não como sinônimo de autoridade e poder.

De igual forma, entendo que o autor falha ao vender a ideia de que os desigrejados são apenas um "fogo de palha" que logo passará como tantos outros fracionamentos semelhantes que já existiram ao longo da história da igreja. Digo isso porque entendo que exista algo (que referi antes) de veras relevante que joga a favor dos desigrejados: a moderna tecnologia de comunicação representada pela internet.

Os igrejados alegam que os desigrejados precisam ser recuperados. Fico me indagando recuperados de quê e por quê. Eles argumentam que os desigrejados encontram-se em uma situação muito preocupante, do ponto de vista espiritual/religioso, pelo fato de terem abandonado as denominações e por isso precisam ser alcançados e trazidos de volta para o seio da comunidade que deixaram para trás.

Em sua obra, Corrêa (2014) apresenta sete motivos que levam a esse abandono denominacional. Considero muito bem elaborada sua ideia e a aproveito; porém apresentando esses motivos a partir de minha própria leitura sobre os mesmos, deixando claro que entendo ser bem compreensível que um desigrejado não necessariamente tenha de se enquadrar em todos eles ao mesmo tempo.

1- Decepção: este motivo é o que leva pessoas que se sentiram atraídas para uma denominação em razão de promessas de solução dos seus problemas, a abandoná-la quando ao lá conviverem não vislumbram satisfeitas suas expectativas; percebendo que não existem palavras mágicas nem doações de ofertas que sejam capazes de fazer com que as bênçãos sejam alcançadas, ficando com a sensação de que toda propaganda com que

tiveram contato a respeito das coisas que aconteceriam naquele lugar não passava mesmo de meras propagandas, muitas vezes bem elaboradas.

2- Abuso religioso: este motivo é o que leva pessoas a abandonar a denominação porque quando estão nela se sentem usadas, oprimidas, abusadas, violadas ou manipuladas por suas lideranças ou até mesmo outros irmãos de fé; seja do ponto de vista físico, material, emocional ou mesmo espiritual. Esse abuso ocorre, muitas vezes, devido ao apreço desmedido que a pessoa nutre pelo seu líder ou outros irmãos da membresia. Nesses casos, os líderes, por causa do cargo que ocupam, ou os demais irmãos, pelos mais diversos motivos, manipulam as pessoas para lhes servirem das mais diferentes maneiras, sejam com sua mão de obra, posição social, aparência, dinheiro ou bens. A pessoa abusada acredita que tem de se submeter ao seu líder, pois ele é a autoridade espiritual naquele lugar, ou àqueles seus irmãos de fé por quem nutrem uma amizade especial. Não se pode deixar de ter em conta, também, que muitas dessas pessoas que foram vítimas de abusos gostam de ser direcionadas, pois é mais fácil não terem a responsabilidade de escolher e então transferem para o líder ou demais irmãos a orientação que devem dar as suas próprias vidas e a maneira como devem agir em determinadas situações. O que obviamente não justifica o abuso.

3- Individualismo: este motivo é o que leva pessoas, que muitas vezes têm dificuldade em relacionar-se, a optar por praticar sua fé sem contato com outras pessoas, abandonando sua denominação e procurando viver suas experiências espirituais sem ter de comungar das mesmas com outros. Essas pessoas acreditam que sozinhas são capazes de encontrar a verdade e prestar seu culto de forma completa. Elas praticam uma espécie de cristianismo isolado. Talvez não queiram alguém por perto para apontar seus erros e os confrontar. A tecnologia contribui para o individualismo e essas pessoas aproveitam para não frequentar mais a denominação, mas participar dos cultos sozinhas, em suas casas, valendo-se do grande número de programas evangélicos nos meios de comunicação como rádio, televisão e internet (cultos online). São pessoas com perfil independente. O que fico me perguntando é se o ideal não seria que uma pessoa que vive na comunhão do corpo de Cristo fosse interdependente, dependente das demais. Creio ser importante dizer que existe uma variante desse tipo de pessoa, que é aquela que até aceita ter contato com outros de sua mesma fé, desde que seja virtualmente.

4- Cultura da descartabilidade: este motivo é o que leva pessoas que são mais suscetíveis às impregnações da pós-modernidade, ou que optam pelos postulados dela, a

carrear para a área da religiosidade também a ideia de que tudo que é consumido tem um prazo de validade e, assim, é passível de ser posto de lado, descartado, inclusive a vivência dentro de uma denominação, e por isso a abandonam. A cultura de consumo pariu a cultura da descartabilidade. Essa, por sua vez, que até então estava inteiramente ligada aos bens materiais, teve sua influência transferida para as relações pessoais e também para a vida dentro das denominações. Muitas pessoas procuram as igrejas e se ao lá chegarem se frustram (a pregação foi dura, a bênção prometida não aconteceu, o ar condicionado não funcionou, o estacionamento estava lotado, não a cumprimentaram, ou seja a razão que for), aquele lugar é descartado, e muitas vezes passam a ser mal falados, porque a motivação era tão somente adquirir um produto religioso, como qualquer outro bem material. Convém atentarmos para o fato de que as denominações também se encontram dentro dessa sociedade que induz ao consumo. Daí que elas acabam produzindo mercadorias religiosas para saciar a fome consumista das pessoas, transferindo técnicas do mundo dos negócios para o mundo religioso, onde o produto principal é a promessa do sucesso profissional, da felicidade afetiva, ou da resolução de qualquer problema que envolva a vida do fiel. Difícil saber, em situações como essas, quem lançou mão primeiro dessa cultura da descartabilidade, se a denominação ou seu ex-membro.

5- Balança injusta: este motivo é o que leva pessoas a abandonar a denominação porque não quiseram ou puderam mais suportar o fato de saberem que algumas das outras pessoas com as quais conviviam não praticavam verdadeiramente a fé, seja fora (hipocrisia) ou dentro (mundanismo) do ambiente da denominação, agindo como se não pertencessem a ela. Essas pessoas que deixaram a congregação não quiseram mais pertencer a um grupo que tinha uma prática religiosa, segundo seus entendimentos, falha. Talvez a essas pessoas que se afastam da denominação falte o entendimento de que a mesma seja um lugar de pessoas com todo tipo de imperfeições, que estão ali tentando um novo modo de ser e viver, e por isso façam esse tipo de julgamento em relação aos seus irmãos de fé. Claro que cada um tem suas próprias razões, mas me indago se não seria o caso dessas pessoas que deixam a denominação enxergar seus irmãos não a partir de um prisma de juiz com uma balança perfeita com que pesam os outros, mas àqueles estender sua compreensão quanto as suas necessidades, uma vez que, me parece, a denominação é um lugar de doentes e não de sãos, e invariavelmente iremos ali encontrar pessoas, quem sabe, imperfeitas como nós.

6- Antinomismo: este motivo é o que leva pessoas que apresentam dificuldades em lidar com regras, lideranças e contrariedades a deixar a denominação, alegando que se sentem presas, tolhidas e não têm suas opiniões levadas em conta. Essas pessoas querem ser livres para serem cristãs do jeito delas, interpretar a bíblia de uma maneira não ditada por quem pense ser douto no assunto, acreditar no que quiserem, viver da forma que acharem correto, de acordo com seus valores e não os de uma instituição religiosa, sem terem que prestar contas a ninguém. São pessoas muito críticas e não estão dispostas a submeter-se a nenhuma autoridade.

7- Descredibilidade dos de dentro: este motivo é o que leva pessoas a saírem da denominação por entendem que ela não se interessa em, ou não é mais capaz de, influenciar a sociedade e não passa de uma organização que só se preocupa com os seus. Se aquele grupo ao qual pertence não se importa com os outros que não são seus membros, não vê mais sentido em ficar ali, uma vez que ela, pessoa, ainda se compreende como sendo diferenciada do chamado mundão e nesse, enquanto cristã, quer agir de uma forma que entende possa nele causar a diferença. Pelo fato de, no entendimento delas, a denominação não fazer isso, essas pessoas que a deixam passam a nutrir um descrédito pela instituição religiosa em si e por aqueles que dela fazem parte. Mas é importante que fique claro que essa descrença é na instituição e na posição de seus membros e nunca na possibilidade da vida de fé. Para elas a denominação perdeu sua missão de ser sal e luz nesta terra, não sendo capaz de lutar por justiça e salvação do ser humano como um todo (teologia da missão integral).

A preocupação dos igrejados em relação àqueles que deixaram o sistema religioso evangélico leva-os a temerem que todo esse movimento acabe fazendo com que seus integrantes caminhem até o ponto de abandonar a fé. Esse temor leva alguns igrejados a fazerem um mea-culpa e admitir que podem/devem fazer algo para atrair os desigrejados de volta e impedir que, no seu seio, outros desigrejados surjam. Esse algo seria voltar a uma pregação e a uma vivência verdadeiramente cristocêntrica.

Quanto à ideia de alguns desigrejados de que seu movimento acabará resultando numa nova Reforma, os igrejados não acreditam que se concretize, conforme é possível depreender das palavras de Campos (2015), pois a Reforma teria de ser eclesiológica:

"Alguns estudiosos da eclesiologia acreditam que a atual ênfase nas igrejas caseiras é a expressão de uma Terceira Reforma da Igreja. Consideram a Reforma Protestante como uma reforma apenas da teologia, onde a grande ênfase foi a

redescoberta, por Martinho Lutero, da doutrina da justificação pela fé. Os pietistas, por sua vez, reformaram a espiritualidade, focando o relacionamento íntimo com o Salvador Jesus Cristo e com grande ardor missionário. Entretanto, tais reformas não mudaram as estruturas eclesiais. A teologia e a paixão devocional e missionária foram reformuladas, mas a Igreja com seus templos, dias específicos de cultos, ministérios ordenados e afins continuaram até hoje" (pg. 85).

Essa colocação é interessante, mas não podemos esquecer que os tempos em que vivem os desigrejados são outros bem diferentes daqueles de Lutero e dos pietistas. Hoje existe um grande acervo de conhecimentos que podem facilmente serem acessados, bem como um enorme desenvolvimento das tecnologias de comunicação. Em suma, o mundo não é mais uma aldeia.

Como já vimos, a questão do fracionamento continua presente entre esse novo grupo de cristãos. Os desigrejados repetem os igrejados. Dividem-se, criam novas doutrinas, competem uns com os outros e são tão religiosos quanto os que criticam. Alguns pretendem-se os novos reformadores, mas da mesma forma que os reformadores do século 16, se dividem e brigam entre si, embora carreguem, é verdade, como aqueles, algo de novo, algo que se aproxima da fé bíblica dos primeiros tempos. É importante que tenhamos em mente que, da mesma forma que os reformadores saíram da ICAR e carregaram consigo alguns entendimentos e práticas da ICAR para dentro de seus movimentos inovadores, esses desigrejados de hoje também carregam consigo, para seu movimento, entendimentos e práticas das denominações de onde alegam ter saído.

Por outro lado, os igrejados não estão apenas fazendo críticas aos desigrejados. Convém se observar que, assim como houve a Contrarreforma por parte dos católicos ante a Reforma Protestante, agora ocorre uma contra-desigrejização por parte de igrejados, principalmente dos calvinistas, que tentam, pescando em aquários virtuais (usando as redes sociais), aumentar suas hostes com os desigrejados que segundo eles se acham perdidos e podem se reencontrar se passarem a fazer parte de suas denominações. Refiro-me aos calvinistas como mais interessados em reconduzir os desigrejados de volta ao aprisco, porque os pentecostais e os neopentecostais (que são arminianos) não dão muita importância para os desigrejados, achando que eles não passam de desviados que precisam se converter, não demonstrando interesse em fazer como os calvinistas, buscando trazê-los para suas denominações. Para eles, os desigrejados que se virem. A luta parece cada dia se tornar mais aguçada, existindo inclusive grupos de Facebook voltados para atacar os desigrejados com zombarias e toda sorte de deboches.

Chego a este momento do trabalho sem que minha intenção tenha sido tentar passar uma ideia de que os desigrejados estejam totalmente corretos, ou que quem estejam certos sejam os igrejados. O que pretendi ao longo deste capítulo foi mostrar o que são os desigrejados e alguns aspectos da oposição que sofrem por parte dos igrejados. Não tenho os desigrejados como um grupo de iluminados, que detém a última revelação, que estejam sempre e em tudo absolutamente certos e os demais todos errados. Eles não são perfeitos, nem santos, posto que, como os demais praticantes de outras religiões, inclusive a cristã, são seres humanos, sujeitos a toda sorte de fraquezas, confusões e contradições. Mesmo eu sendo um desigrejado e portanto me identificando com muito do que é dito pelo Movimento, não posso deixar de considerar que os igrejados possam ter alguma razão em relação ao que pensam sobre os desigrejados, se tivermos em conta que muitos desses parecem demonstrar, ao exprimir suas ideias, que romperam não apenas com o sistema religioso evangélico, como, em algumas situações que inclusive relatei, também com princípios basilares da fé cristã que alegam continuar professando.

As impressões que procurei trazer à luz, sobre os desigrejados, são fruto de toda minha pesquisa desenvolvida sobre os mesmos, de maneira especial a partir dos depoimentos que me foram dados nas entrevistas que realizei e de que no próximo capítulo apresento uma amostra.

A PESQUISA ETNOGRÁFICA VIRTUAL

Neste capítulo falo sobre minha pesquisa etnográfica virtual usando a rede social Facebook, apresentando resultados da mesma a partir das observações participantes que realizei, bem como dos perfis daqueles que foram meus interlocutores nas entrevistas realizadas, a fim de poder tratar sobre os desigrejados.

4.1. A experiência etnográfica

O conhecimento do que seja um desigrejado, abordado neste trabalho, foi sendo construído à medida que empreendia minha pesquisa tanto em livros, sítios de internet e blogs (alguns dos quais fui mencionando ao longo da escrita), quanto na propriamente dita pesquisa de campo, que se deu com o uso da rede social Facebook, seja acessando à páginas de grupos de desigrejados, seja realizando entrevistas com pessoas, das quais apresento o perfil na próxima seção deste capítulo. É sobre essa pesquisa etnográfica virtual que realizei que passo a falar.

O método etnográfico é o método por excelência utilizado na Antropologia para coletar dados e realizar o estudo de um determinado grupo social. Quando esse grupo social só pode ser encontrado no ambiente virtual, como é o caso dos desigrejados, é preciso adaptar esse método para o ambiente do ciberespaço e aí teremos a etnografia virtual.

Existem muitas controvérsias sobre o termo mais apropriado para se referir à aplicação do método etnográfico num ambiente virtual. Neste trabalho não é minha intenção entrar no mérito dessa discussão (que considero deveras importante, haja visto que tenho conhecimento de que diversos estudiosos se debruçam sobre a mesma e a mim, particularmente, ela se mostra bastante interessante), optando por deixar aberta a possibilidade para futuras pesquisas sobre o tema. Por enquanto, valho-me de Polivanov (2013) que nos diz que "*... uma série de termos – como netnografia, etnografia virtual, webnografia e ciberantropologia – foram criados, a partir principalmente dos anos 1990,*

para tentar dar conta da “adaptação” do método etnográfico para os meios digitais, sendo ora tomados na bibliografia como sinônimos, ora como termos específicos defendidos por alguns pesquisadores” (pg. 65).

A fim de levar a cabo minha pesquisa etnográfica virtual, lancei mão em técnicas de pesquisa usadas na própria etnografia não virtual, quais sejam: a observação participante e o emprego de entrevistas semi-estruturadas.

Angrosino (2009) nos ensina que *“A observação participante não é propriamente um método, mas sim um estilo pessoal adotado por pesquisadores em campo de pesquisa que, depois de aceitos pela comunidade estudada, são capazes de usar uma variedade de técnicas de coleta de dados para saber sobre as pessoas e seu modo de vida” (pg. 34).*

O mesmo Angrosino nos diz, sobre o uso de entrevistas numa pesquisa etnográfica, que

“A entrevista etnográfica é de fato interativa, no sentido de acontecer entre pessoas que se tornaram amigas enquanto o etnógrafo foi observador participante na comunidade em que o seu ou a sua informante vive. A entrevista etnográfica é portanto de natureza aberta - flui interativamente na conversa e acomoda digressões que podem bem abrir rotas de investigações novas, inicialmente não aventadas pelo pesquisador. Neste sentido é um tipo de parceria em que o membro bem informado da comunidade ajuda o pesquisador a ir formulando as questões enquanto a entrevista se desenrola” (pg. 61/62).

Falando sobre minha experiência na realização das observações participantes nos grupos de desigrejados do Facebook, devo dizer que, antes de fazê-las, já havia tido contato com alguns desses grupos e que, a partir do momento que percebi seria necessário efetuar essas observações com um olhar mais científico, me muni de leituras sobre como efetivá-las. Com esses referenciais e já tendo uma ideia de como ocorriam as conversas nos grupos, comecei a participar dos posts ali colocados, seja apenas lendo o post em si e os comentários realizados, seja também fazendo meus próprios comentários. Não cheguei a criar posts nos grupos, me limitando aos que ali eram criados pelas pessoas. Penso ser importante referenciar que muitas vezes nesses grupos me eram apresentadas indicações para conhecer outros grupos que tratavam de temas relacionados às questões dos desigrejados ou de oposições que a eles se apresentavam. Foi ao longo de todos os grupos por mim visitados que encontrei as pessoas que acabaram por me conceder as entrevistas usando o *in box* da rede social.

Em algumas situações, confesso, minha participação nos posts não rendia muito, absorvendo muito pouco que pudesse utilizar na elaboração deste trabalho.

Em outras, no entanto, o rendimento era bastante substancial, ocorrendo em alguns casos, inclusive, das conversas dentro do post se estenderem por horas num mesmo dia, ou por momentos diferentes ao longo de dias. Havia situações em que as colocações tornavam-se acaloradas, seja por deixarem transparecer uma maior empolgação por parte de alguns desigrejados digamos, mais radicais (porque propunham rupturas mais incisivas com o mundo evangélico, por exemplo defendendo determinados entendimentos interpretativos da bíblia que alguns abraçaram ao deixar o sistema religioso evangélico), seja pelo fato de que, mesmo sendo grupos que tratavam de assuntos relacionados aos desigrejados, por lá apareciam também igrejados, que não se contentando apenas em ler as colocações dos desigrejados, partiam para discussões que por vezes não pareciam ser algo que se esperasse de uma comunidade de irmãos de fé. Mas para mim tudo era muito rico em termos de aprendizado sobre os desigrejados e seus opositores.

Já nas entrevistas realizadas com 18 pessoas, apresentei perguntas previamente elaboradas por mim aos meus interlocutores e, por se tratar de uma entrevista semi-estruturada (semi-aberta), algumas outras foram surgindo no decorrer das entrevistas, de maneira que o conjunto de todas permitiu não apenas conhecer o entrevistado, como também possibilitou compreender suas ideias a respeito da questão dos desigrejados.

As perguntas norteadoras das entrevistas foram divididas em quatro blocos:

* Bloco 1: 7 perguntas relacionadas a dados pessoais. Na próxima seção deste capítulo trarei resultados obtidos da parte de cada um dos meus interlocutores.

* Bloco 2: 6 perguntas relacionadas a aspectos espirituais pessoais. Essas perguntas me permitiram conhecer detalhes da vida religiosa dos meus entrevistados, que me facilitaram compreender suas respostas para os dois blocos seguintes de perguntas.

* Bloco 3: 11 perguntas relacionadas ao entendimento sobre os desigrejados.

* Bloco 4: 8 perguntas relacionadas a ser pessoalmente um desigrejado.

Ao fim deste capítulo apresento uma média das respostas dos meus entrevistados aos dois últimos blocos de perguntas mencionados acima.

Perguntas relacionadas a dados pessoais:

1- Qual teu sexo?

2- Qual tua idade?

3- Qual teu estado civil?

4- Tens filhos?

5- Qual a cidade e estado onde moras?

6- Qual tua formação educacional?

7- Qual tua profissão ou com o que trabalhas?

Perguntas relacionadas a aspectos espirituais pessoais:

8- Qual tua trajetória de vida de fé, desde os tempos de igreja até agora como desigrejado?

9- Por quanto tempo tu foi igreja?

10- De que denominação tu eras?

11- Há quanto tempo tu és desigrejado?

12- Antes de seres desigrejado, tu chegou a te afastar alguma vez do caminho?

13- Depois de seres desigrejado, tu chegou a te afastar alguma vez do caminho?

As perguntas 8, 9 e 10 possibilitavam verificar se o entrevistado nasceu em lar evangélico e se foi sempre de uma mesma denominação ou se peregrinou por mais de uma.

A pergunta 11, combinada com a pergunta 2, permitia saber que idade o entrevistado tinha quando se assumiu como desigrejado.

As perguntas 12 e 13 fazem menção a uma expressão êmica do meio evangélico: caminho; que significa viver uma vida de acordo com os preceitos bíblicos.

Perguntas relacionadas ao entendimento sobre os desigrejados:

14- Sobre o exercício diário da fé por parte dos desigrejados, tu sabes se eles a experienciam sozinhos, privativamente, sem se reunir com ninguém, ou se reúnem?

15- Não havendo reuniões, tu sabes como se dá a experiência deles de viver a vida de fé e comunhão?

16- Havendo reuniões, tu sabes se elas ocorrem presencialmente ou virtualmente?

17- Se essas reuniões ocorrem presencialmente, tu sabes como e onde ocorrem (em pequenos grupos em locais públicos como cafés, shoppings, praças, escolas e universidades, ou em casas particulares, numa tentativa de retomar uma prática dos primitivos cristãos)?

18- Sabes se é possível fazer-se visitas e participar dessas reuniões presenciais?

19- Se essas reuniões ocorrem virtualmente, tu sabes como e onde ocorrem (através de redes sociais, quais)?

20- Sabes se é possível participar dessas reuniões virtuais?

21- Como se dá a relação dos desigrejados com aqueles que permanecem no sistema religioso e com outros desigrejados?

22- De que denominações provêm os desigrejados (históricas/tradicionais, pentecostais, neopentecostais)? Quais predominam e porque?

23- O que sabes sobre os desigrejados espalhados por diferentes lugares (local onde moras, teu estado, no país, na América Latina, nos EUA, na Europa, no resto do mundo)?

24- Existem divisões entre os desigrejados? Se elas existem, como classificarias, em função de suas características, os desigrejados em tipos A, B, C, etc?

Perguntas relacionadas a ser pessoalmente um desigrejado:

25- Como é tua prática de vida de fé e comunhão?

26- Que razões te levaram a abandonar o sistema religioso evangélico, te assumir como desigrejado e como foi o processo de rompimento?

27- Como tua família, amigos e irmãos da denominação reagiram quando te assumisse como desigrejado? Te pressionaram/pressionam pra voltar pra denominação?

28- Como é tua relação com aqueles que permanecem no sistema religioso e com outros desigrejados?

29- O que significa pra ti ser desigrejado?

30- Em que sentido acreditas que ser desigrejado possa contribuir para a construção de uma nova cultura religiosa cristã?

31- Na tua opinião, o desigrejado deve ser ainda considerado evangélico ou ao sair do sistema religioso evangélico ele passa a constituir um outro tipo de cristão (não mais evangélico). Se passa, que tipo?

32- Relate alguma situação, história, algo que tenha ocorrido contigo antes de virar desigrejado, na transição de igreja para desigrejado, ou já como desigrejado, que consideres relevante.

Essas perguntas foram elaboradas à medida que eu lia sobre os desigrejados e participava dos diversos grupos que tratavam sobre os mesmos na rede social, estando seu rol concluído quando parti para as entrevistas com a amostra final construída dentro do universo dos desigrejados com quem ia tendo contato e que aceitavam me conceder a entrevista.

A amostra foi construída a partir da atitude que tomei referente à publicação de um post em um dos vários grupos do Facebook que tratam de coisas relacionadas aos desigrejados e nos quais eu fazia minhas observações participantes. Nesse grupo

específico, do qual não lembro o nome, alguém, que também não lembro o nome, publicou, na manhã de um sábado (15/10/16), um post onde solicitava que as pessoas dissessem qual denominação elas frequentavam, oferecendo como opções para marcar: Batista, Assembléia de Deus, Congregação Cristã do Brasil, Páginas de Zoeira em redes sociais, Presbiteriana e Desigrejados. Fiz um comentário falando da minha pesquisa sobre os desigrejados e pedi àqueles que desejassem me ajudar com ela, que me adicionassem como amigo. Na madrugada de terça-feira (18/10/16), quando parei de fazer as verificações, 2.400 pessoas haviam curtido o post e 476 pessoas haviam marcado Desigrejados. Enviei convite a todos que haviam marcado Desigrejados e fui adicionado como amigo por 104 deles. Com o tempo, alguns cancelaram a amizade. Sobraram 81, aos quais enviei mensagem *in box* lembrando quem eu era, como havia chegado até ele/a, falando sobre a pesquisa que eu fazia e perguntando se desejava colaborar comigo me concedendo entrevista a fim de me ajudar com a pesquisa sobre os desigrejados que redundaria neste trabalho. Desses, 18 aceitaram me conceder a entrevista.

Diante do número elevado de desigrejados, estimado em milhões a partir dos dados do censo 2010, pode parecer que minha amostra é demasiadamente pequena. No entanto, devemos ter em conta que estudos antropológicos podem até mesmo ser realizados a partir de uma única pessoa. O importante é que a quantidade da amostra contribua para a obtenção de resultados significativos para encontrar a resposta aos meus problemas de pesquisa, que no caso era saber quem são os desigrejados, como constroem sua identidade e como vivem a fé fora do sistema religioso evangélico; o que considero, neste caso, ter sido atingido.

Prosseguindo, trago números referentes às características dos meus interlocutores, bem como algumas considerações a partir de razões que me foram apresentadas para não me darem entrevista e das respostas dadas por aqueles que as me concederam.

4.2. Perfil da amostra

No intuito de apresentar meus interlocutores e contar como convidei as pessoas a colaborarem comigo na realização da minha pesquisa, considero relevante trazer à luz como procedi e o que decorreu dessa abordagem.

Entre a madrugada e a manhã de 03 de julho de 2017, enviei uma mensagem padrão aos 81 amigos de Facebook que sobraram de todos os que me aceitaram como amigo na ocasião do post de outubro de 2016 sobre os desigrejados.

Nessa mensagem padrão, eu explicava sobre minha pesquisa para escrever o TCC e perguntava do interesse em me ajudar com ela me concedendo uma entrevista através do *in box* do Facebook.

Esta foi a mensagem padrão:

"Olá. Esta mensagem é um tanto longa, mas peço que a leias até o fim. Vou procurar explicar tudo bem direitinho para que possas entender. Se restar dúvida, é só me perguntar. Primeiro deixa te explicar quem sou. Meu nome é Rogerio Guimarães e sou teu amigo de Facebook. Faço pesquisa acadêmica usando essa rede social. Pesquiso sobre pessoas que saíram do sistema religioso evangélico, os chamados desigrejados. Sei que alguns não concordam com o uso desse termo, mas eu o utilizo porque me facilita explicar dentro da academia (universidade) o que seja alguém que saiu do sistema religioso evangélico. A academia não tem o entendimento a respeito das coisas do alto que nós que servimos ao Senhor temos. Atualmente faço a pesquisa para escrever meu trabalho de conclusão de curso (TCC) do meu bacharelado em Ciências Sociais, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Agora que já me conheces, deixa te explicar como cheguei a ti. Em 15/10/16 e alguns dias depois, aqui no Facebook, numa dessas diversas páginas que tratam de questões da fé, vi um post, de alguém que não lembro o nome, que convidava as pessoas para dizerem que igreja frequentavam. Dava as opções: Batista, Assembléia de Deus, Congregação Cristã do Brasil, Páginas de Zoeira em redes sociais, Presbiteriana e Desigrejados. Achei a ideia muito interessante e comecei a verificar, dentre os que haviam escolhido uma das opções, quem tinha marcado Desigrejados. A esses enviei convite para me adicionarem como amigo de Facebook. Claro quer nem todos me adicionaram, mas tu foi uma das pessoas que me adicionou. E assim viramos amigos feicibuquianos. Não lembro se já falamos, aqui pelo *in box* ou por comentários em posts, alguma vez sobre isso (pois às vezes me perco), então pelo sim pelo não, resolvi te enviar esta mensagem para te fazer um convite. Que fique claro que és livre para aceitar ou não. O convite que te faço é para que me ajudes com minha pesquisa sobre os

desigrejados, me concedendo uma entrevista virtual, aqui pelo in box do Facebook, na qual me falarás sobre os desigrejados, dizendo das tuas impressões, experiências, ideias a respeito de como vivem a vida de fé e mantêm a comunhão, e outras coisas sobre o assunto que julgares pertinentes. Caso aceites, preciso te deixar claro, desde já, algumas coisas. As informações que me deres na entrevista poderão ser usados para compor a parte escrita do trabalho. Porém, em hipótese alguma, teu nome será revelado a alguém (nem mesmo ao professor que me orienta na pesquisa) e jamais será mencionado no trabalho escrito que nascerá a partir da pesquisa (caso eu use algo que menciones na entrevista, usarei um pseudônimo, o que garantirá teu total anonimato). Futuramente, depois que eu concluir o TCC e me formar, darei continuidade as minhas pesquisas sobre os desigrejados e essa entrevista que me concederes poderá vir a ser usada naquelas pesquisas de então, mas nas mesmas condições de anonimato que agora no TCC. Caso aceites me ajudar com a entrevista, entenderei que compreendesses a explicação que ora faço e que me autorizas a usar a entrevista em meu trabalho atual e futuros. Se lido tudo que te falei, restarem dúvidas, por favor, pode perguntar. Gostaria que me respondesses dizendo se aceitas ou se não aceitas. No caso de não aceitares, não precisa, se não quiser, dizer o motivo, mas peço que me respondas mesmo assim, dizendo que não aceitas para que eu não fique na expectativa se terás lido esta minha mensagem ou não. Em aceitando, precisamos combinar quando fica melhor pra ti a gente fazer a entrevista. Não tem como eu te passar as perguntas e tu ir respondendo e me mandando, porque a dinâmica de perguntar e responder na hora enseja a possibilidade de surgirem novas perguntas não pré preparadas, o que torna a entrevista mais rica. Então tem que ser feita assim em um horário que não vá te atrapalhar. Fico no aguardo de tua resposta. Desde já, no Senhor, te agradeço. Pax e bj."

Esses 81 amigos feicibuquianos, após receberem a mensagem padrão, poderiam seguir três caminhos em relação a mesma: 1- lê-la e respondê-la; 2- lê-la e não respondê-la; 3- não lê-la.

Dos 81 (17 mulheres e 64 homens) amigos que receberam a mensagem padrão, 69 (16 mulheres e 53 homens) a leram; sendo que desses, 31 (10 mulheres e 21 homens) a

responderam e 38 (6 mulheres e 32 homens) não a responderam; enquanto 12 (1 mulher e 11 homens) não a leram.

Para aqueles 38 amigos que leram a mensagem padrão mas não a responderam e para aqueles 12 amigos que não leram a mensagem padrão, enviei nova mensagem dizendo que aguardava sua resposta.

Esses que receberam a nova mensagem poderiam seguir três caminhos em relação a mesma: 1- lê-la e respondê-la; 2- lê-la e não respondê-la; 3- não lê-la.

Dos 38 amigos que leram a mensagem padrão mas não a responderam e receberam nova mensagem, 35 (6 mulheres e 29 homens) a leram; sendo que desses, 22 (5 mulheres e 17 homens) a responderam e 13 (1 mulher e 12 homens) não a responderam; enquanto 3 (todos homens) não a leram.

Dos 12 amigos que não leram a mensagem padrão e receberam nova mensagem, 8 (1 mulher e 7 homens) a leram; sendo que desses, 4 (todos homens) a responderam e 4 (1 mulher e 3 homens) não a responderam; enquanto 4 (todos homens) não a leram.

A fim de melhor lidar com as diferentes situações que foram se estabelecendo a partir do envio da mensagem padrão e da nova mensagem, resolvi organizar os amigos em diferentes grupos. A saber:

- * Amostra: formada pelos 81 que receberam a mensagem padrão
- * Grupo 1: formado pelos 31 que leram a mensagem padrão e a responderam
- * Grupo 2: formado pelos 22 que leram a mensagem padrão mas não a responderam, receberam nova mensagem, a leram e responderam
- * Grupo 3: formado pelos 4 que não leram a mensagem padrão, receberam nova mensagem, a leram e responderam
- * Grupo 4: formado pelos 13 que leram a mensagem padrão mas não a responderam, receberam nova mensagem, a leram e não responderam
- * Grupo 5: formado pelos 3 que leram a mensagem padrão mas não a responderam, receberam nova mensagem e não a leram
- * Grupo 6: formado pelos 4 que não leram a mensagem padrão, receberam nova mensagem, a leram e não responderam
- * Grupo 7: formado pelos 4 que não leram a mensagem padrão, receberam nova mensagem e não a leram

Da amostra formada pelos 81 amigos que receberam a mensagem padrão, de plano, 24 (pertencentes aos grupos 4, 5, 6 e 7) foram descartados por não demonstrarem interesse

em colaborar, visto não terem respondido nem à mensagem padrão nem à nova mensagem enviadas a eles.

Assim, tendo em vista que somente os amigos dos grupos 1, 2 e 3 responderam a uma das duas mensagens, passei a ter então uma nova amostra, formada pelos 57 (15 mulheres e 42 homens) amigos pertencentes a esses três grupos.

No grupo 1, com 31 amigos, 12 deram entrevista completa e 19 foram descartados por diversos motivos:

- * porque nunca foi evangélico, muito menos desigrejado (1)
- * porque tinha problemas de acesso à internet, dependendo de outras pessoas para acessar (1)
- * porque respondeu à mensagem padrão dizendo que não daria entrevista pois não tinha [muito conhecimento sobre o tema (1)] tempo [(1)], voltou ao sistema religioso evangélico, não sendo mais desigrejado e por ter cancelado amizade (1)
- * porque respondeu à mensagem se ainda tinha interesse dizendo que não tinha tempo (4) e não era mais desigrejado, nem mais crente (1)
- * porque não deu importância à mensagem se ainda tinha interesse, pois, ainda que tenha dito ter, levou muito tempo para responder (1)
- * porque não deu importância às mensagens enviadas (2) perguntando se daria continuidade à entrevista (1)
- * porque não tive certeza se realmente leu alguma das mensagens (1)
- * porque respondeu dizendo que não daria entrevista pois só poderia responder às perguntas se as enviasse e ele fosse respondendo (1)
- * porque não apareceu para entrevista na hora marcada, nem deu importância à mensagem enviada onde disse ter lhe aguardado (1)
- * porque cancelou amizade (1)
- * porque desativou sua conta no Facebook (1)

No grupo 2, com 22 amigos, 3 deram entrevista completa e 19 foram descartados por diversos motivos:

- * porque nunca foi evangélico, muito menos desigrejado (1)
- * porque voltou ao sistema religioso evangélico, não sendo mais desigrejado e [por ter problemas com a internet que usava (1)]; [por não ter dado importância às mensagens enviadas (1)]

* porque respondeu à nova mensagem dizendo que não daria entrevista (1) pois [não tinha tempo para falar sobre o assunto (1)]; [só poderia responder às perguntas se as enviasse e ele respondesse quando tivesse tempo (1)]; [voltou ao sistema religioso evangélico, não sendo mais desigrejado e por ter cancelado amizade (1)]

* porque respondeu à mensagem se ainda tinha interesse dizendo que não tinha (3)

* porque não deu importância à mensagem se ainda tinha interesse, pois, ainda que tenha dito ter, não indicou data e hora (1)

* porque não deu importância às mensagens enviadas (3)

* porque não apareceu para entrevista na hora marcada [(1)], nem deu importância à mensagem enviada onde disse ter lhe aguardado (2)

* porque cancelou amizade (2).

No grupo 3, com 4 amigos, 3 deram entrevista completa e 1 foi descartado porque respondeu à nova mensagem dizendo que não daria entrevista pois não era desigrejado e sim membro de uma denominação.

Em relação às entrevistas, só se pode pensá-las a partir de amigos que formavam os grupos 1, 2 e 3, pois os amigos dos demais grupos não responderam às mensagens enviadas; e deve ser dito que acabaram por se configurar duas situações: 1- aqueles que começaram mas não terminaram a entrevista; 2- aqueles que começaram e terminaram a entrevista.

Relacionando essas duas situações com os grupos oriundos da amostra, formados por amigos que responderam a uma das duas mensagens, acabou se estabelecendo o seguinte:

* dos que começaram mas não terminaram a entrevista, 2 pertenciam ao grupo 1, sendo ambos homens; 4 pertenciam ao grupo 2, sendo todos homens;

* dos que começaram e terminaram a entrevista, 12 pertenciam ao grupo 1, sendo 5 mulheres e 7 homens; 3 pertenciam ao grupo 2, sendo 2 mulheres e 1 homem; 3 pertenciam ao grupo 3, sendo todos homens

Optei por adotar, para fins deste trabalho, somente as entrevistas que começaram e terminaram. Foi um total de 18 entrevistas, das quais, 7 dadas por mulheres e 11 dadas por homens.

Assim, tomando cada um dos três grupos oriundos da amostra, formados por amigos que responderam a uma das duas mensagens, e relacionando-os com os dados pessoais dos amigos que concederam as entrevistas (no tocante ao pertencimento dos três

grupos da amostra, sexo, idade, estado civil, se tem filhos, lugar onde mora, formação educacional e profissão ou com o que trabalha [essas duas últimas características me indicam a condição sócio-econômica deles]), obtive os resultados que seguem. Antes, porém de falar dos resultados, penso ser importante esclarecer que os nomes a seguir relacionados tratam-se de pseudônimos que usei a fim de preservar o nome verdadeiro das pessoas, conforme havia combinado com as mesmas por ocasião em que lhes solicitei me concedessem a entrevista.

* Agar: entrevistada pertencente ao grupo 2; 21 anos; solteira; sem filhos; moradora no estado do Amazonas; formação superior incompleta em andamento; autônoma no ramo comercial.

* Abrão: entrevistado pertencente ao grupo 1; 29 anos; solteiro; sem filhos; morador no México (país); formação superior completa; funcionário público municipal. Embora este estudo trate de desigrejados brasileiros e o interlocutor seja mexicano, ele participa de publicações feitas em grupos de desigrejados brasileiros, e por essa razão o mantive na amostra.

* Adão: entrevistado pertencente ao grupo 1; 30 anos; solteiro; sem filhos; morador no estado do Rio de Janeiro; formação de ensino médio completo; gerente de loja comercial.

* Davi: entrevistado pertencente ao grupo 3; 30 anos; casado; sem filhos; morador no estado do Ceará; formação superior completa e pós-graduação *latu sensu* (MBA); representante comercial.

* Isaque: entrevistado pertencente ao grupo 1; 26 anos; solteiro; um filho; morador no estado de Minas Gerais; formação de ensino médio completo; bombeiro hidráulico na construção civil, como empregado.

* Eva: entrevistada pertencente ao grupo 1; 20 anos; solteira; sem filhos; moradora no estado de Pernambuco; formação de ensino médio completo; operadora de telemarketing.

* Jacó: entrevistado pertencente ao grupo 1; 29 anos; casado; sem filhos; morador no estado de São Paulo; formação superior completa (tecnólogo) e pós-graduação *latu sensu* (Especialização); servidor público estadual.

* José: entrevistado pertencente ao grupo 1; 62 anos; casado; três filhos; morador no estado de São Paulo; formação superior completa; autônomo no ramo comercial (foi pastor).

* Lia: entrevistada pertencente ao grupo 1; 26 anos; casada; sem filhos; moradora no estado do Rio de Janeiro; formação superior incompleta em andamento (em dois cursos); agente comunitário de saúde.

* Levi: entrevistado pertencente ao grupo 3; 28 anos; solteiro; sem filhos; morador no estado do Rio de Janeiro; formação superior completa; oficial da marinha mercante.

* Ló: entrevistado pertencente ao grupo 2; 32 anos; solteiro; sem filhos; morador no estado do Rio de Janeiro; formação de ensino médio técnico completo; pintor na construção civil.

* Maria: entrevistada pertencente ao grupo 2; 24 anos; solteira; sem filhos; moradora no estado do Rio de Janeiro; formação superior completa (em dois cursos) e mestrado em andamento; desempregada.

* Noé: entrevistado pertencente ao grupo 3; 35 anos; casado; dois filhos; morador no estado de Minas Gerais; formação de ensino médio incompleto; servidor público municipal.

* Raquel: entrevistada pertencente ao grupo 1; 24 anos; solteira; sem filhos; moradora no estado de Pernambuco; formação superior completa; micro empresária no ramo comercial.

* Sara: entrevistado pertencente ao grupo 1; 31 anos; divorciada; dois filhos; moradora no estado do Amazonas; formação superior completa; funcionária pública estadual.

* Pedro: entrevistado pertencente ao grupo 1; 27 anos; casado; sem filhos; morador no estado de Minas Gerais; formação superior incompleta em andamento (tecnólogo); auxiliar administrativo em uma fundação pública.

* Zaqueu: entrevistado pertencente ao grupo 1; 18 anos; solteiro; sem filhos; morador no estado do Rio de Janeiro; formação de ensino médio completo; atendente de loja comercial.

* Zilá: entrevistada pertencente ao grupo 1; 46 anos; casada; dois filhos; moradora no estado do Rio de Janeiro; formação de ensino fundamental completo; desempregada.

Ainda em relação às entrevistas, penso ser significativo mencionar que as mesmas (embora minha pesquisa tenha começado no ano de 2016 com as observações participantes), por razões de ordem pessoal do autor deste trabalho, só foram realizadas no ano de 2017, perfazendo um total de 73 h. e 8 minutos, distribuídas da seguinte forma:

* 12/07 das 20:08 h. as 23:11 h. e 16/07 das 11:54 h. as 13:55 h. - entrevistada do grupo 2 (5 h. e 4 minutos)

* 12/07 das 23:12 h. as 02:00 h. de 13/07 e 13/07 das 22:06 h. as 00:33 h. de 14/07 - entrevistado do grupo 1 (5 h. e 15 minutos)

* 14/07 das 00:59 h. as 04:14 h. - entrevistado do grupo 1 (3 h. e 15 minutos)

* 15/07 das 17:00 h. as 20:43 h. - entrevistado do grupo 3 (3 h. e 43 minutos)

* 18/07 das 20:02 h. as 01:01 h. de 19/07 - entrevistado do grupo 1 (4 h. e 59 minutos)

* 19/07 das 19:57 h. as 23:15 h. - entrevistada do grupo 1 (3 h. e 18 minutos)

* 20/07 das 19:57 h. as 23:29 h. - entrevistado do grupo 1 (3 h. e 32 minutos)

* 22/07 das 19:00 h. as 23:20 h. - entrevistado do grupo 1 (4 h. e 20 minutos)

* 23/07 das 09:31 h. as 13:48 h. - entrevistada do grupo 1 (4 h. e 17 minutos)

* 16/10 das 17:58 h. as 21:26 h. - entrevistado do grupo 3 (3 h. e 28 minutos)

* 17/10 das 13:51 h. as 18:17 h. - entrevistado do grupo 2 (4 h. e 26 minutos)

* 18/10 das 13:59 h. as 17:51 h. - entrevistada do grupo 2 (3 h. e 52 minutos)

* 21/10 das 20:05 h. as 01:25 h. de 22/10 - entrevistado do grupo 3 (5 h. e 20 minutos) foi a maior entrevista

* 27/10 das 15:59 h. as 19:53 h. - entrevistada do grupo 1 (3 h. e 54 minutos)

* 27/10 das 21:11 h. as 00:19 h. de 28/10 - entrevistada do grupo 1 (3 h. e 8 minutos)

* 29/10 das 09:55 h. as 14:45 h. - entrevistado do grupo 1 (4 h. e 50 minutos)

* 31/10 das 21:13 h. as 00:42 h. de 01/11 - entrevistado do grupo 1 (3 h. 29 minutos)

* 02/11 das 21:22 h. as 00:20 h. de 03/11 - entrevistada do grupo 1 (2 h. e 58 minutos) foi a menor entrevista

4.3. Considerações a partir das respostas

Como já fiz referência, as diferentes respostas que me foram apresentadas ao longo das entrevistas, somadas aos dados e considerações que retirei das minhas observações participantes, bem como a compreensão que tive do que li em livros, matérias em jornal,

revistas, sítios de internet e blogs, acabaram por contribuir para todo esse arrazoado que venho apresentando ser meu entendimento sobre os desigrejados. Nesse momento em que caminho para o final deste capítulo em que falo da minha pesquisa etnográfica virtual, penso ser importante não deixar de destacar alguns pontos que, a partir dela, me chamaram bastante a atenção e que bem podem demonstrar algo relevante no tocante ao mundo dos desigrejados.

Da minha nova (segunda) amostra, formada pelos 57 amigos pertencentes aos três grupos dos que responderam a uma das duas mensagens que enviei, ocorreu o descarte de 39 pessoas, por diversos motivos, o que me levou a não poder realizar entrevista com elas.

Quatro respostas que me foram dadas por essas pessoas chamaram minha atenção pela razão que elas apresentaram para não me conceder a entrevista: elas disseram que voltaram ao sistema religioso evangélico, não sendo mais desigrejados. Essas respostas me levaram a pensar que parece ser bem possível que o desigrejamento não seja, para todos os que deixam suas denominações, algo irreversível, constituindo-se tão somente em uma condição passageira na vida do fiel, que por diferentes motivos (talvez dentre eles os apresentados no capítulo 3 deste trabalho) abandona a vida denominacional, mas acaba para ela voltando em algum momento.

Outras três respostas que pessoas dessas com as quais não pude fazer entrevista me deram também me deixaram pensativo.

Uma delas dizia que a pessoa não era desigrejado e sim membro de uma denominação. Fiquei procurando entender o que teria levado essa pessoa a marcar no post como sendo desigrejado. Teria sido porque um dia chegou a ser desigrejado, mas depois retornou para a denominação (então se somaria às quatro mencionadas acima), e não desejava que isso viesse ao conhecimento dos outros, ou seria porque não tinha entendido o post e marcou inadvertidamente como sendo desigrejado?

Outra resposta mencionava que a pessoa não era mais desigrejado, nem mais crente. Isso me chamou a atenção para o fato de que, como disse no capítulo anterior, alguns que se desigrejaram podem ter tomado essa atitude de uma maneira intempestiva, motivados mais pela dor das feridas ainda abertas devido a experiências traumatizantes vividas dentro das denominações, do que propriamente convicção referentes à questões relacionadas a entendimento de preceitos bíblicos e/ou questões eclesiásticas, e que por fim acabaram levando-as a entrar numa espiral de tal monta que redundou no abandono da vida de fé.

A terceira resposta afirmava que a pessoa nunca fora evangélico, muito menos desigrejado. Ao que fiquei a indagar-me, afinal de contas, o que teria levado ela a marcar no post a resposta que a identificava como um desigrejado.

Essas três situações me trouxeram uma certeza que reforça meu entendimento acerca da importância deste meu trabalho: a de que para alguns (talvez muitos, se considerarmos o enorme contingente de igrejados e desigrejados) ainda não está suficientemente claro o que seja ser um desigrejado, nem que motivos devam (se é que devem) levar uma pessoa a abandonar sua denominação.

Não poderia encerrar este capítulo sem deixar de trazer uma média das respostas dos meus entrevistados aos dois últimos blocos de perguntas que lhes fiz. É importante esclarecer que neste momento faço referência a essas respostas tão somente para não parecer que apenas apresentei as perguntas feitas mas não toquei nas respostas dadas, posto que o conhecimento obtido a partir das mesmas encontra-se diluído por todo este trabalho, somado ao resultado das diversas leituras e das observações participantes nos grupos de desigrejados que fiz na rede social.

No tocante às perguntas relacionadas ao entendimento sobre os desigrejados, pareceu-me que existe um bom desconhecimento acerca da forma como outros desigrejados exercitam sua fé, pois quase ninguém sabia ao certo se havia reuniões ou não de desigrejados, tendendo a achar que havia, mas sem saber dizer como e onde essas ocorreriam. Alguns chegaram a afirmar que os desigrejados, de modo geral, experienciam a vida de fé mais com sua família ou mesmo sozinhos, valendo-se principalmente do uso da internet.

No que diz respeito ao relacionamento dos desigrejados com os igrejados e com outros desigrejados, a maior parte dos meus interlocutores entende que as relações são normais com ambos, ficando apenas na fala de uns poucos a afirmação de que percebem que com alguns igrejados a relação por vezes se torna dificultosa devido ao fato de que esses não aceitam a nova postura de seus irmãos de fé, que inclusive por muitos são considerados como tendo abandonado a mesma.

Para a maior parte dos meus entrevistados, os desigrejados são oriundos principalmente das denominações neopentecostais, e isso ocorre devido às decepções que essas pessoas tiveram com a prática desse setor evangélico no que diz respeito às pregações com distorções/forças bíblicas e ênfase na arrecadação do dinheiro dos fiéis; porém fizeram a ressalva de que os desigrejados também podem vir de outros segmentos

do meio evangélico. Pude notar que esse entendimento se prende a uma visão que meus interlocutores têm tão somente do universo desigrejado brasileiro, posto que quase a totalidade deles não soube dizer algo sobre a existência de desigrejados em outros lugares do planeta.

Respondendo a última pergunta do bloco que tratava do entendimento sobre os desigrejados, meus interlocutores se dividiram mais ou menos proporcionalmente entre dizer que não sabiam responder, ou que não existe divisão entre os desigrejados, ou que existe esse fracionamento entre os mesmos, em função de que ainda carregam um pouco da maneira de pensar do meio de onde saíram, que é costumeiramente um ambiente cheio dessas divisões.

Já no que diz respeito às perguntas relacionadas a ser pessoalmente um desigrejado, notei que meus entrevistados sentiram-se mais à vontade em responder. Penso que em razão de que não estavam mais falando sobre outros e de que o exercício de falar sobre sua nova postura frente à vida de fé servia como um reafirmar de suas convicções sobre a atitude tomada.

Ao tratarem de como exercitam a vida de fé, contaram levar uma vida comum, na tentativa de obediência aos princípios bíblicos, sem a subordinação a alguém que lhes ditava o que deveria ser feito, nutrindo um sentimento de liberdade; o que mostrava, subentendido, algumas das razões que os levaram a abandonar o sistema religioso evangélico e a se assumir como desigrejado. Para boa parte essa atitude de rompimento foi um processo doloroso devido aos laços de amizade existentes com as pessoas da denominação a que pertenciam e, em alguns casos, à pressão exercida pelos familiares em função da decisão de abandonar aquela vida costumeira, que se manifestava/manifesta na insistência da necessidade de que precisam e devem retornar ao seio denominacional. Mas todos eles foram unânimes em dizer que procuram manter uma boa relação com seus irmãos de fé, seja com os que como eles deixaram o sistema religioso evangélico, seja com os que permanecem por lá, sendo que em alguns casos, admitem, com esses últimos ocorrem algumas situações por vezes delicadas.

Quando indaguei-lhes sobre o que para eles é ser desigrejado, todos concordaram que não tem nada demais nisso, que trata-se tão somente de buscar ser livre das amarras humanas criadas pelas denominações e procurar viver a vida de fé conforme está estabelecido nos princípios bíblicos.

Já no tocante a acreditar que ser desigrejado possa contribuir para a construção de uma nova cultura religiosa cristã, houve uma divisão de opiniões, com alguns não entendendo o que seria uma cultura religiosa cristã, outros dizendo que não acreditam que essa construção ocorreria. Houve ainda aqueles que pensam que sim possa vir a acontecer isso, uma vez que para esses o desigrejado não é mais um evangélico e que sua saída do sistema religioso evangélico conduz o sujeito a constituir um outro tipo de cristão, que por sua vez poderá ensejar o surgimento de uma nova cultura religiosa cristã.

Em resposta a minha solicitação de que relatassem alguma situação, história, algo que tenha ocorrido com eles antes de virar desigrejado, na transição de igreja para desigrejado, ou já como desigrejado, que considerassem relevante, eles praticamente repetiram o que foram falando sobre suas experiências ao longo de suas vidas de fé, dentro e fora da denominação, que por se tratar de algo de cunho muito pessoal deixo de aqui abordar, porém não deixando de delas ter lançado mão ao longo da elaboração deste trabalho, diluindo informes desses relatos de maneira não identificável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Começo estes termos finais do meu trabalho fazendo referência a algo com certeza verdadeiro e que se reveste de extrema importância pessoal para mim. Refiro-me ao fato de que o realizar esta pesquisa para fins de elaborar este texto (e a própria elaboração do texto em si) constituiu-se num grande desafio e, ao mesmo tempo, numa oportunidade de aprendizado prazeroso.

À medida que me aprofundava nas leituras de livros, matérias de jornal, revistas, sítios de internet, blogs, participava das conversas nos grupos de desigrejados do Facebook e entrevistava meus interlocutores via *in box* da rede social, eu aprendia não apenas sobre os desigrejados em si, mas também a fazer uma pesquisa de cunho etnográfico.

É claro que não penso ter aprendido tudo e que este trabalho não apresente lacunas. É possível que elas existam. Esta foi minha primeira experiência com este tipo de pesquisa. E mais, minha primeira vez lidando com uma pesquisa virtual que envolve pessoas. Na verdade, quando comecei a faculdade, nem sabia da possibilidade de se realizar uma pesquisa etnográfica de forma virtual. Só tomei conhecimento que era possível graças a um professor que tive na cadeira de Antropologia da Religião (a quem rendo minhas homenagens), e isso se tornou decisivo para a concretização de toda essa pesquisa sobre os desigrejados, porque de outra maneira não seria possível realizá-la posto que o local primeiro para encontrá-los não é outro senão o mundo virtual.

Chego a este momento final do meu trabalho, pleno de realização e motivado a dar continuidade às pesquisas com esse grupo de cristãos que entendo tenha-se ainda muito sobre o qual falar, aprender e, quem sabe, colaborar de alguma maneira. Esta pesquisa foi só o começo.

O contato com as leituras e as interações com os desigrejados em si me propiciaram elaborar todo o arrazoado que apresentei desde a introdução desta monografia até o último capítulo. Penso que seja o momento de tratar de algumas ideias que todo esse convívio fez florescer em mim em relação aos desigrejados, as quais penso ser minha contribuição derradeira em relação a este trabalho e, talvez, trampolim para futuras pesquisas e elaboração de textos.

O primeiro ponto que quero abordar tem relação com o fato de porque, em minha opinião, alguns tiveram a impressão de que os desigrejados aparecem no censo de 2010 de forma tão expressiva.

Após a divulgação dos dados do censo de 2010, houve um tremendo entusiasmo entre os desigrejados, pois entenderam serem eles a totalidade dos evangélicos não determinados apresentados naquele levantamento censitário. Ocorre que esse entusiasmo, aparentemente, deveu-se em razão de uma análise precipitada dos números trazidos pelo IBGE, sem o devido conhecimento da metodologia empregada e os problemas dela decorrentes. Esse desconhecimento parece ficar patente tanto ao se observar que esses entusiastas não levaram em conta a possibilidade de que os desigrejados pudessem também estar entre os sem religião (como advogo neste trabalho), quanto ao considerarem que além dos desigrejados estarem apenas entre os evangélicos não determinados, eles unicamente fossem todo aquele contingente de pessoas recenseadas.

Esse entusiasmo tornou-se muito forte e espalhou-se país a fora mediante o uso de recursos tecnológicos de comunicação instantânea e de enorme capilaridade (redes sociais), provocando uma reação explosiva ao juntar pessoas com baixo grau educacional, o oportunismo de alguns contra e a favor da ideia de deixar de congregar, e crenças superficiais sem muito ardor de viver junto de outros ainda que da mesma fé (evangélicos menos afeitos a estruturas burocráticas e que limitam sua frequência aos templos, preferindo às vezes as paróquias virtuais, conforme nos ensina Giumbelli (2013)).

Pensando em virmos a ter uma informação mais correspondente à realidade a respeito do número de desigrejados no país, apresento uma sugestão de inserção no banco de dados do programa do censo (quando ele finalmente ocorrer) de uma nova opção para que o recenseado possa indicar como resposta que ele é um desigrejado, e isso seja registrado. Entendo que isso possibilitaria que esse grupo de cristãos não aparecesse mais diluído entre os sem religião e/ou os evangélicos não determinados, ou caso ainda viessem a aparecer seria de uma maneira possivelmente bem menor que no censo atual, pois haveria a possibilidade de autodeclaração como desigrejado.

A exemplo de Mafra e outros autores mencionados ao longo do trabalho sugerindo mais uma pergunta para constar no próximo censo, entendo que eu também possa fazer uma sugestão (além das que eles mencionaram) para constar no futuro censo.

Esses autores foram unânimes em dizer que se faz necessário no próximo censo a existência de uma outra pergunta sobre religião, que complemente a já existente, de

maneira que se possa ver indicada alguma denominação de pertença do respondente e com isso não venha a ocorrer uma sobreposição das categorias que leva a que se tenha interpretações distintas e por vezes conflitantes por parte dos estudiosos.

Para mim isso faz todo sentido e entendo que a presença de uma outra pergunta além de possibilitar ver a indicação de alguma denominação ao qual o recenseado pertença, poderia permitir também se identificar os que de fato são desigrejados. Creio que tudo dependeria das perguntas feitas e das opções de respostas constantes no questionário.

Hoje, por certo, o número de desigrejados já é bem superior àquele dos tempos do censo de 2010, mas é difícil precisar um número nacional de desigrejados, pois não há uma pesquisa específica que os tenha contado país afora. Os dados que se utiliza ainda são os do último censo, no que diz respeito às religiões. Embora esses dados tenham servido para chamar a atenção para o fenômeno, pairam dúvidas quanto a se eles realmente refletem a quantidade de desigrejados brasileiros. Isso ocorre porque os desigrejados, com esse nome, se acham ausentes no censo, o que leva a uma certa falta de garantia que pode acabar levando a equivocadas interpretações.

Essa minha sugestão não visa substituir a sugestão dos autores acerca de outra pergunta complementar, com a qual concordo plenamente, mas tem a intenção tão somente de ampliar a possibilidade de se encontrar nos dados do próximo censo, quem sabe de uma maneira mais direta, a presença dos desigrejados.

O objetivo maior deste trabalho foi o de procurar trazer ao conhecimento de todos que com ele tiverem contato que existe um grupo de cristãos, os desigrejados, que se propõem a continuar vivendo sua vida de fé e comunhão fora das denominações. Não bastasse (penso) ter conseguido contemplar esse objetivo, o curso da pesquisa me levou a "tropeçar" em algo que não estava inicialmente nos meus planos, que foi o de vir a encontrar algo que, até onde pude apurar, nenhum outro estudioso das questões do censo concernentes ao mundo religioso salientou, qual seja o fato de que não é de todo descartável a possibilidade de ver esses desigrejados inseridos não apenas na categoria dos evangélicos não determinados, mas também na categoria dos sem religião, embora, talvez, em menor quantidade que naquela.

Outra contribuição que busco trazer reveste-se de certa controvérsia. Quando das entrevistas que realizei, uma das perguntas que fiz era se na opinião do entrevistado o desigrejado deve ser ainda considerado evangélico ou se ao sair do sistema religioso evangélico ele passa a constituir um outro tipo de cristão (não mais evangélico). Dentre

meus interlocutores, houve quem respondeu que o desigrejado não é mais um evangélico e que sua saída do sistema religioso evangélico conduziria o sujeito a constituir um outro tipo de cristão, que por sua vez poderia ensejar o surgimento de uma nova cultura religiosa cristã. Concordo plenamente com eles. Mas devo admitir que não há unanimidade (talvez nem uma maioria) quanto a isso.

Muitos desigrejados ainda se consideram evangélicos e ao longo de todo este trabalho assumi esse entendimento, tendo em vista que, pelo que pude depreender dos comentários em minhas interações nos grupos de desigrejados no Facebook, bem como de algumas falas das pessoas que me concederam as entrevistas, essa postura parece ser majoritária em relação a esse aspecto da identidade desigrejada.

Porém, penso que, neste momento em que busco apresentar alguns posicionamentos pessoais sobre os desigrejados, possa levantar um questionamento que tenho enquanto desigrejado que sou e a partir do que pude observar ao longo da pesquisa. Será que um desigrejado pode mesmo ser considerado evangélico, ou ele já não é mais um evangélico a partir do momento que se assume como desigrejado? Para tentar me fazer entender, procuro estabelecer uma relação entre católico/evangélico e evangélico/desigrejado.

Quando pensamos que católicos e evangélicos são cristãos e que entre eles existem convergências, há de se pensar, também, que existem divergências profundas, que acabam por fazer-nos entender que não se tratam de uma mesma categoria cristã; ainda que se possa pensar historicamente que os evangélicos surgiram dentre os católicos. Embora católicos e evangélicos tenham pontos em comum, eles não pertencem ao mesmo segmento religioso, ou seja, não dá pra se dizer, em se tratando de questões religiosas, que católicos e evangélicos sejam a mesma coisa.

Agora analisemos a questão evangélico/desigrejado.

Quando pensamos que evangélicos e desigrejados são cristãos e que entre eles existem convergências, há de se pensar, também, que existem divergências profundas, que podem acabar por fazer-nos entender que não se tratam de uma mesma categoria cristã; ainda que se saiba que os desigrejados surgiram dentre os evangélicos. Num olhar não tão acurado em relação aos desigrejados, se pode pensar que os mesmos continuam a ser evangélicos, posto que guardam com esses muitos pontos de concordância e práticas. Mas os desigrejados tecem várias críticas ao que vivenciaram dentro das denominações, a ponto de dizerem que deixaram o sistema religioso evangélico. Daí, no meu entender e na compreensão de alguns outros desigrejados, não fazer sentido continuarem a ser contados

entre aqueles do meio ao qual alegam ter se retirado, ou seja, eles não pertencem mais ao mesmo segmento religioso; logo, não dá pra se dizer, em se tratando de questões religiosas, que evangélicos e desigrejados sejam a mesma coisa.

Isso posto, entendo ficar claro que da mesma forma que não há porque se duvidar de que católicos e evangélicos não são a mesma coisa, muito embora esses apresentem pontos em comum com aqueles, também não há porque se duvidar de que evangélicos e desigrejados não são a mesma coisa, muito embora esses apresentem pontos em comum com aqueles. Como no caso católicos/evangélicos, nesse dos evangélicos/desigrejados, todos os pontos, em comum ou não, são importantes para o entendimento a cerca desse novo segmento cristão, pois todos eles são partícipes da construção da identidade religiosa dos mesmos.

Assim, levanto a questão de que os desigrejados, embora do ponto de vista antropológico sejam religiosos e do ponto de vista religioso sejam cristãos, não são mais evangélicos, considerando-se que não o são justamente porque propõem uma forma de praticar a fé cristã diferente da praticada pelos evangélicos.

Tendo ciência de que essa ideia de que evangélicos e desigrejados não são a mesma coisa é passível de controvérsia, posto que aqueles que entendem os desigrejados como evangélicos o fazem a partir de uma perspectiva dada como certa, alicerçada em tudo o que se vem construindo sobre o que seja ser evangélico, pois assim foram ensinados e/ou desenvolveram seus estudos, não quero passar a ideia de que eu esteja absolutamente certo ao dizer que eles não são a mesma coisa, mas tão somente deixar, ao fim deste trabalho, algo para se pensar.

Mas se digo que os desigrejados não são mais evangélicos, embora admita uma boa proximidade entre eles, o que afinal eu digo serem os desigrejados, nesse universo cristão?

Se aderirmos ao entendimento de que o desigrejado não pode mais ser considerado evangélico, pelas razões já esboçadas, e tendo em vista a controvérsia entre os próprios desigrejados a respeito do uso dessa palavra para designar o que eles sejam, em termos de nomenclatura identitária, posso sugerir uma expressão alternativa ao termo desigrejado que flerta com o termo evangélico ao chamar o desigrejado de pós-evangélico.

Adoto essa expressão pós-evangélico em sintonia com a proposta pós-modernizante do mundo líquido de Bauman (2007), para poder, ao mesmo tempo, vincular o desigrejado ao mundo evangélico do qual ele saiu (tão somente para mostrar sua origem) e esclarecer

que ele vive um momento de ruptura com esse mundo de onde é egresso (mediante o uso do pós).

Quando digo que o desigrejado é um pós-evangélico, estou dizendo que ele tem a possibilidade de superar essa questão de pertencimento a toda uma construção histórico-cultural do mundo evangélico e de lá pretender se separar a fim de construir uma nova realidade que, embora carregue alguns pontos de contato com o passado de onde saiu, tem por mote principal de sua nova postura o rompimento com o *modus operandi* daquele tempo e lugar. Reforço aqui a ideia de que o desigrejado pode não ser um novo tipo de evangélico, apenas mais independente e com menor fidelidade denominacional, mas sim um novo tipo de cristão (na verdade uma tentativa de voltar a ser aquele velho cristão dos tempos bíblicos), que eu tomo a liberdade de chamar de pós-evangélico.

Talvez, como no caso em que digo que o desigrejado não seja mais evangélico, essa minha colocação do termo pós-evangélico para designar o desigrejado, também suscite controvérsias. Sem problemas. Penso que aqui e agora seja a oportunidade que tenho, neste trabalho, de trazer minhas contribuições pessoais, não para tentar impô-las, mas no sentido de levar a reflexões.

Neste momento em que encerro o presente trabalho, penso ser importante deixar consignado que a intenção ao longo do mesmo nunca foi a de tentar exaurir o tema desigrejados, antes pelo contrário; o que procurei foi trazer um conhecimento sobre algo, provavelmente, novo para alguns, de modo que ao tomar contato com ele, as pessoas sintam-se motivadas a querer saber ainda mais sobre o mesmo e possam, quem sabe, elas mesmas tornarem-se construtoras de novos conhecimentos sobre ele, através de futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDRE, Ricardo. *A nova reforma protestante*. São Paulo: Revista Época, 14 ago 2010.

Acessado em 3 de outubro de 2015.

Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI161475-15228,00.html>

ANGROSINO, Michael. *Etnografia e Observação Participante*. In: _____ Etnografia e Observação Participante. Porto Alegre: Grupo A, 2009. p. 15-34.

BALLOUSSIER, Anna Virginia. *Cara típica do evangélico brasileiro é feminina e negra, aponta Datafolha*. São Paulo: Jornal Folha de São Paulo, 13 jan 2020.

Acessado em 27 de maio de 2021.

Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/cara-tipica-do-evangelico-brasileiro-e-feminina-e-negra-aponta-datafolha.shtml>

BAUMAN, Zygmunt. *Tempos Líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BITUN, Ricardo. *Mochileiros da fé*. São Paulo: Editora Reflexão, 2011.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007. Coleção Estudos, 20.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Ser católico: dimensões brasileiras - um estudo sobre a atribuição de identidade através da religião*. In SACHS, Viola et al. *Brasil & EUA: religião e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Graal, 1988. p. 27-58.

CAMPOS, Idauro. *Desigrejados: Teoria, História e Contradições do Nihilismo Eclesiástico*. 5. ed. Rio de Janeiro: Contextualizar, 2015. 236 p.

CAMPOS, Idauro. *Os congregacionais no Brasil (1855 - 2015): 160 anos de história e bênçãos*. São Paulo: Revista Teologia Brasileira. Edições Vida Nova, 2015.

Acessado em 2 de novembro de 2018.

Disponível em: <http://www.teologiabrasileira.com.br/teologiadet.asp?codigo=445>

CARDOSO, Rodrigo. *O novo retrato da fé no Brasil*. São Paulo: Revista Isto É, 19 ago 2011.

Acessado em 3 de outubro de 2015.

Disponível

em:

http://istoe.com.br/152980_O+NOVO+RETRATO+DA+FE+NO+BRASIL/

CENTRO APOLOGÉTICO CRISTÃO DE PESQUISAS. *Os desigrejados (Artigo compilado)*. www.cacp.org.br

Acessado em 11 de dezembro de 2015.

Disponível em: <http://www.cacp.org.br/os-desigrejados/>

CENTRO APOLOGÉTICO CRISTÃO DE PESQUISAS. *O protestantismo no Brasil*.
www.cacp.org.br

Acessado em 1 de novembro de 2018.

Disponível em: <http://www.cacp.org.br/o-protestantismo-no-brasil/>

CORRÊA, Alan. *Dissidentes da igreja: entendendo e defendendo a igreja*. São Paulo: Editora Reflexão, 2014. 80 p.

ECKMAN, James P. *Panorama da história da Igreja*. São Paulo: Vida Nova, 2005. (Curso Vida Nova de Teologia Básica, v. 4)

FERNANDES, Rubem César. *Aparecida: nossa rainha, senhora e mãe, saravá!*. In SACHS, Viola et al. *Brasil & EUA: religião e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Graal, 1988. p. 85-111.

FERREIRA, Franklin. *A igreja cristã na história: das origens aos dias atuais*. São Paulo: Vida Nova, 2013.

FRESTON, Paul. *Breve histórico do pentecostalismo brasileiro*. In: ANTONIAZZI, A. et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 67-159.

GIUMBELLI, Emerson. *Em busca de narrativas de diversidade*. Porto Alegre: Revista Debates do NER, ano 14, n. 24, p. 59-75, jul./dez. 2013.

GOIS, Antônio e SCHWARTSMAN, Hélio. *Cresce o número de evangélicos sem ligação com igrejas*. São Paulo: Jornal Folha de São Paulo, 15 ago 2011.

Acessado em 3 de outubro de 2015.

Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po1508201102.htm>

GOT QUESTIONS. *O que é evangelicalismo?* www.gotquestions.org

Acessado em 31 de outubro de 2018.

Disponível em: <https://www.gotquestions.org/Portugues/evangelicalismo.html>

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. *Censo 2010: Amostra - Religião*.

Acessado em 18 de novembro de 2019.

Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/22107>

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. *Censo 2010: População do Brasil*.

Acessado em 19 de novembro de 2019.

Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?busca=1&id=3&idnoticia=1766&t=censo-2010-populacao-brasil-190-732-694-pessoas&view=noticia>

LOPES, Augustus Nicodemus. *Os Desigrejados*. 5 abr 2010, <http://temporaires.blogspot.com.br>

Acessado em 30 de maio de 2017.

Disponível em: <http://tempora-mores.blogspot.com.br/2010/04/os-desigrejados.html>

MAFRA, Clara. *Números e narrativas*. Porto Alegre: Revista Debates do NER, ano 14, n. 24, p. 13-25, jul./dez. 2013.

MARIANO, Ricardo. *Mudanças no campo religioso brasileiro no censo 2010*. Porto Alegre: Revista Debates do NER, ano 14, n. 24, p. 119-137, jul./dez. 2013.

MARIZ, Cecília L. *O que precisamos saber sobre o censo para poder falar sobre seus resultados? Um desafio para novos projetos de pesquisa*. Porto Alegre: Revista Debates do NER, ano 14, n. 24, p. 39-58, jul./dez. 2013.

MATOS, Alderi Souza de. *Breve história do protestantismo no Brasil*. Goiânia: Vox Faifae - Revista de Teologia da Faculdade FASSEB, v. 3, n. 1. Faculdade Assembleiana do Brasil, 2011.

Acessado em 3 de novembro de 2018.

Disponível em: <http://www.faifa.edu.br/revista/index.php/voxfai/fae/article/view/27/46>

POLIVANOV, Beatriz. *Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos*. Revista Esferas, Ano 2, n. 3, Brasília: Revista Interprogramas de Pós-graduação em Comunicação do Centro Oeste, jul/dez 2013. Versão on line.

Acessado em 8 de dezembro de 2015.

Disponível em: <http://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/viewFile/4621/3243>

ROLIM, Francisco Cartaxo. *O que é pentecostalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Coleção Primeiros Passos, v. 188)

SHELLEY, Bruce L. *História do Cristianismo ao alcance de todos*. São Paulo: Shedd Publicações, 2004.

SOUZA, José Roberto de. *Relatos históricos do protestantismo brasileiro: a contribuição de Ashbel Green Simonton para o protestantismo de missão*. Recife: V Colóquio de História. UNICAP, 2011.

Acessado em 1 de novembro de 2018.

Disponível em: <http://www.unicap.br/colouquiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/5Col-p.1123-1140.pdf>

TADVALD, Marcelo. *Veredas do sagrado: Brasil e Argentina no contexto da transnacionalização religiosa*. Porto Alegre: CirKula, 2015.

TAVARES, Fábio Roberto. *Movimentos religiosos contemporâneos*. Indaial: Uniasselvi, 2016.

VIOLA, Frank. *Vivenciando uma igreja orgânica*. Brasília: Editora Palavra, 2011.

WIKIPEDIA. *Cronologia das igrejas protestantes e outras no Brasil*.

Acessado em 3 de novembro de 2018.

Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Cronologia_das_igrejas_protestantes_e_outras_no_Brasil

ZÁGARI, Maurício. *Decepcionados com a Igreja*. Niterói: Revista Cristianismo Hoje, ano 4, n. 19, out./nov. 2010.

Acessado em 3 de outubro de 2015.

Disponível em: https://issuu.com/cristianismohj/docs/ch_19_finalizada_baixa